



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**FRANCISCO JOSÉ SANTOS DA SILVA**

**CORPOTERRITÓRIO: ESCRITARIAS DE**  
**ARTE E VIDA COTIDIANA NUM PROCESSO DE CRIAÇÃO E(M) DANÇA**

**FORTALEZA**  
**2025**

FRANCISCO JOSÉ SANTOS DA SILVA

CORPOTERRITÓRIO: ESCRITARIAS DE  
ARTE E VIDA COTIDIANA NUM PROCESSO DE CRIAÇÃO E(M) DANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (PPGARTES/UFC) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da Criação e do Pensamento em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Emyle Pompeu de Barros Daltro Pellegrin

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S58c Silva, Francisco José Santos da.  
CORPOTERRITÓRIO : Escritarias de arte e vida cotidiana num processo de criação e(m) dança.  
/ Francisco José Santos da Silva Silva. – 2025.  
164 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós- Graduação em Artes, Fortaleza, 2025.  
Orientação: Profa. Dra. Emyle Pompeu de Barros Daltro Pellegrim .
1. corpo-território. 2. escritaria. 3. terrenos de memórias. 4. processo de criação em dança. 5. CorpoMar. I. Título.

CDD 700

---

FRANCISCO JOSÉ SANTOS DA SILVA

CORPOTERRITÓRIO: ESCRITARIAS DE  
ARTE E VIDA COTIDIANA NUM PROCESSO DE CRIAÇÃO E(M) DANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Poéticas da Criação e do Pensamento em Artes.

Aprovada em: 26/02/2025

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Emyle Pompeu de Barros Daltro Pellegrim (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Thereza Cristina Rocha Cardoso  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosa Ana Fernandes de Lima  
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

Dedico essa tarefa à minha mãe, dona  
Sebastiana, fonte de amor, acolhimento e  
inspiração.

## AGRADECIMENTOS

À minha Mãe Dona Sebastiana. Aos meus amigos Savio Santos, Erick Dias e Manoel Saldanha pela dançaescritaria. Aos pescadores João Cristina e Antônio Militão, pelos saberes compartilhados. Aos meus compartilhadores de histórias, Zequinha Ginuca e Antônio José. À comunidade de Caraúbas pela confluência gerada desde menino, por acolher minha família, a casa de barro e as histórias que me constituem como este Rito. À *Arreios Cia de Dança* pela densa jornada dançante, acolhimento e generosidade. A meu amigo e incentivador acadêmico, Juscelino Santos. Aos fotógrafos Célio Alves e Adalberto Feitosa, por todas as ilustrações. Ao território trairiense, pedaço de chão do interior do Ceará, aos seus mares por suas veredas e estradares de compartilhadas pesqueiras e ao sertão pela quentura e efervescência das sabedorias vivas. A todos os seres que compõem o ambiente praiano contado pelo *CorpoMar*, aos sagrados, ao não visto, e ao sensível a olho nu, aos corais, os peixes, os rolos e os caçuás. À professora Emyle Pompeu de Barros Daltro Pellegrin, pelas colaborações, ensinamentos e amizades. À minha família, meus irmãos e minhas irmãs.

*ritoesia*

*eu sou saber comunitário  
de origem simples  
de corpo rural  
menino preto  
da geração de escorpião  
medo eu já tive  
flores também  
sou da lama rochosa  
das artes sensíveis  
sou do terreiro dos oprimidos  
das marias, das sebastianas, dos franciscos e  
dos josés  
(Rito Jesus)*

## RESUMO

Este trabalho pensa corpo e criação em dança a partir de caminhos da vida cotidiana e de memórias do autor da pesquisa, acionadas no/com o território de Canaan, município de Trairi, Ceará. É na relação criadora com o território que são corporificadas as noções de comunidade e fazer coletivo, que marcam as produções artísticas da *Arreios Cia de Dança*, da qual o autor, artista-pesquisador, faz parte. Nessa relação, brincadeiras de infância, recordações, escritas poéticas e a afetabilidade dos integrantes da *Arreios Cia de Dança* são ativadas por meio da noção de “terrenos de memórias”, momentos conversantes e experimentações em dança, recompondo dramaturgicamente o espetáculo *CorpoMar*, que vem sendo apresentado desde o ano 2021, até os dias de hoje. Nesse caminho, uma sementeira criativa, com o objetivo de recriar cenas do referido espetáculo foi realizada. Autoras/es como Leda Maria Martins, Conceição Evaristo e Antônio Bispo foram acessadas/os, para pensarmos a noção de memória. Com Milton Santos e Célia Xakriabá, nos entendemos como corpos-território. As conversas com os estudos de Thereza Rocha nos possibilitaram criar dramaturgias entrelaçadoras de arte e corpos cotidianos nos processos de criação de corpos e(m) danças, tendo como referência o espetáculo *CorpoMar*.

**Palavras-chave:** corpo-território; escritaria; terrenos de memórias; processo de criação em dança; *CorpoMar*.

## ABSTRACT

This work considers the body and creation in dance based on the paths of everyday life and memories of the author of the research, activated in/with the territory of Canaan, municipality of Trairi, Ceará. It is in the creative relationship with the territory that the notions of community and collective action are embodied, which mark the artistic productions of Arreios Cia de Dança, of which the author, artist-researcher, is a member. In this relationship, childhood games, memories, poetic writings and the affectability of the members of Arreios Cia de Dança are activated through the notion of “land of memories”, conversational moments and experiments in dance, dramaturgically reconstructing the show *CorpoMar*, which has been presented since 2021, until today. In this path, a creative seeding was carried out, with the objective of recreating scenes from the aforementioned show. Authors such as Leda Maria Martins, Conceição Evaristo and Antônio Bispo were consulted to help us think about the notion of memory. With Milton Santos and Célia Xakriabá, we understood ourselves as bodies-territory. The conversations with Thereza Rocha's studies allowed us to create dramaturgies that intertwine art and everyday bodies in the processes of creating bodies and/or dances, using the show *CorpoMar* as a reference.

**Keywords:** body-territory; writing; lands of memories; creative process in dance; *CorpoMar*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	- Crianças da comunidade de Canaan, distrito de Trairi, brincando no campinho de areia .....	17
Figura 02	- Dona Sebastiana tecendo renda de birro .....	19
Figura 03	- Rito Jesus, fazendo renda de bilro durante a pesquisa do projeto Rastros na comunidade de Canaan .....	20
Figura 04	- Espetáculo: <i>Raízes</i> .....	26
Figura 05	- Espetáculo: <i>As coisas de nossa terra</i> .....	27
Figura 06	- Exercício: um modo de pensar escritaria .....	30
Figura 07	- Criança brincado com o “pé” de cajueiro na comunidade de Canaan .....	33
Figura 08	- Banho de cuia na festa do murici e do batiputá, na terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca/CE .....	34
Figura 09	- Praça da matriz de Canaan, Trairi/CE .....	36
Figura 10	- Planta caraúbas no período do inverno .....	37
Figura 11	- Planta caraúbas no período do verão .....	37
Figura 12	- Momento Conversante com Dona Sebastiana na comunidade de Caraúbas ....	42
Figura 13	- Momento Conversante com Dona Sebastiana na comunidade de Caraúbas ....	43
Figura 14	- Dona Bia, a mulher parteira que me trouxe ao mundo .....	45
Figura 15	- Casa de Barro na comunidade de Caraúbas.....	46
Figura 16	- Fogão a lenha ainda presente nas casas na comunidade de Caraúbas .....	47
Figura 17	- Momentos de conviver com os não humanos .....	53
Figura 18	- Momentos de conviver com os não humanos .....	54
Figura 19	- Apresentação do grupo de jovens, paróquia São José, Canaan .....	57
Figura 20	- Apresentação no encontro diocesano da Pastoral da Juventude .....	58
Figura 21	- Grupo junino infantil - comunidade de Canaan .....	60
Figura 22	- Grupo junino Flor da Terra, Itapipoca/CE .....	61
Figura 23	- Encontro forrozeiro com Ritos Jesus.....	63
Figura 24	- Videodança: Rastros.....	65
Figura 25	- Grupo de dança Toque Movimento, Canaan, Trairi/CE .....	68
Figura 26	- Praia da Emboaca, Trairi/CE, um encontro de mata, duna e água .....	70
Figura 27	- Pescador na praia da Emboaca .....	71
Figura 28	- Residência Artística com Fernando Bongiovanni, Cidade de Paracuru/CE .....	73

Figura 29 - Residência Artística com Fernando Bongiovanni, Paracuru/CE .....	74
Figura 30 - Exercício teórico com Fernando Bongiovanni .....	75
Figura 31 - Exercício teórico com Fernando Bongiovanni .....	76
Figura 32 - Exercício teórico com Fernando Bongiovanni .....	77
Figura 33 - Residência Artística - exercício de chão .....	78
Figura 34 - Gravação da videodança nas dunas e na praia Emboaca, Trairi/CE .....	78
Figura 35 - Gravação da videodança nas dunas e na praia Emboaca, Trairi/CE .....	80
Figura 36 - Mostra de Dança Virtual Movimento Cênico: a criação em dança no meio digital ..	81
Figura 37 - Videodança: <i>CorpoMar</i> - publicado no dia 17/05/2021 .....	82
Figura 38 - Mostra Movimento Cênico: a criação em dança no meio digital – realizada em no dia 14/052021 .....	82
Figura 39 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	83
Figura 40 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	84
Figura 41 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	85
Figura 42 - Momento Conversante com os pescadores da praia de Cana Brava .....	86
Figura 43 - Momento Conversante com seu Militão de Cana Brava .....	86
Figura 44 - Seu Antônio Militão pescador .....	87
Figura 45 - Seu João Cristina pescador.....	88
Figura 46 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	89
Figura 47 - Roda de saberes com seu João Cristina sobre os currais pesqueiros .....	90
Figura 48 - Confluência de saberes e ambientes: o encontro da vida cotidiana com a arte.....	92
Figura 49 - Momento Conversante com os pescadores de Cana Brava, Trairi/CE.....	93
Figura 50 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	94
Figura 51 - Anotação da Semeadura Criativa <i>CorpoMar</i> .....	95
Figura 52 - Encontro da caminhada: semeadura e apresentação .....	96
Figura 53 - Encontro da caminhada: semeadura e apresentação .....	97
Figura 54 - Encontro da caminhada: semeadura e apresentação com Erick Dias .....	98
Figura 55 - Apresentação do espetáculo <i>CorpoMar</i> na comunidade Cana Brava .....	100
Figura 56 - Estudo musical com o artista Thiago Patricio .....	101
Figura 57 - Encontro da caminhada: semeadura e apresentação .....	102
Figura 58 - Apresentação do espetáculo <i>CorpoMar</i> na comunidade Cana Brava .....	104
Figura 59 - 1ª Semeadura Coletiva do espetáculo <i>CorpoMar</i> - Bienal de Dança do Ceará, cidade de Trairi/CE .....	106

Figura 60	- Festival Trairi das Culturas, Trairi/CE .....	106
Figura 61	- Temporada de Arte Cearense / Casa Antônio Conselheiro, Quixeramobim/CE ...	107
Figura 62	- Temporada de Arte Cearense, apresentação na EEEP Dr. José Alves da Silveira Quixeramobim/CE .....	109
Figura 63	- Festival Escola Criativa, Jijoca/CE .....	110
Figura 64	- XVI Bienal Internacional de Dança do Ceará .....	111
Figura 65	- Festival Praieira: comunidade da Baleia, município de Itapipoca/CE .....	112
Figura 66	- Momento Conversante na Casa de Cultura Chico Saldanha .....	115
Figura 67	- Encontro da caminhada: sementeira e apresentação.....	116
Figura 68	- CorpoMar na comunidade de Emboaca, Trairi/CE .....	117
Figura 69	- CorpoMar na comunidade de Cana Brava, Trairi/CE .....	118
Figura 70	- Pescadores da comunidade de Cana Brava e apresentação do espetáculo CorpoMar.....	120
Figura 71	- Sementeira Criativa do CorpoMar.....	121
Figura 72	- Figurino do espetáculo CorpoMar.....	123

## SUMÁRIO

1	AS ESTRADAS – INTRODUÇÃO.....	13
2	ABRINDO CAMINHOS PARA UMA ESCRITARIA.....	25
3	TERRENOS DE MEMÓRIAS.....	40
3.1	Tarde Conversante com minha mãe, Dona Sebastiana.....	42
3.2	Meu nascimento.....	44
3.3	A casinha.....	46
3.4	Corpo/dança ou corpo em dança.....	50
3.5	As estradas percorridas e minha descoberta como ser comunitário – dançante.....	55
3.5.1	O grupo de jovens e a Pastoral da Juventude e o Rito PeJoteiro.....	56
3.5.2	O ensino médio e o Rito aluno-artista.....	59
3.5.3	O Grupo junino <i>Grandes Canaviais</i> e o Rito quadrilheiro.....	59
3.5.4	Os forrós e o Rito forrozeiro.....	63
3.5.5	O grupo de dança <i>Toque Movimento</i> e a Cnaan Cia de Dança.....	66
4	<b>SOBRE OUTROS TERRENOS DE MEMÓRIAS E/EM/COM DANÇAS: O FAZER COLETIVO E AS SEMEADURAS CRIATIVAS DO ESPETÁCULO <i>CORPOMAR</i>.....</b>	<b>70</b>
4.1	As estradas que levam ao <i>CorpoMar</i> .....	70
4.2	A criação cotidiana e a poética da videodança <i>CorpoMar</i> .....	72
4.3	A criação cotidiana e a poética da videodança <i>CorpoMar</i> : 1ª Semeadura Criativa.....	83
4.4	A criação cotidiana e a poética da videodança <i>CorpoMar</i> : 2ª Semeadura Criativa.....	113
4.5	<i>CorpoMar</i> e as materialidades presentes nos figurinos.....	122
4.6	<i>CorpoMar</i> , um jeito de ser e de fazer: o pulsar da vida que chama.....	123
4.7	<i>CorpoMar</i> , um jeito de ser e de fazer: o corpo em coletividade.....	124
4.8	<i>CorpoMar</i> , um jeito de ser e de fazer: quando a leveza sob aos ambientes dançantes.....	125
4.9	<i>CorpoMar</i> : tecendo dramaturgias dos corpos e das cenas.....	127
5	<b>AS SEMEADURAS CRIATIVAS QUE SEGUEM - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE A - DE MIM'OLEQUEZA.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE B - MERGULHANÇA ARTÍSTICA.....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE C - MERGULHANÇA ARTÍSTICA: MOMENTOS, VIVÊNCIAS, RITO DE LAVAS PÉS, ALIMENTAÇÃO, PLANTAÇÃO E DESPEDIDA.....</b>	<b>137</b>

## 1 AS ESTRADAS - INTRODUÇÃO

*Querido/a/e leitor/a/e*  
*Resolvi visitar caminhos e fazer caminhos de volta.*  
*Pisar nas marcas deixadas, revendo a estrada já percorrida.*  
*Resolvi banhar-me com o sol da manhã,*  
*buscando descansar no silêncio da sombra dos cajueiros,*  
*apreciando as flores, os bichos, sentindo o cheiro da mata.*  
*Resolvi abraçar a noite e com ela, o sonho que acalma a alma.*  
*Pra poder falar das coisas que me tocam e me dançam.*  
 (Rito Jesus, Trairi, 2023)

### COM VOSSA PERMISSÃO

peço permissão às senhoras mais velhas e aos senhores mais velhos da minha comunidade de Caraúbas pra plantar-semear-espalhar estas palavras, tecidas por linhas de renda de “birro”, semeada por grãos de milho e feijão, assegurada por pedaço de mandioca e colorida por flores amarelas, e contar, na forma de memorial, as coisas bonitas do lugar, a dança do menino Rito, os terrenos como chão de todas as pessoas, a partir dos saberes e fazeres da oralidade e da “escritaria”, compreendendo a beleza da ressignificação da “tradição escrita” por meio da fala

de um povo

acolhedor,

simples,

corajoso e

batalhador.

Esta pesquisa se compõe da busca da minha trajetória de vida-dança-arte como o artista Rito Jesus, da cidade de Trairi, interior do Estado do Ceará. Nessa escritaria, estudaremos o espetáculo *CorpoMar* da Arreios Cia de Dança<sup>1</sup> de Trairi, companhia da qual participo há 16 anos. *CorpoMar* nos permite perceber um pouco da atuação artística dessa companhia, que se nutre das coisas cotidianas vivenciadas para criar procedimentos e modos de fazer nesse coletivo, considerando suas materialidades/socialidades (DALTRO, 2014)<sup>2</sup> e buscando

---

<sup>1</sup> A Arreios Cia de Dança desenvolve sua pesquisa em dança contemporânea na cidade de Trairi/CE, desde o ano de 1998, estudando e experimentando diversas linguagens de danças populares e tradicionais, como xotes, forrós, baiões e especialmente o coco de lagoa da comunidade de Alagadiço, Canaan, pesquisado nas corporeidades dos povos tradicionais do semiárido e do mar de Trairi, referências para seus espetáculos, por possuírem um ritmo muito contagiante e cheio de artimanhas. Atualmente são 25 anos de trajetórias dançantes na cidade de Trairi, interior do estado do Ceará.

<sup>2</sup> Em sua tese de doutorado, Emyle Daltro, em diálogo com autores como John Law, Annemarie Mol, Bruno Latour, Donna Haraway, entre outros, usa a expressão materialidade/socialidade, escrita dessa maneira, ou seja, com a barra inclinada entre os termos, “com o intuito de reforçar a dimensão de co-constituição em que social e

perceber como todas essas coisas constituem corpo, criação e saberes em dança, circularizando um processo de caminhada junto à arte.

Nesse lugar, banhado por praias, coqueiros, sertões e manguezais chamado de Trairi, em 1998, juntamente com artistas da cidade de Itapipoca e de outros municípios do Vale do Curu, aconteceu uma efervescência cultural em Trairi. Foi no calor quente do sertão trairiense, no distrito de Gualdrapas, que nasceu a Arreios Cia de Dança, da qual, que de início participaram 15 jovens, meninos e meninas, filhos e filhas de agricultores e agricultoras. Assim, começaram a se envolver com as danças tradicionais, embalados pelo xote, baião e o coco de lagoa, primeiras vivências dançantes dessa companhia, compartilhadas com Gerson Moreno, coreógrafo da Cia Balé Baião de Itapipoca.

Nessa circularidade de saberes muitos/as/es outros/as/es artistas da dança do estado do Ceará e do Brasil colaboraram com o processo formativo da Arreios Cia de Dança, como: Sílvia Moura (dança contemporânea), Isabel Marques (dança educação), Flávio Sampaio (ballet clássico), Orlângelo Leal (percussão), Fauller (dança contemporânea) e Wilemara Barros (ballet clássico), dentre tantos outros/as/es.

Nessa caminhada de 25 anos de dança, acolhendo as materialidades/socialidades praianas, sertanejas e ancestrais, e assim, dançamos 17 espetáculos, que são: *Seu Zé* (2000); *Nordeste Brasileiro* (2001); *Daquilo que Somos Feitos* (2003); *Ana* (2004). *Vila do Livramento* (2005); *Simetria Corpórea* (2006); a 2ª Versão de *Vila do Livramento* (2007); *Desapegos* (2008); *Contratemplos* (2009); *A delicadeza da Loucura* (2010); *Daquilo que me resta* (2011); *Corpo Divino* (2013); *Parágrafo e Reticências* (2014); *Cinco para uma dança* (2015); *Caiçaras, entre Linhas e Redes* (2018); *Madeixas* (2020) e *CorpoMar* (2021).

Nessa pluralidade, a Arreios Cia de Dança participou das 15 edições do Festival de Dança do Litoral Oeste, evento que acontece nas cidades de Paracuru, Trairi e Itapipoca; da Bienal Internacional de Dança do Ceará e da Bienal de Par em Par. Nesse trajeto, iniciamos uma pesquisa sobre os rituais santos e profanos da cidade de Trairi, pesquisa essa que se consolidou no espetáculo *Corpo Divino*. Em 2018, nasceu o trabalho artístico *Caiçaras, entre Linhas e Redes*, dirigido por Gerson Moreno. Em parceria com a Rede de Dança do Ceará<sup>3</sup>,

---

material se encontram – a imbricação do social no material e do material no social” (2014, p. 68). Compartilho dessa mesma percepção no processo de realização desta pesquisa de mestrado. Vale destacar que nos trechos em que me referir somente a materialidades (não/humanos), as socialidades (humanos) estarão aí imbricadas compondo-as e vice-versa.

<sup>3</sup> A Rede de Dança do Ceará é um programa que visa a formação, criação e difusão de dança no estado do Ceará. A rede envolve grupos, artistas, agentes e instituições culturais. A Rede de Dança do Ceará atua nas cidades de Itapajé, Quixadá, Tabuleiro do Norte e Trairi.

logo em seguida, participamos de uma circulação no estado – celebrando os 20 anos de Arreios Cia de Dança de Trairi.

Através do *Projeto Movimento Cênico*, com o olhar/tutoria de Luiz Fernando Bongiovanni, criamos o espetáculo *CorpoMar*, que foi contemplado no edital TAC – Temporada de Arte Cearense e no 13º Edital Ceará das Artes. Nesse tempo, a Cia vem pesquisando o forró ancestral trairiense, que resultará em um novo espetáculo de dança, a se chamar *Rastro*. Nesse dançar com ancestralidade forrozeira trairiense, trago pra dançar com comigo Éder Soares:

O forró ancestral vem das bandas territoriais  
 Nas brenhas do sertão cearense  
 Tem um vale que vive um povo resistente  
 O céu mostra nossa pequenez  
 O chão dita como quer ser pisado  
 Aqui o povo sabe o tempo das coisas  
 E as coisas andam junto aos seus  
 A bença sol, seja bem-vinda chuva  
 (Éder Soares, 2024)

Por aqui, dizemos, que a Arreios Cia de Dança nunca teve um espaço próprio para seus encontros, aulas, montagens e ensaios, sempre se fez necessário pedir ou alugar sala de aula, salão de igreja, escola ou casa para realizar o trabalho. A Cia não é um grupo formado por dançarinos/as/es advindos de escolas de dança formais, somos pessoas dançantes de territórios periféricos e rurais, filhos e filhas de pescadores e pescadoras, trabalhadores e trabalhadoras do campo. A Arreios Cia de Dança foi o primeiro coletivo de dança a ser criado na cidade de Trairi.

Quando cheguei na *Arreios Cia de Dança*, meu corpo dançava os forrós, as danças juninas e trazia as experiências de coreografias criadas no grupo de jovens da igreja. Na Arreios, tive contato com a dança contemporânea, a dança-educação, o balé clássico, a dança de rua, fiz curso de teatro, mas sempre obedecendo técnicas e pensamentos construídos por outras pessoas, a partir de lógicas euro-estadunidense centradas.

---

Durante essa trajetória de trabalhos da *Arreios Cia. de Dança*, dancei os espetáculos: *Desapegos* (2008); *Contratempos* (2009); *A delicadeza da Loucura* (2010); *Daquilo que me resta* (2011); *Corpo Divino* (2013); *Parágrafo e Reticências* (2014); *Cinco para uma dança* (2015); *Caiçaras, entre linhas e redes* (2018); *Madeixas* (2020) e *CorpoMar* (2021). Também participei de todas as edições, que no total são 15, do Festival de Dança do Litoral Oeste; bem como da Bienal Internacional de Dança do Ceará em Fortaleza, da Bienal de Par em Par; do Festival Internacional de Dança em Passagem Urbana - 14º Visões Urbanas, edição virtual, na cidade de São Paulo/SP e da Mostra Corpocircuito - categoria Solos Artísticos, na cidade de Salvador/BA.

Nesse embalo de atividade e criação artística, nasce o espetáculo *CorpoMar*, um pedaço das praias e dos pescadores trairienses, que se consolidou a partir de um outro espetáculo da Arreios Cia de Dança, o *Caiçaras – entre linhas e redes*<sup>4</sup>, que já apresentava o pescador como um dos seus elementos poéticos e dramáticos. Uma obra criada a partir da residência artística *Movimento Cênico*, ministrada na Cidade de Paracuru, no ano de 2021, pelo professor-coreográfico Luiz Fernando Bongiovanni e das experiências pesqueiras e cotidianas dos dançarinos Sávio Santos, Erick Dias, Manoel Saldanha e minhas.

Em *CorpoMar*, dançamos a partir do mar e dos “petrechos”<sup>5</sup> cotidianos do pescador, que são muitos, a pesca, o barco e o mergulho; os caçuas usados pelos pescadores quando tarrafeiam pela praia; as âncoras que agarram e permitem manter o barco seguro durante a pesca em alto mar; os rolos que levam e trazem o barco do mar; as varas; os remos; os urus; as lamparinas; a reza; a dança do coco de lagoa e o forró, que se dialogaram a partir dos modos de fazer coletivos.

A partir do espetáculo *CorpoMar*, tive que começar a observar e trabalhar com mais atenção, os modos coletivos presentes em mim, nos meus e nas minhas, não só fisicamente, mas também conceitualmente e afetivamente. No fazer diário, me deparei com diferentes percepções, o que de um modo ou de outro, me levou a entender melhor os modos e as danças comunitárias presentes no meu corpo e que habitavam nos meus “terrenos de memórias”. Esse entendimento veio também do processo de direção coreográfica do espetáculo *Caiçaras: entre*

---

<sup>4</sup> O espetáculo *Caiçaras – entre linhas e redes* é uma obra que celebra os 20 anos de atuação da Arreios Cia de Dança na cidade de Trairi, com concepção e direção coreográfica de Gerson Moreno e apoio da Rede de Dança do Ceará e da Associação de Dança Arreios de Trairi.

<sup>5</sup> Apetrechos ou petrechos são objetos e/ou utensílios necessários para a execução de quaisquer atividades. Na pesca, o pescador, utiliza-se de rede de pesca (um dos seus petrechos) para praticar a atividade. Na caça, o caçador, utiliza-se de armadilha para a captura de animais e aves.

*linhas e redes*, me trazendo um olhar cuidadoso e que me levou acolher o corpo comunitário e forrozeiro que eu carregava pra cima e pra baixo.

Nesse trajeto, percebi que meus caminhos em dança se fazem a partir de experiências com dança e escritaria, bem como dos “terrenos de memórias”. Deles, surgiram algumas questões que orientaram esta pesquisa, são elas: como conseguir articular os repertórios culturais tecidos na família, na igreja, na comunidade, na escola, no córrego/mar/lagoa, no chão, nos cheiros e nos saberes com os quais fui criado, com repertórios das danças cênicas? Como a sementeira criativa do trabalho cênico *CorpoMar* se entrelaça aos processos de aprendizagem que compõem minha formação em dança, na cidade de Trairi? E como todas essas nossas vivências, escritarias, memórias se tornam/podem se tornar corpo e(m) dança? Falando sobre todas essas coisas, esta investigação se propõe também a pensar os modos como venho agenciando essas vivências, encontros, saberes cotidianos para propor o processo de recriação do trabalho *CorpoMar*.

**Figura 01** – Crianças da comunidade de Canaan, distrito de Trairi, brincando no campinho de areia.



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Rito Jesus

Na relação com as coisas do cotidiano, as brincadeiras, ora no alto das árvores, ora no chão do campinho, sempre acabavam no banho de córrego, recomendado aos gritos por mamãe.

As frutas “roubadas” com o passe livre da infância atenuavam as dificuldades desse tempo. E como poetizou Lucilane Barbosa, “eu andava pelas ruas de minha infância. Essas estradas carregam meu suor ao jogar bola com meus amigos, minhas pegadas apagadas pelo novo asfalto cobrindo as ruas [...]” (2021, p. 43). O cheiro, a voz, o silêncio e o mundo da mata, composto também pelo cheiro do caju maduro, do coco verde, do murici, do jatobá, das mangas verdes e maduras, da pitomba, da seriguela, da castanha assada, das comidas dadas para os animais, do chá de capim santo feito no fogo à lenha, eram alegrias da estação que revelam a generosidade da natureza.

Eu corria descalço nesse chão  
que fervia na quentura do sol quente.  
Não ficava cansado nem doente,  
não tomava comprimido ou injeção.  
Brincadeiras de polícia e ladrão  
sem ninguém precisar andar armado,  
com cipó o bandido era algemado  
e um grito da mãe era a fiança.  
Tem pedaços do meu tempo de criança  
no lugar em que nasci e fui criado.<sup>6</sup>

Nesse momento, lembrando das brincadeiras de infância, brinco com Lucas Machado de Oliveira, Ieda Parra Barbosa e Juliana Pizani e acolho suas falas brincadas quando eles dizem que:

O universo infantil encanta por ser rico na diversidade de manifestações corporais. Crianças brincam de pega-pega, esconde-esconde, mãe de rua e experienciam diversas possibilidades de movimento na busca de novas descobertas, que podem ocorrer por meio de elementos gímnicos, como a estrelinha, a cambalhota, a bananeira (nomes populares dados à roda, ao rolamento e à parada de mãos). (2020, p. 04).

O mundo das crianças tem mesmo suas graciosidades e generosidades. A brincadeira é uma das maneiras mais divertidas e propícias de manifestação das singularidades humanas e de expressões corporais, dançantes, comunitárias, especialmente das crianças.

Um dos “terrenos de memórias” que trago comigo, é a prática da renda de bilro (ou birro, como costumávamos falar). Fazer renda de bilro/“birro” na “mofada” da mãe, atividade

---

<sup>6</sup> *O lugar em que nasci e fui criado*, de Bráulio Bessa.

que aprendi ao observar o entrançado do bilro e da linha que era fixada no papelão com espinho retirado da mata, nos momentos que repousava meu corpo sobre os ombros dela, uma prática feita às escondidas dos olhos do meu pai e dos meus irmãos, confidenciando uma relação íntima, risonha e criativa com minha mãe. Eu era bem pequeno, minha altura era a mesma da “mofada” dos bilros/“birros” e eu ficava várias horas diante da magia das suas mãos na condução daquelas tranças.

**Figura 02** – Dona Sebastiana tecendo renda de bilro/“birro”.



Arquivo: Acervo pessoal / Foto: Lucas Santos

Assim, converso com Cunha, quando ela escreve:

a renda de bilro consiste em juntar um grupo de fios a semelhanças da urdidura de um pedaço de madeira tecido, cabendo à rendeira segurar de cada vez um par de bilro, cruzando os fios, retorcendo-os ou entrelaçando-os em simultâneo, tecendo assim diversos pontos. Cada fio gira ao redor de uma bobina ou bilro e é fixado na almofada no seu limite superior. Quando uma parte da renda se encontra trabalhada, é possível remover a primeira porção de alfinetes/“espinhos” do papelão, sendo colocado em um dos lados da “mofada” e utilizado com a continuação do trabalho, tecido pelas as mãos das mulheres rendeiras. (2008, p. 12).

A arte da renda de bilro/“birro” fez parte da minha vida. Aprendi quando criança, ao observar minha mãe fazendo essa arte tradicional que exige atenção e criatividade. Ninguém nunca me ensinou a fazer, eu aprendi sozinho, com isso, fui me familiarizando com os “birros” e os fios de linha com precisão, assim, tudo ia se tecendo com muita concentração e fluidez.

**Figura 03** – Rito Jesus, fazendo renda de bilro/“birro” durante a pesquisa do projeto Rastros na comunidade de Canaan.



Arquivo: Acervo pessoal / Foto: Lucas Santos

Mais do que um hobby, a renda de bilro desenvolveu em mim habilidades que se traduzem diretamente no meu processo criativo em dança. A repetição dos movimentos durante a tecelagem me ensinou a importância da paciência e da persistência. No campo da criação, essas qualidades são essenciais para superar desafios e dar vida às minhas ideias.

A renda de bilro/“birro” me trouxe um aprendizado que vai além da técnica. É uma celebração da tradição, da cultura caraubense. É um lembrete diário do poder transformador da arte e da relação humana e comunitária de criar e recriar coisas. Assim como os fios se entrelaçam na renda de bilro/“birro”, minhas habilidades e paixões se unem no meu processo criativo, tecendo uma jornada de expressão e realização.

Olê, muié rendeira

Olê muié rendar

Tu me ensina a fazer renda...<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Refrão da canção “muié rendeira” de Zé do Norte, cantor e compositor.

As infâncias lotadas com as vivências cheias de significados fizeram e fazem parte de minha sensibilidade artística e hoje me levam a perceber que arte pode ser uma continuação das relações com as pessoas, do contato com a natureza, do brincar, onde o lúdico recria mundos com as mais diversas possibilidades que hoje me permitem inventar as significâncias da vida.

Reconhecer-me como corpoterritório parte desse lugar que acende em mim uma trajetória vivida em um tempo sem pressa, com muita luta, regido pela conveniência do encontro, onde as estradas eram percorridas sem preocupação e temor, as risadas com os/as/es colegas tinham a liberdade sorridente, os caminhos eram/são repletos de sonoridades, desde o canto dos pássaros, o barulho do vento e as vozes dos homens e das mulheres moradores do lugar. Uma vida onde tudo era motivo para celebrar com brincadeiras, com os amigos nas encenações, nas quadrilhas juninas, nos grupos de jovens e na escolinha da tia Bia. Tempos saudosos e inspiradores.

Se é pra ir pra luta eu vou,  
Se é pra tá presente eu tô,  
Pois na vida da gente  
O que vale é o amor...<sup>8</sup>

Nesse caminhar, converso com Célia Xakriabá (2020) e Sandra Benitez (2023), essas duas autoras apostam nas contranarrativas indígenas sendo reativadas pelas memórias que nos ensinam não só sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro, em que continuaremos a ser corpo (re)territorializado. Assim, as memórias, que estão em pleno movimento, reacendem acontecimentos que estão no corpo das pessoas humanas e não humanas, nos lugares, na vida que se revela diariamente de todas as formas.

No texto *Amansar o Giz*, a escritora Célia Xakriabá, nesse exercício de colocar as coisas em movimento, sempre valorizando os territórios e suas práticas, inicia uma conversa dizendo:

A intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo. Todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro. É aí que a intelectualidade indígena acontece. (2020, p. 15)

A forma como a autora nos convida a vivenciar os territórios, nos lembra as palavras de Antônio Bispo, quando ele escreve que a terra não nos pertence, nós é que pertencemos à terra:

---

<sup>8</sup> Refrão da canção *O que vale é o amor*, de Zé Vicente, compositor, poeta e artista da caminhada.

“não dizíamos aquela terra é minha e, sim, nós somos daquela terra. Havia entre nós a compreensão de que a terra é viva e, uma vez que ela pode produzir, ela também pode descansar” (SANTOS, 2018, p. 45).

Caminhei até aqui sabedor de que sem o experienciar de cada tempo, das coisas e dos lugares, com o que eles têm a nos revelar, compartilhar e pedir de nós, não há como tecer caminhos, percursos e memórias. Dessa forma, procuramos nesses terrenos já vividos, deliciar as coisas, os fatos e os acontecimentos, pois eles representam o que conseguimos ser em cada momento vivido, da maneira que foi possível viver, dançar e escrever.

Plantaremos essa pesquisa em três quintais (capítulos). No primeiro quintal (capítulo), iremos nos dedicar ao exercício da escritaria, um modo singular e convidativo que me faz olhar, pensar e escrever, esse modo, se germina das inspirações originadas dos lugares e seus territórios, das coisas, das pessoas, das ações e dos acontecimentos da vida cotidiana.

Essa forma de escrever nunca nasce e vive sozinha, ela vem dos devaneios com os caminhos e suas veredas, das contemplações e acolhidas das naturezas, das canções que escuto nos momentos de rezas, das conversas que tenho com as mais diversas pessoas e seus variados lugares, do silêncio das noites e suas madrugadas, da contemplação corporal e fácil de dona Sebastiana e de seu Chico - um senhor agricultor que ganha o seu sustento trabalhando na roça e tem uma plantação ao lado de minha casa, das conversas que tenho com seu Francisco todas às vezes que vou comprar peixe em sua residência, das trocas de conversas quem tenho com as pessoas idosas, das sensações que atravessam meu corpo cotidianamente e de várias outras inspirações da vida.

Essas sensações e inspirações são envolvidas com a memória e anotadas em pedaços de papéis, nos blocos de anotações online, nas diversas agendas, nas paredes de minha casa, nos mais variados cadernos, nos pedaços de tecidos, nas tiras de papéis e nas blusas que meu corpo carrega todos os dias.

Com o motivar, o pensar e o caminhar do dia a dia, essas palavras-frases vão se desenhando em texto, textura, movimento, sonho, dança e vida. Nessa caminhada, ainda nesse quintal (capítulo), converso com a autora Conceição Evaristo, fazendo uma confluência do termo da escritaria com a escuta da escrevivência. Assim, vou procurando, catando e juntando as palavras, as frases e as pessoas pra fazer desse texto uma inspiração e motivação cotidiana e singela.

No segundo quintal (capítulo), discorreremos sobre os “Terrenos de Memórias”, fazendo uma introdução do tema, seguido por uma “Tarde Conversante” que realizei com minha querida

mãe, a dona Sebastiana Vicente dos Santos. Os meus Terrenos de Memórias que são formados pelo meu nascimento, a escolinha da Tia Bia, pela minha casa de infância e suas aventuras naturais, pelo grupo de jovens e a pastoral da juventude, pela escola Padre Rodolfo Ferreira da Cunha e pelo corpo-memória e corpo-dança que sou.

Ainda nesse quintal (capítulo), evidenciarei meu percurso-caminhada “nas estradas percorridas e minha descoberta como ser comunitário-dançante-colaborador-fazedor”, trazendo meus processos-caminhadas da infância até meu lançar comunitário, artístico e “profissional”, de onde surgem os caminhos-pessoas que me formaram como pessoa, artista, enquanto pesquisador, colaborador, performer, professor e criador de dança, dando ênfase às corporeidades presentes nos cotidianos e nos fazeres trairienses e nas diversas coisas que compõem esse lugar.

No terceiro quintal (capítulo), por meio de uma Semeadura Criativa (o que significa laboratório de criação), onde fizemos uma experimentação e recriação de algumas cenas do espetáculo *CorpoMar*, buscamos perceber como os procedimentos-métodos de criação da *Arreios Cia de Dança* mobilizam corpos advindos dos pescadores e das pescadoras, dos vaqueiros e das vaqueiras, das brincadeiras, das lavadeiras, das rendeiras, dos forrós comunitários, das danças dos cocos, das culturas populares, das relações cotidianas, das praias, dos senhores e das senhoras forrozeiras, dos santos e dos profanos, dos homens e das mulheres trabalhadores(as) do campo para então pormenorizar os modos de criação colaborativa e coletiva em dança a partir do espetáculo *CorpoMar*.

Fez parte da defesa desta dissertação uma mergulhança artística (vivência), da qual a banca de avaliação foi convidada a participar. A mergulhança artística aconteceu na comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE, terreno mãe, meu chão-lugar de nascimento, infância, adolescência e juventude, em uma casa de barro construída pelos coletivos de famílias, comunitários, amigos, amigas e amigues presenteados/as/es durante minha trajetória-caminhada de vida, artistas do lugar, educadores e educadoras das escolas que estudei e trabalhei com docente. No acontecimento dessa mergulhança artística, a proposta foi também gerar um ambiente para falar-agradecer-recitar-sonhar dos processos, dos conhecimentos, das andanças e dos aprendizados adquiridos durante minha trajetória-caminhada no Mestrado em Artes.

No caminhar desta escritaria compartilho referências e produções audiovisuais da *Arreios Cia de Dança*, falas de familiares, falas de pescadores, trago as vozes dos(as) vizinhos(as) da família, amigos, amigas e amigues da caminhada que ilustram-relatam as

vivências e as aprendizagens da minha trajetória como pessoa e artista. Nos anexos deste trabalho, estão as escritas coletivas e os registros fotográficos da mergulhança e apresentação/defesa desta dissertação realizada na Comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi, Ceará no dia 26 de fevereiro do ano de 2025, das 9 horas às 13 horas.

## 2 ABRINDO CAMINHOS PARA UMA ESCRITARIA

*“Esse texto lhes é oferecido como um convite para pensarmos a memória em um de seus outros ambientes, nos quais também se inscreve, se grafa e se postula: voz e corpo”.*

(Leda Maria Martins)

E se passaram 38 anos... Como disse Gerson Moreno, “o tempo é sempre revelador!” (2015, p. 44). Meus nomes são Francisco José Santos da Silva, Rito, Victor Santos e hoje Rito Jesus. Minha história de vida iniciou no dia 06 de novembro do ano de 1985, às 9 horas, numa tarde de sol, quando saí do ventre de minha mãe e vim ao mundo. Nascido no quartinho de uma singela casinha de barro, na comunidade chamada Caraúbas, Canaan, Trairi/CE, um território pequeno, calmo e acolhedor.

Com o passar dos dias, logo vieram os apelidos, uma prática comum entre as famílias das pequenas comunidades. Neném foi o primeiro apelido, e no dia do batizado, nasce o segundo, aquele que viria a ser minha inspiração de ser, Rito, um apelido carinhoso presenteado por seu Nelson, uma pessoa querida e padrinho da Rita, minha irmã.

Eu vi um menino correndo eu vi o tempo  
Brincando ao redor do caminho daquele menino  
Eu pus os meus pés no riacho  
E acho que nunca os tirei  
O sol ainda brilha na estrada  
E eu nunca passei (...) <sup>9</sup>

Assim como é comum dos interiores, a criatividade do povo de Caraúbas na hora de criar apelidos é de se admirar! É um costume entre as famílias caraubenses que vai além de simplesmente dar um nome diferente a alguém, é uma forma de contar a história da pessoa, seus traços marcantes e até mesmo seu papel na comunidade. Posso dizer que, a principal fonte de inspiração para os apelidos vem das atividades do dia a dia das pessoas desse lugar. Por aqui, os apelidos não são apenas nomes diferentes, eles fazem parte da identidade da pessoa e carregam consigo um significado especial. É uma forma de criar laços de amizade, fortalecer a comunidade e celebrar a cultura local.

---

<sup>9</sup> Refrão da canção *Força Estranha*, de Caetano Veloso, cantor, músico, compositor, produtor e escritor brasileiro.

A facilidade e a naturalidade que trago na nomeação de meus trabalhos artísticos em dança, como por exemplo, o espetáculo *Raízes* (2014) e *As coisas de nossa terra* (2016), trazem características territoriais, rurais e comunitárias da oralidade na qual eu nasci e fui criado. De acordo com Luiz Antônio Marcuschi, na oralidade incluem-se a fala, a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Para esse autor:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas sociais dialetais e assim por diante. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora elas não se limitem a som e grafia [...]. Em suma, eficácia comunicativa e potencial cognitivo não são vetores relevantes para distinguir oralidade e escrita, de modo que a tese da *grande virada* cognitiva que a escrita, de modo especial a escrita alfabética, representaria com seu surgimento na humanidade, não passa de um mito já superado (2010, p. 17).

Costumo nomear com palavras simples do cotidiano, com falas que fazem parte da minha comunidade e das coisas que tem relação comigo, visto que assim como os apelidos surgem no meio comunitário, também surge o meu modo de nomear o que crio enquanto artista interiorano.

**Figura 04 - Espetáculo: *Raízes***



Fonte: Cnaan Cia de Dança / Foto: Manoel Saldanha

É no contexto do cotidiano que surge o nome *CorpoMar*, espetáculo aqui estudado. Nesse trabalho, toda a conceituação é facilmente reconhecida pela comunidade que vivo, chão onde habito e convivo com as pessoas, uma relação em coletividade, pois não só vem dela, como também é por ela e pra ela. Assim, mantenho minhas raízes orais-territoriais mesmo expandindo meus horizontes de entendimento e atuação.

Tu já vai pra letra?  
(Dona Sebastiana, 2025).

**Figura 05** – Espetáculo: *As coisas de nossa terra*



*Fonte: Canaan Cia de Dança / Foto: Nazaré Rocha*

Comigo acontece o mesmo, pois em mim carrego muitos e muitas. Cada nome que represento, expressa através de mim uma identidade em constante transformação, onde surgem ou deixam de ser à medida que meu corpo memória fala comigo e passo a ver o mundo através do que agora entendo de mim e, ainda assim, sou muitos ao mesmo tempo. Trago comigo as pessoas com quem faço meus/nossos trabalhos e criações artísticas, aquelas e aqueles que dançam e escrevem comigo. Uma arte do bem conviver!

Daqui um dia desse  
Eu posso carregar outros, outras e outres eus  
Mas agora, resolvi trazer vocês comigo  
E comigo irão amassar o barro e “colocar as letras” do jeitinho de cada um e cada.  
“Eu sou um outro”, caminhando e convivendo com vocês.  
Nós somos vários outros e várias outras, somos pessoas diversas.  
Vamos na pluralidade!  
(Rito Jesus, Trairi, 2025).

Gostaria de poder seguir escrevendo este texto com uma licença poética que permita falar das materialidades/socialidades, dos meus “terrenos de memórias”, um caminho iniciado na infância e que me levou ao espetáculo *CorpoMar*, uma obra criada no ano de 2021, pela Arreios Cia de Dança. Assim, acredito que descreverei melhor os acontecimentos memoráveis se eu puder me aproximar mais das falas e pensamentos de tempos matutos, convidando o público leitor a um mergulho deste a minha percepção de mundo, aproximando-o de um fazer artístico como necessidade cotidiana, e utilizando, nesta escritaria, os modos da escrevivência, um presente de Conceição Evaristo (2018). Assim,

Soprar pensamento em movimento e letra.

Criar um algo, um quase nada.

Suspiros em letras que criam e reciam.

Uma performatividade da escrita.

Torná-la viva nessa circularidade do verbo.

Um germinar de uma escrita a partir do silêncio pessoal e coletivo.

D’gota literária e com inspiração vinda de toda parte e de qualquer lugar.

Nesse sentido, o sopro da imaginação se torna movimento nascido dos encontros.

Em especial, "da experiência de vida ou do vivido da experiência".

Ressignificando os moldes tradicionais do fazer.

Refazer a escrita. Redesenhar o texto.

Reciar a leitura.<sup>10</sup>

(Rito Jesus, Trairi, 2023).

Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" une as palavras “escrever e vivência”, buscando por meio da “fala escrita”, vasculhar lembranças de vidas marcadas pelas lutas cotidianas de pessoas marginalizadas. Nesse sentido, a "escrevivência" dá abraços mais acolhedores e afetuosos nessas pessoas que são constituídas de pedacinhos de vidas mal vividas, fazendo da escrita um caminho que retoma os lugares em que a “palavra viva circula”. Assim, os modos de narrar os acontecimentos são guardados no corpo, escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência como escreve Conceição Evaristo, no livro *Becos da Memória* (2018). Nesse contexto, trago a voz de Evaristo, quando ela diz:

---

<sup>10</sup>*Reescrevera* – poema escrito durante as aulas da disciplina de Ateliê de Criação, uma partilha feita pela professora Deisimer Gorczewski, no curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC), maio do ano de 2023.

Escrever *Becos da Memória* foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa *Becos da memória*. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela, que já não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia embolada com ela...” A entonação da voz de minha mãe me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. (2018, p. 5)

Proponho a noção de escritaria no sentido de evidenciá-la como muitas escritas numa só, minha escrita é plural, se faz com as diversas pessoas humanas e não humanas que me compõem. Escritaria é uma forma muito singular que utilizo para escrever, porque se aproxima dos modos de ser, habitar e falar muito peculiares das pessoas da minha terra, uma forma autoral e plural de escrever minha comunidade, levando em consideração as formas inventivas das pessoas de Trairi, cidade do interior do estado do Ceará. Esta escrita revela o meu pertencimento a esse território, uma escritaterritório, carregada do comunitário e cheia de mim, indivíduo/coletivo.

Na escritaria, as palavras difíceis não me interessam. Esse compromisso com uma escrita alinhada ao pensamento colonizador não cabe em mim e nas paredes da minha escrita. Fico catando nessa forma de escrever um compromisso com os modos, com as coisas comuns dos meus territórios e com o povo do meu lugar. Uma escrita nua, totalmente despida, que nunca esteja pronta, pois assim, acredito que as outras gerações poderão escrever também.

...

escrever o que há em mim  
voz e lugar para eles e elas  
acolher suas histórias  
escrita que envolve  
pessoas humanas e não humanas...  
...sentimentos...  
...palavreados...  
...territórios...

uma escrita que nos toques suavemente e que nos leve a caminhos outros

uma escrita minúscula e carregada de vozes

uma escrita em circularidade (...)

(Rito Jesus, Trairi, 2025).



oportunidades. E nesse render, tecer e plantar das palavras a partir do modo da escritaria, que me aproximo e escuto a voz de Márcio Caires (2021):

As vivências e memórias ancestrais que marcam meu corpo vão sendo tecidas em cada palavra escrita neste texto, se afirmando como a minha fonte de expressão. É o referencial teórico proposto pela estrutura da academia – a tradição escrita – sendo ressignificado por meio da linguagem da oralidade, pelo símbolo de juntar pedaços de retalhos para se construir uma colcha. Essa é uma aprendizagem da ancestralidade pela fala da minha mãe, que ouviu da sua avó e da minha bisavó. O que escrevo tem uma autoria coletiva de onde venho e me sinto pertencente, reflete uma longa caminhada de aprendizagens pela vasta rede de saberes e fazeres de tradição oral (2021, p. 19).

Diante desse bocado de coisas, a oralidade como base de compartilhamento de conhecimento entre pessoas de diversas gerações, embaraça nessa escrita coletiva as histórias, os fazeres e os costumes de pessoas da comunidade de onde eu venho. Aos poucos, essa escrita ganha vida em suas palavras, preservando a memória e a identidade cultural desse povo, que por meio das conversas orais, tecem um saber ancestral necessário para a valorização dos saberes transmitidos.

Como agente cuidadoso da oralidade, busco nessa imaginação a liberdade para embaraçar minhas palavras e plantar outras histórias. Fabulo esses lugares e acontecimentos porque sei que somente o exercício memorial não dará conta. Nisso, vou procurando no céu estrelado, as estrelas cadentes, essas que me levarão até a memória primária para continuar fabulando, inventando e escrevendo. Tecendo ainda esse pensamento, trago o que escreve Rosa Cunha:

Esse trabalho é fruto tanto da vontade, quanto da paixão! É da paixão que as pessoas têm de contar, de criar e recriar suas histórias. Tenho consciência de que esse é um trabalho importante e, mais que isso, necessário: dar voz, luz e espaço a essa gente que tem com quem contar, são vidas, experiências de vida que não podem, não devem ficar baldias pelos quintais, pelas casas de chão batido, pelas conversas de “boquinha da noite” nas calçadas, nos fundos das redes das camarinhas sem janelas (2008, p. 02).

Em cada um desses momentos da vida cotidiana-artística-profissional, os saberes são manifestados e as coisas da vida vão ganhando outros significados. Parafraseando Santos e Maria Moura (2020), digo, é preciso considerar as narrativas nascidas das vivências, lembranças e dos fazeres comunitários, e que hoje, são expressos por meio da oralidade, do movimento dançado, organizados por pedaços de letra, frase, pensamento e escrita, tecidos por mãos calejadas e suadas e desenhados no papel de maneira leve, amigável, cuidadosa, gentil e singela.

O germinar de minha escrita floresceu das conversas e segredos de conhecidos e anônimos, em escutas atentas e inspirações cotidianas, tornando-me conhecedor e reconhecedor de uma escrita comunitária-coletiva, através dos olhos, dos pensamentos, dos trabalhos e dos modos de ser interioranos, com os quais estou presente, sinto, vivo, habito e faço o mundo. Nesse cativar, brotar e florear dessa escrita, converso com o escritor Luiz Antônio Simas, que escreve:

Eu acredito muito em um trabalho muito vinculado ao amadurecimento das questões cotidianas (...). Então a construção cotidiana de sentido de vida está acontecendo na minha esquina. Ela está acontecendo na esquina de cada um. Eu não sei o que vai acontecer no futuro, eu não tenho a menor ideia, eu não sei nem se tem jeito para isso tudo (...). Acho que esse amadurecimento do cotidiano, essa percepção do cotidiano, esse fazer cotidiano profundamente político e também poético, ele é absolutamente fundamental.<sup>11</sup>

Gosto de narrar coisas do cotidiano, encontrando nelas sutilezas diárias e inspiradoras, como o sentir dos ventos que invadem meus poros e, de maneiras leve, gentil e apaixonante, vou acolhendo as dores, as sensações, as paixões, as reflexões e as alegrias vividas nas minhas esquinas trairienses. Nisso, vou repaginando vidas, momentos, atividades e recontando conversas e acontecimentos, fazendo dos encontros e da vida um rito poético, humano e acolhedor.

Quando me proponho a discorrer sobre as esquinas trairienses, estou falando-escrevendo dos territórios pelos quais caminhei-andei, deixei minhas pisadas e meus rastros e aprendi. Falo das comunidades que visitei, observei e fiz morada, das casas dos meus padrinhos e madrinhas, das relações que tive com os meus vizinhos e vizinhas, das brincadeiras de bola nas sombras das mangueiras e cajueiros, das sensações, das pessoas que caminharam, riram, trabalharam e produziram comigo todos os dias, e dos espaços habitados/vivenciados por mim e por várias outras pessoas.

Minha escritaria acolhe as coisas a vida, dando a elas levezas poéticas, revisita os lugares que habitei e habito, lembrando e acionando memórias por meio do cheiro da terra seca e molhada, do brincar atrás da casinha de taipa e nos quintais, do tomar banho e lavar roupa em córregos, das brincadeiras de infância, da escolinha da tia Bia e da professora Colica, do pular sobre os sacos de farinha, do fazer renda de bilro/“birro”, caçar passarinho na mata, pegar castanhas e cajus dos cajueiros alheios, do coco “roubado” nos quintais dos vizinhos, do catar

---

<sup>11</sup> Citação retirada do texto: o que te assombra? (Luiz Antônio Simas). Disponível em: <https://olugar.org/o-que-te-assombra-por-luiz-antonio-simas/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

e desbulhar feijão e milho, das fogueiras feitas na noite de São João, Santo Antônio e São Pedro, em frente de casa, do milho assado... Tudo isso tecendo minha capacidade de criação, de recriar lugares e situações, num tempo em que coisas aconteciam de maneira mais livre e tranquila.

**Figura 07** – Criança brincando com o “pé” de cajueiro na comunidade de Canaan



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves

Percebo-olho o mundo com as águas que também me convidam a pensar, refletir e a escrever, sobretudo, as diversas águas dos chãos trairienses. As águas que carrego comigo, sejam elas dos mares, dos mangues, das chuvas, das lagoas, das antigas cacimbas, dos potes de barro e das gotas d'água que caem e tocam meu corpo, acariciando minha pele e acalmando às pressas do dia a dia, todas elas, desenham em mim sabores da vida que me levam a uma espécie de escrevivência, como propõe Conceição Evaristo, que se articula ao que eu chamo de escritaria.

Esses fazeres observados no cotidiano, a partir das minhas experiências de vida, entrelaçam acontecimentos que estão sendo vividos pelas pessoas em diferentes chão-lugares. É através dessa vivência cotidiana que damos sentido à nossa realidade e construímos relação entre gestos, sensações e pensamentos, cotidianamente. Assim, uma escritaria dançante que acolhe as matrizes das danças ancestrais-tradicionais-populares interioranas presentes na minha comunidade, buscando revisitar chão-lugares, lembrando e acionando memórias vividas e

dançantes por meio de conversa e de vivências com as pessoas, os lugares, os acontecimentos e as relações.

**Figura 08** – Banho de cuia na festa do murici e do batiputá, na terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca/CE



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Manoel Saldanha

Na escritaria, o movimento dançante chega com uma circularidade que ampara as ancestralidades e tradicionalidades nos chãos-lugares, seja o forró ancestral-tradicional, as mestras e os mestres, as marisqueiras, os pescadores, as rezadeiras, as lavadeiras, os trabalhadores e as trabalhadoras ruais além de outras solicialidades/materialidades presentes nos lugares e que ainda não foram abraçadas e acolhidas, mas que fazem morada nesses territórios.

Para além dos espetáculos *Raizes*, e *As coisas de nossa terra*, criados por mim, trago como proposta dessa dançaescritaria o espetáculo *CorpoMar*, carregado por uma direção coletiva, onde apresento o pescador, sua história de vida e as labutas de viver o mar e seus desafios. O acender dessas relações cotidianas e dessas conversas com coisas diversas me convidam a uma escrita dançante, a contar minha experiência artística, vivida nesse lugar comunitário chamado Trairi. Componho, com essa escritaria, minha experiência em/com dança, abrindo caminhos para questionar meus modos de escrever e dançar, de criar dança e pensar escrita, me colocando como indivíduo coletivamente mexido por múltiplas vozes, pessoas humanas e não humanas, compondo mundos sensíveis que tecem minha vida pessoal, profissional e artística.

Nesse tecido com escrita, trago um trecho da canção *Povoada*, de Sued Nunes:

(...) A Terra é povoada  
 Mas, também sou terra  
 A gente também é terra de povoar (...)  
 Te desejo tudo de bom, viu fia'? (Povoada!)  
 Eu sou uma, mas não sou só, minha fia' (...)  
 Quem falou que eu ando só?  
 Nessa terra, nesse chão de meu Deus  
 Sou uma, mas não sou só (...)  
 Tenho em mim mais de muitos  
 Sou uma, mas não sou só.

Quero evidenciar o entrelace entre dança, escrita, comunidade e território e, com esse envolvimento e movimento, acolho a fala de Milton Santos sobre sua noção de território:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais é um conjunto de sistemas e de coisas criadas pelos homens e mulheres. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se pois, de logo, entender que se está falando de território usado, utilizando por uma dada população [...]. (2002, p. 6 e 7).

O território abriga o chão-lugar, que pode ser entendido como um local de maior proximidade social e comunitária. Caraúbas é meu lugar-originário, minha casa mãe, meu aconchego primeiro, minha vida e paixão, com qual tenho grande intimidade, afeto, relação e envolvimento, é comunidade de Canaan, distrito da cidade de Trairi/CE.

Canaan, o lugar conhecido como terra da cana de açúcar e da rapadura. A terra onde as mulheres que ali nascem fazem renda de “birro” desde criança. O território da dança do coco do Mestre Moises Cardoso, do *Reisado Boi Bonito*, da quadrilha junina *Grandes Canaviais*, das casas de farinha e dos engenhos da cana, de homens e mulheres agricultores, da devoção ao glorioso São José, das posições matinais e das casas de barros que atravessam o tempo.

**Figura 09** – Praça da matriz de Canaan, Trairi/CE.



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Frederico Holanda

Trairi, o meu lugar  
 É a terra da renda de bilros,  
 Escutando o vento nos guizos,  
 Trairi e Mundaú correm para desaguar.  
 Trairi, o meu lugar...  
 Que a mestra Raimundinha faz tecer  
 O reisado do T'nato para nos entreter  
 Pulsa viva aqui, a Cultura Popular.  
 Trairi, o meu lugar...  
 Tem o Mestre Moises da Dança do Coco  
 Construtores de casa de taipa e reboco,  
 E o Chico Bento, calungueiro, para nos animar.  
 (Juscelino Santos, 2021).<sup>12</sup>

Caraúbas é a minha “terra prometida”. Um lugar que assim como eu, ainda vive o silêncio e as coisas simples da vida. Um pedaço de chão nesse mundo caminheiro. Caraúbas,

<sup>12</sup> Poesia “*Trairi, o meu lugar...*”, de Juscelino Santos (2021) – Livro: Antologia – 70 anos do município de Trairi.

planta-comunidade que abriga encontros, uma árvore de casca tuberosa e que produz pequenas flores de cor amarela, um pedaço pequeno desse chão imenso, homens agricultores, mulheres rendeiras e pessoas simples.

**Figura 10** – Planta caraúbas no período do inverno.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Rito Jesus

**Figura 11** – Planta caraúbas no período do verão.



Fonte: Acervo Pessoal / Foto: Rito Jesus

Caraúbas, uma planta  
 um lugar  
 uma população  
 uma comunidade  
 um território  
 e minha terra.

(Rito Jesus, Trairi, 2024)

Essas duas imagens representam as estações da planta caraúbas. Durante o inverno a planta se encontra com seu caule rochoso e sua folha verde, trazendo esperança para a vida dos moradores e das moradoras desse lugar. Ao chegar à temporada do verão, no encontro com a primavera, seus galhos recebem-ganham as flores que encantam nossos olhos com a cor amarela, deixando o ambiente florido e atrativo.

Trago como fruto desta pesquisa-conversa um feixe de histórias, frases, palavras e pensamentos das conversas que tive com seu Zequinha Ginuca, esposo de dona Rita, pai e agricultor, um grande amigo da minha família e um dos primeiros moradores de comunidade de Caraúbas, que me disse:

Olha Rito, em 1945, ano que eu cheguei nessa região, aqui existia uma grande quantidade de caraubeiras. No verão, no tempo da flor, isso aqui era amarelim pra todo canto. É lá nas caraúbas... é lá nos pés de caraúbas... isso, lá pra bandas das caraúbas. Foi assim que as pessoas começaram a falar, e isso pegou, e assim começou as Caraúbas, lugar. Só pra tu entender melhor, vou te dar outro exemplo. O Luís do Pilão... o Luís Pilão, era o Luís do Pilão por quê? Porque o João Doca comprava peixe na praia do Mundaú, quando chegava, lá pras 8 ou 9 horas, ia consertar aquele peixe todim e salgar. O sal era preciso pisar no pilão, e o Luís era o pisador do sal, o Luís era do pilão, e com o tempo, as pessoas ficaram chamando ele de Luís Pilão. E assim foi o nosso lugar aqui..., mas hoje existe pouca caraubeira por aqui, aos poucos as coisas vão se desfazendo, mas é isso mesmo, pois é...<sup>13</sup>

Caraúbas é meu lugar e a minha terra! Caraúbas é minha casa mãe! Caraúbas e meu fazer em coletividade! Um lugar que, assim como eu, aprecia e vive a quietude e a serenidade das coisas no seu cotidiano. Um chão-lugar onde os sons da natureza se entrelaçam em uma harmonia suave com as vozes das pessoas humanas que nesse território habitam e me presenteando um refúgio aconchegante. Aqui, moram meus familiares e amigos/as/es de infância, adolescência e juventude. É no sussurrar dos ventos, no balançar das árvores, no canto dos pássaros, no silencias das coisas, nas cantigas deixadas nas estradas por pessoas que

---

<sup>13</sup> Relato com seu Zequinha Ginuca, morador das terras caraubenses, com quem conversei na manhã do dia 17 de março de 2024, na Comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE.

caminham por essa terra e no farfalhar das folhas que eu busco reviver as coisas bonitas desse chão-lugar.

Nos encontros e na relações casuais, onde miudezas do cotidiano se fazem grandiosas aos olhos atentos, fui aos poucos me envolvendo e me inteirando de minhas influências e percebendo que sou, como todos/as/es, um misto de relações e vivências de minha comunidade, tornando-me conhecedor e reconhecedor de uma sociedade, através de todos os sentidos com os quais percebo o mundo, trazendo também comigo minhas “mais velhas” e meus “mais velhos” como escreve Antônio Bispo, no texto *Somos da Terra* (2018).

Ao sonhar, perceber e escrever estas páginas, a partir do que foi dito e vivido, ainda guardo muitas coisas que precisarão de tempo para serem contadas. Assim, brindo com chá de capim santo e trago o pensamento de Gerson Moreno e Joubert Arrais (2015), quando eles escrevem sobre a beleza de conhecer o dito no que foi dito e o que não foi dito naquilo que foi dito. O que não foi dito, escrito é uma desculpa para que outras palavras, frases, conversas, relações se torne outras escritarias.

As palavras que foram sonhadas, pensadas, ditas, convidadas e escritas até aqui, abrem caminhos para uma escritaria falada e construída em coletividade, como um chamado-convite para pensarmos outras formas de tocar, conviver, escrever e falarmos com o mundo, trazendo para essa escrita diversas pessoas, seres, chão-lugares, territórios, sentimentos, sensações, lugares, danças, fazeres e acontecimentos que geralmente são esquecidos e deixados pelos caminhos.

Até este canto da história-pesquisa, mostrei parte dessas coletividades que caminha, vive e debulha comigo sensações, aspirações e tantas outras coisas escritas nessas primeiras páginas. Daqui pra frente, vou mergulhando na poética do chão da escritaria e da oralidade para bem escrever-falar-mostrar-dançar este texto que lhes é oferecido com toda generosidade, paixão e graciosidade.

Quando a caminhada encontra a alma e o coração das pessoas, entendemos que não é apenas história que contamos, é vida que compartilhamos. Com todas essas escritarias, vou acolhendo os saberes e os fazeres da tradição oral e vou tentando pensar, sonhar e escrever em forma de memorial e de dança a minha história de vida que se abraça com a história de diversas outras pessoas humanas e não humanas, acolhendo as ancestralidades, os ensinamentos, os terrenos, os símbolos, as conversas, os ofícios, as paixões, as teimosias e a as relações com as terras, os saberes e as danças.

### 3 TERRENOS DE MEMÓRIAS

*Uma memória maravilhosa desse tempo, que ainda pulsa,  
é acordar ouvindo os cantos da passarada.  
Outro pulsar das memórias de criança é o caminho da roça, que fazíamos junto às gerações  
mais velhas, a geração mãe e a geração avó.  
(Antônio Bispo, 2024)*

Como ponto de carreira desse quintal (capítulo), inicialmente irei falar sobre um conceito muito importante, tanto pra mim quanto para o coletivo de artistas que pesquisam e dançam o espetáculo *CorpoMar*. Esse conceito surgiu das percepções sobre a minha relação pessoal entre arte e vida, e posteriormente foi apresentado ao coletivo, que deu novos significados, o que chamo de “terrenos de memórias”.

Os “terrenos de memórias” amontoa corpo, tempo e espaço para mobilizar formas de perceber lugares e acontecimentos que são guardados e revividos pelo exercício da memória. Para um cultivo do entendimento desse conceito que trago, precisamos deixar de lado o entendimento meramente local e físico de terreno para abranger mundos ricos de sentidos, espaços e tempos. Dessa conversa coletiva, onde vários pontos de vista foram apresentados acerca desse assunto, destaco o pensamento de Manoel Saldanha:

Assim, de uma forma ou de outra, nossas vidas e identidades são profundamente marcadas por nossos terrenos de origem e todos os outros terrenos que habitaremos nesse percurso. Somos um mosaico de todos esses terrenos que confluem em nossa noção de mundo e de ser nesse mundo. E para preservar essa característica em nós, minimamente imune ao tempo, usamos a memória que dá o tom e define o que fará parte, do que não apenas será contado por nossos relatos, mas também por todo o nosso modo de ser. Mais notavelmente, percebemos esses terrenos como um local físico com características próprias e contingentes de uma sociedade e sua cultura. Mas convido aqui, novamente a expandir o conceito desse terreno para além de sua localidade física, impedida de deslocamentos significativos, para o entendimento de um terreno criado a partir da significação e ressignificação que damos através das interações e experiências que vamos tendo e sendo guardadas em nós através da memória. (Manoel Saldanha, 2024).

Ao perceber o terreno como algo vivo que pode abarcar diferentes materialidades/socialidades, chegamos a entendimentos que se fortalece ao senso comum. Vamos cultivando uma percepção tão viva quanto escolhemos que seja. Para mim, terreno é lugar de acontecimentos, de histórias, de trabalhos, de moradas onde não sou mero espectador e sim parte dele e do que somos e nos tornamos enquanto seres em vivência, com o tempo, seus movimentos, seus espaços de interações e seus significados percebidos. Esses lugares onde essas memórias e seus sentidos são expressos em mim e para além de mim, através de minhas

interações memoráveis que testemunham de onde venho, como me torno, quem sou e os caminhos que busco trilhar. Aqui, corroboro com Manoel Saldanha quando ele escreve:

Esses então, terrenos de memória, são lugares de experiências e afetos que nos moldam constantemente, tanto sendo eles expressos como terrenos físicos de memória como também os terrenos de memória que somos e todos os outros terrenos de memória que compartilhamos através de nossas interações. Nós somos de muitas formas terrenos, muitas vezes tão complexos e dinâmicos quanto os descritos por uma sociedade. Nossas identidades em constante mutação são guardadas nessas memórias que habitam no terreno que somos. Essa característica nômade de terreno de memória abre outras possibilidades de existência. Podemos ser terrenos de memória compartilhada através do que deixamos preservado de nossas interações. Nossa identidade pode ser descrita e guardada, não apenas com o que carregamos nesse nosso eu terreno, mas também o que é guardado no outro como extensão do terreno que somos através dessa memória compartilhada da experiência. (Manoel Saldanha, 2024).

O terreno pode ser visto geograficamente no terreno-chão, assim como pode estar lavrado no terreno-corpo. São lugares guardiões de sigilos e ninhos de nosso sentir. Lugares que nos abrigam e nos constituem em todos os sentidos. Terrenos familiares, amigos e comunidades que ouvem e contam histórias. Terrenos que ficam em mim enquanto passo. Terrenos que sou. Nessa estrada, trago mais uma vez as palavras de Manoel Saldanha quando ele diz:

Somos, assim, terrenos vivos de memórias vivas e mutáveis. Somos muitos terrenos por definição, já que não podemos ser descritos em nossa totalidade apenas com uma representação de terreno com seu conjunto particular de memória. Temos uma composição muito abrangente e complexa de intersecções entre esses terrenos e suas memórias, acrescidas durante nossa jornada através de todas as interações que temos. De certa forma, somos como bairros ou cidades, pois visto de nossa composição holística, somos muitos. Somos terrenos de memória-família, terrenos de memória-escola, terrenos de memória-comunidade, irmão, parente, cônjuge, colega, filho... somos parte de tudo que vivenciamos e deixamos e todas elas parte do que fomos até aquele momento. (Manoel Saldanha, 2024).

Esse conjunto identitário de minha história, formado por esses terrenos de memórias, constituem em mim um ser comunitário, onde minha identidade é entendida através de todos os percursos que fiz. Trago comigo aspectos das interações de minha infância que se comunicam com as interações de minha adolescência e vida adulta, em uma permanente relação de causa, formando em mim novos modos de ver e sentir, abrindo caminhos inexplorados por minha vivência presencial, pois as interações entre esses terrenos de memórias com os quais me constituo, trazem a mim percepções novas, não vividas, apenas possíveis nesse entre elas e entre esses tempos, que agora fazem parte do que me torno e do que me influencia a ser hoje e amanhã.

Assim, convido o/a/e leitor/a/e a entrar nesse mundo de interseções, entremeios e encruzilhadas, tendo certeza na incerteza, pra sentir os corpos-terrenos que contam histórias e as memórias que os tornam vivos. Memórias que escolheram terrenos pra ser morada. Memórias que escorrem pelos dedos como quem quer ser terra e terras que voam sem asas.

### 3.1 Tarde Conversante com minha mãe, Dona Sebastiana

Sebastiana Vicente dos Santos, mulher agricultora, rendeira, esposa de Francisco Ferreira da Silva, mãe cuidadora, educadora e inspiração para oito filhos e seis filhas. Mulher da palavra e de palavra. Minha mãe, com quem aprendo a reconhecer que continuo aprendendo.

**Figura 12** – Momento Conversante com Dona Sebastiana na comunidade de Caraúbas



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Rito Jesus

Dona Sebastiana, de teu ventre nasceram 14 corpos.

A ti nossa gratidão e admiração.

Mãe, minha princesa linda.

Uma senhora bondosa e generosa.

Mulher “cheia de graça” e repleta de grandes maravilhas.

Uma mulher de um coração puro de amor.

Um presente sagrado em nossas vidas.  
 Uma mulher que nunca se recusou a nada mesmo diante das dificuldades.  
 Posso dizer que ela é uma guerreira.  
 Mãe, tu és essência. Mulher batalhadora, forte e perseverante.  
 Um Deus presente em nossas vidas.  
 Um exemplo e inspiração para as pessoas.  
 Nossa mãe de cada dia.  
 (Rito Jesus, 2024)<sup>14</sup>

**Figura 13** – Momento Conversante com Dona Sebastiana na comunidade de Caraúbas.



Dona Sebastiana, é uma senhora com 73 anos, também nasceu em uma casa de barro, no dia 24 de maio, de 1952, às 11 horas da manhã, na comunidade do Córrego Grande, no Distrito de Sabiaguaba, municipal de Amontada, no interior do estado do Ceará. Filha de Antônia Maria da Conceição e Vicente Miguel Sobrinho.

Viveu uma infância juntando castanha de caju, pegando murici e batiputá na mata. Nas poucas horas livres, batia e fiava algodão<sup>15</sup> com sua mãe, pegava camarão “sossego” no córrego para comer. Dona Sebastiana, também capinava e plantava feijão, milho e caroço algodão com seu pai, meu avô Miguel Sobrinho. Brincava de boneca de pano feita por sua tia Maria Pedro, irmã de sua mãe.

Juntou-se com seu Fransquinho, aos 16 anos e casou com 25. Não teve um casamento tão carinhoso, mas nunca abandonou seu marido, seus filhos e suas filhas. É uma senhora

<sup>14</sup> A poesia “*Presente Sagrado*” são sentimentos apresentados pelos filhos e filhas, netos e netas, genros e noras e outras pessoas que moram e visitam a casa de Dona Sebastiana, na comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE. A poesia foi criada no dia 08 de junho do ano de 2024, às 11 horas, escrita no Whatsapp.

<sup>15</sup> Fiar algodão é uma prática onde se pega o algodão no pé, tirar o caroço, bate com o batedor em cima de uma esteira (pedaço de pau) e depois fiava no fuzo (instrumento feito de madeira).

católica, com devoção a São Francisco das Chagas, São José e Santa Luiza. Casada, e em busca de melhorias, veio morar na comunidade de Caraúbas, em fevereiro de 1976. Com ela, vieram seus três primeiros filhos/as, Antônio Francisco, Francisco Neto (Neu) e Francisca Maria. Na comunidade de Caraúbas, dona Sebastiana, chegou a parir mais 11 filhos/as, nessa comunidade mora até os dias atuais.

Nessa relação com minha mãe, aqui, desejo falar de histórias vividas em um terreno que hoje fisicamente pouco representa o que falo, mas que seus significados continuam intactos na memória de minha mãe, guardiã desse terrenotempo, que para mim é farto de memórias, lugar onde nasci e vivi, da infância à adolescência e parte da minha juventude. Hoje, visto aos olhos de um/uma visitante, contém algumas árvores e entulhos espalhados, mas é chão sagrado<sup>16</sup> aos olhos meus e de minha mãe. O retorno a esse chão despertou em mim memórias adormecidas, dramas, refúgios, alegrias, histórias e sonhos. Terreno sagrado, um de meus terrenos de memórias, que no tempo passado acolheu uma família de 16 pessoas.

Como guardiã desse terrenomemória, mamãe registra um bem imaterial repleto de afetos e gostos que não se repetem, apenas são contados e recontados através da oralidade. Esse terrenocorpo guardião, que é muitas vezes indissociável de suas memórias, é testemunha que vive e revive experiências, que são acordadas no cotidiano por meio do acionar de memórias. Memórias que mudam quando são lembradas e memórias que são reafirmadas quando narradas. Memórias que decidiram criar raízes e memórias guardiãs andarilhas, memóriascorposterrenos.

### 3.2 Meu nascimento

O Rito chegou a este mundo pelas mãos de uma parteira. Dona Bia, que era minha vizinha e amiga, foi ela que recebeu ele nos braços, me lembro disso como se fosse hoje. Rito nasceu aqui dentro de casa, no quatinho aonde eu dormia. Dona Bia, Dona Chiquinha Bernardo e Dona Francisca Fidele, eram outras amigas (parteiras) que me ajudavam ter os meus nenês.<sup>17</sup>

Mamãe, ao falar do terreno onde nasci e cresci, trouxe nas palavras e nos gestos uma vida cheia de dificuldades e desafios, mas que eram superadas pela maternidade, missão divina que dava forças quando as próprias forças já não eram suficientes. Hoje, esse terreno/lugar já não é o mesmo e o rosto enrugado, como herança de um corpo sofrido e envelhecido, lembra,

<sup>16</sup> Para mim, sagrado são os lugares e seus acontecimentos, os terrenos e seus acervos históricos e memoriáveis, as pessoas e suas histórias vidas, as coisas visíveis e invisíveis que dão sentidos e significados para aqueles e aquelas que se permitem enxergar encanto na simplicidade que pulsa dos encontros.

<sup>17</sup> Relato de minha mãe, dona Sebastiana, com quem conversei no dia 16 de julho de 2023, na Comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE.

com saudade e dor, das memórias guardadas e protegidas pelas pessoas que ali fizeram morada. As crianças que nascem pelas mãos de uma parteira carregarão em sua história um início comunitário que marcará para sempre seu pertencimento. Na família, quando um parto é feito por uma parteira, nasce uma criança e ganha-se um parente. É uma celebração de esperança e acolhimento em toda a vizinhança.

Nesse ato corajoso e humano, as mulheres parteiras costumam se tornar madrinhas das crianças, que passarão a fazer parte de suas vidas. Daí surge um carinho parental, acompanhando o crescimento das crianças. Esse tipo de acontecimento gera uma alegria familiar e comunitária. As parteiras são uma referência carinhosa entre os familiares e a comunidade, muitas vezes sendo chamadas até de mãe, tia ou madrinha, diferente das mulheres que dão à luz nas maternidades públicas, nas quais o/a médico/a é visto/a apenas uma vez e nunca mais lembrado/a.

À senhora dona Bia, que me trouxe ao mundo, minha eterna gratidão! No dia 22 de maio de 2024, resolvi escrever uma carta à dona Bia, da qual transcrevo aqui algumas partes, como forma de agradecimento. A senhora, sem dúvida, foi uma mulher fundamental na minha vida, desde o meu primeiro suspiro. Imagino a emoção de presenciar o nascimento de uma nova vida, e ainda mais, de alguém tão próximo da sua família.

**Figura 14** – Dona Bia, a mulher parteira que me trouxe ao mundo.



*Fonte: Acervo pessoal / Foto: Rito Jesus*

Ser recebido pela senhora, uma parteira experiente e dedicada, me proporcionou uma entrada acolhedora neste mundo, você desempenhou um papel crucial em garantir a minha saúde e o meu bem-estar logo nos primeiros instantes do nascimento. A senhora como parteira, possui um conhecimento ancestral e uma sensibilidade ímpar para auxiliar as mulheres nesse mundo, transcendendo a função médica, oferecendo apoio emocional e espiritual durante todo o processo do parto.

Nossa história carrega uma importância da tradição e do cuidado humano nesse momento tão único e especial do nascimento. Essas memórias da infância e dos laços familiares são um tesouro precioso que guardarei com carinho por toda minha vida. Esse acontecimento me convida a celebrar a vida e a reconhecer o papel fundamental das mulheres que dedicam suas vidas a cuidar de outras mulheres todos os dias.

### 3.3 A casinha

Aqui, a casinha que a gente morava era pequenina e toda feita de barro. Os quatinhos também eram pequeninos e numa redinha bem fraquinha meus filhos dormiam. Na hora do almoço, tudim comia sentado no chão e a comida era colocada nos pratos em cima de um surrão, não era muita comida, mas dava pra todo mundo comer. (Sebastiana Vicente dos Santos)<sup>18</sup>

**Figura 15** – Casa de barro na comunidade de Caraúbas.



*Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Cêlio Alves*

---

<sup>18</sup> Essa fala surgiu a partir de uma conversa que tive com minha mãe, no dia 16 de julho de 2023, na Comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE, momento pensado exclusivamente para esta pesquisa.

Nesse momento, minha memória me leva a pensar nas paredes de barro da minha casa, nas roupas estendidas sobre as paredes e troncos de madeira, no chão empoeirado e d'água que a gente usava para acalmar a poeira, nas panelas presas nas paredes da cozinha com pedaços de tecido, nos caçuás que papai utilizava para pegar peixe no mar e transportar mandiocas na época nas farinhadas e nos potes de barro que guardavam água fresquinha para se beber. Nessa casinha de barro, formada por uma sala, dois quartos e uma cozinha, as “redinhas bem fraquinhas” eram estendidas por toda a casa, lugar de descanso e dormida.

O fogão à lenha, no cantinho da cozinha, era o primeiro sol que nascia nas madrugadas lá em casa, acendido por mamãe quando acordava pra fazer chá de capim santo pros meus irmãos que saíam cedinho pro trabalho. O fogo aceso na madrugada era presença constante na casa, “corria” o dia inteiro, da merenda da manhã, passando pelo almoço até o jantar.

**Figura 16** – Fogão a lenha ainda presente nas casas na comunidade de Caraúbas.



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves

Minha lembrança da casa se assemelha a ao que escreve Maria Moura dos Santos:

Dentro da minha cozinha existe um fogão a lenha, feito de barro amassado. Ele está encostado numa parede também feita de barro pelas minhas próprias mãos para ele. Neste fogão, eu cozinho meu sustento mais precioso, o feijão, fruto desta terra sofrida. Desde que que era menina, me acostumei com este alimento simples, de modo que não saberia viver se ele desaparecesse. Costumo pensar que se os agricultores desaparecerem e não houver mais ninguém para plantar feijão, então eu mesmo deixarei de florescer com a ausência de suas

flores e murcharei para sempre. (...) O fogo de lenha que tenho em minha cozinha me lembra aquele que a mamãe cultivava enquanto eu era apenas uma menininha, junto de meus três irmãos na Lavagem. (2020, p. 27).

Quando o inverno chegava, os cuidados eram redobrados: o fogo passava o dia inteiro aceso por causa da umidade que insistia em abrandar o nosso sol de casa, assim como era necessário “dependurar” palhas de coqueiro viradas na “baixeira”<sup>19</sup> da casa pra proteger a dança d’águas que, de tanto tocar o barro, desmanchava as paredes. Quando a chuva acalmava, a cura das paredes era buscada no barreiro do quintal de casa. Trabalho “como sem falta” para todas as pessoas da casa. Assim, Antônio José (2024), morador da comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE explica que:

[...] a casa de barro é construída assim, a gente coloca na parte mais alta, a cumeeira (comunheira) que tem o tamanho de 3 metros de altura, depois vem a segunda parte, que é “terça” com o tamanho de 2,5 metros, sendo a parte do meio da casa e, por fim, temos a baixeira que mede o tamanho de 2 metros, a parte mais baixa da casa, onde cai a goteira na época do inverno. Mas Rito, o telhado que fica em cima na baixeira não livra a chuva cair sobre a parede de barro, por isso é preciso fazer a cobertura com palha de coqueiro durante a temporada do inverno.

A recuperação das paredes, mesmo sendo difícil, trazia consigo um aprendizado de resiliência tão importante nas épocas de dificuldades, pois nos ensinava o momento de se recompor, com paciência. Assim, amassando o barro com Célia Xakriabá, no texto *Amansar o Giz*, trago suas palavras quando ela diz:

Pude ler que, certa vez, numa oficina de construção de uma casa Xakriabá na UFMG, um aluno, impressionado com a habilidade e o conhecimento que duas mestras Xakriabá tinham sobre o processo do adobe, perguntou a elas se não gostariam que alunos de Arquitetura ajudassem a desenvolver uma técnica para que a casa tivesse mais durabilidade, ou que durasse uma vida toda. Ele lamentava que uma casa como aquela, tão bonita, pudesse se desfazer em quatro ou seis anos. Libertina, uma das mestras, respondeu: Não, meu filho, essa proposta sua é muito perigosa, porque a casa, ela precisa se desfazer entre quatro e seis anos para que eu possa continuar ensinando para meus filhos e para meus netos! Se a casa durar a vida toda, coloca em risco o ensinamento, a transmissão deste conhecimento. (2020, p.15).

A lenha de cozinhar a comida era “pegada” no mato no final da tardinha, atividade sagrada, “gentilmente obrigada”, que eu e meus irmãos fazíamos de duas a três vezes na semana. Os paus secos de cajueiro e mangueira eram tirados na mata baixa pertinho de casa e a “busca de coco”<sup>20</sup> pra acender o fogo já aguardava debaixo do fogão. As panelas de cozinhar, que não sei se foram compradas ou dadas de presente, ficavam penduradas nas paredes de barro.

<sup>19</sup> Antônio José, morador da comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE.

<sup>20</sup> A “busca de coco” é a casca fina ou o pó do coco, dito de outro modo, é a cobertura que projete a quenga do coco.

Mamãe sempre lembrava a mim e a meus irmãos e minhas irmãs, que depois da comida do almoço, era pra lavar as panelas e os pratos no córrego.

Assim, sento no tamborete de madeira para troca uma meia dúzia de prosa com Antônio Bispo, no texto *A terra dá, a terra quer*, trago seu proseado quando ele diz:

Pulsam também as memórias de amanhecer em uma casa construída com materiais locais, com uma parte do teto feita de telhas de adobe cru e outra parte feita de palha e madeira. A parte da casa levantada com adobe cru e teto de telha era o cômodo em que dormíamos. Como o clima tendia a ser mais ameno à noite, aquele era o espaço adequado para dormir. A parte da casa com paredes de taipa e teto de palha, por incrível que pareça, apesar do risco do fogo era o espaço da cozinha, exatamente porque as palhas e a taipa são térmicas. Aquele espaço esquentava menos durante o dia, e era onde se acendia a fomalha a lenha. O outro cômodo, de teto de palha e paredes feitas com varas secas, era onde se realizavam atividades coletivas como o tear, pois o espaço onde se tecia precisava ser mais ventilado. A nossa arquitetura era adequada às atividades praticadas ao longo do dia em cada um dos seus espaços. (2023, p.1).

No cair da noite, era feita a fogueira no terreno da frente. Dentro da casinha, as lamparinas, feitas por mamãe usando lata velha e pavio de algodão tirado lá do “pé” de algodoeiro plantado no quintal, iluminavam a casa inteira. As lamparinas eram sempre colocadas em cima de tamboretos espalhados nos cantos da casa. Depois de tudo pronto, todos e todas se juntavam no calor da fogueira pra ouvir as histórias de assombração que papai contava, enquanto assava o peixe pra comer com tapioca e chá de capim santo. Assim, digo que esta escritaria tem cheiro da minha casa, poeira do meu quintal, voz da minha família e gosto de comida feita no fogo a lenha.

E como poetizou Márcio Caires, “cantamos e brincamos durante a fervura e o coar do café. Depois da comida, saímos para o terreiro sob o céu estrelado, noite clara de lua nova, deixando nascer uma prosa num ritmo sincronizado entre palavras e silêncios”. (2021, p. 18). Nessa casinha, eu brincava de dançar pelos cantos da casa... corria feito menino-besta nos quatro cantos do quintal... perambulava e fazia “gaiatice” e gritava sem dor e temor. Eu dancei num tempo em que a cantiga era escutada pelo rádio, onde a gente dançava e “achava graça” das brincadeiras dançadas. Eita que tempo bom!

Dança o menino,  
Dança com alegria,  
Dança como se nem ao menos tocasse o chão  
O menino risonho,

Dança com um sorriso que só ele tem.  
Dança representando a vida ou até mesmo algo além!<sup>21</sup>

### 3.4 Corpo/dança ou corpo em dança

Nesse mergulho na consistência de passado, presente e futuro, revivo memórias que criaram e compõem até hoje o meu fazer artístico, pois tudo que está comigo se torna corpo-dança. É bebendo de todos os modos de brincar, de fazer diferentes coisas e de vivenciar o cotidiano que me alimento e me inspiro para criar meus trabalhos artísticos.

Desde muito cedo, tinha no corpo uma tendência ao movimento dançante, que pulsava ora nas brincadeiras de pular os sacos de farinha e ora ao escutar as cantigas da época, na rádio. Momentos de liberdade e criação que me acompanham até hoje em minhas inspirações artísticas.

O Rito gostava de dançar aquela música... espera... vou lembrar aqui... como era mesmo meu Deus!? Ah, já sei! Era uma música do Luiz Gonzaga, essa: “Carolina foi pro samba, Carolina; Pra dançar o xenhenhém, Carolina”. (Risos). Parece que essa música vem tocando novamente. Pois é... o Rito não podia ouvir essa canção tocar na Rádio Uirapuru de Itapipoca que ele começava a se requebrar.<sup>22</sup>

Como disse minha mãe, sempre sou um menino que gostava de dançar. Quando criança, eu dançava sobre o chão batido e empoeirado da sala da casinha de barro, a poeira invadia meu corpo acendendo em mim movimentos simples da vida. Os sacos de farinha que cochilavam escorados nas paredes da casinha que a gente morava sempre tiveram dois significados na minha vida. De um lado, os sacos de farinha acolhiam meu corpo enquanto brincava pulando-os, saltando e correndo sobre eles. Esses mesmos sacos também eram esconderijos para tentar silenciar minha dança, porque todas as vezes que eu era visto dançando por meu pai e meus irmãos, era pra cima dos sacos de farinha que eu corria e lá ficava calado, tímido, silencioso medroso.

Dançar ouvindo o som de Luiz Gonzaga, uma canção que chagava na minha casa e aos meus ouvidos através as ondas eletromagnéticas da rádio, com baixo volume, pela voz de um cantor e compositor ainda desconhecido por mim à época, acendeu em mim uma chama dançante que dança comigo até hoje.

<sup>21</sup> Poesia de Jakson W. M. Ferreira. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzAwMjcwMw/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

<sup>22</sup> Relato de minha mãe, dona Sebastiana, com quem conversei no dia 16 de julho de 2023, na Comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE.

Nessa liberdade dançante sempre tive minha mãe que observava e achava graça das minhas dançarias, “molequices” e do jeito brincalhão de dançar. Enquanto observava meu corpo que dançava Luiz Gonzaga, dona Sebastiana, sentada no cantinho da sala fazendo renda de “birro”/bilro, preenchia a salinha inteira com seu fazer, corpo solo que ali estava, parecia multidão, suas mãos se multiplicavam e no fim da dança, ela achava graça e com sua voz suave dizia: “vai te aquietar menino!”

Hoje, todos os terrenoscorpos são dançados-vividos. Danço o que vejo, o que sinto e danço a memória. A dança que faz meu corpo bailar, por meio das memórias, é acionada todas as vezes que acalmo meu corpo, fecho os olhos e começo a dançar, sem pretensão de seguir um estilo de dança específico, apenas me movendo ao ritmo das melodias internas que surgem no momento. Quando escuto e acolho uma música que tem um lugar especial em uma memória, de um tempo em que as preocupações eram passageiras e as inspirações espontâneas, meu corpo é convidado a dançar sem a necessidade de estar certo, apenas de ser livre durante o dançar e fazer.

Minha jornada dançante começa com um aquecimento completo, despertando a presença em cada parte do corpo, o que também me leva acessar memórias. Além disso, utilizo de técnicas como alongamentos, respiração consciente e exercícios de percepção sensorial que me preparam para a expressão singular. O território e o chão se tornam aliados da minha dança. Através de exercícios de locomoção, fluidez e improvisação, o (m)eu corpo aprende a se relacionar com o ambiente, criando diálogos dinâmicos e explorando diferentes planos e direções.

Através de uma escuta e de uma abordagem de composição coreográfica, vou organizando os movimentos na história, no tempo e no espaço, aos poucos vou criando sequências coreográficas com intencionalidade artística, culturais, plurais, comunitárias, coletiva e praieiras. Uma dança que faz nos cantos ruais e com as diversas pessoas que caminham comigo.

A respiração é a base da vida e da minha dança. Utilizo de técnicas de respiração consciente, como a respiração diafragmática, que ampliam a capacidade pulmonar, oxigenam o corpo e conectam o dançarino ao território com o qual a dança se faz. Nesse embalo, as brincadeiras dançadas me preparam para uma dança coletiva, pois acredito que as atividades lúdicas me conectam com a minha criança interior. A música é uma das portas que utilizo para acessar memórias corporificadas.

Ao dançar ao som de canções ouvidas na infância, evoco lembranças e emoções que se traduzem em movimentos singulares e expressivos. A improvisação é um outro modo que utilizo para dançar. Através de técnicas de improvisação, que surjam por exemplo, de brincadeiras e jogos, vou investigando livremente as emoções e criando movimentos genuínos. Esses movimentos funcionam como gatilhos para a descoberta e produção de memórias, pois através deles e da repetição consciente vou desbloqueando emoções, recordações e novas formas de expressão.

Os movimentos, as memórias e as abordagem que exploro individualmente servem de base para a criação coreográfica em conjunto com a companhia. Através do diálogo e da colaboração, vou compartilhando experiências e construindo um repertório rico e expressivo com os demais integrantes da companhia e dos outros espaços que me laço para dançar e compor dança.

Todas essas vivências são manifestadas em mim por meio da dança, da arte que mobiliza a pessoa que sou hoje e que serei no tempo futuro. A arte de dançar foi e é até hoje o que me faz vibrar e sonhar. Nessas caminhadas, idas e voltas, me alimento novamente da sabedoria de Célia Xakriabá quando ela fala que:

A sociedade carece de recuperar valores da relação com o espaço, corpo-território. É preciso considerar o território como um importante elemento que nos alimenta, nos ensina e constitui o nosso ser pessoas no mundo. Não podemos nos ver apartados do território, pois somos também parte indissociável dele, nosso corpo. (2020, p. 22).

A afirmação de que a sociedade precisa resgatar os valores da relação com o espaço e o corpo-território é cada vez mais pertinente em um mundo cada vez mais urbanizado e globalizado. Afinal, o território não é apenas um local físico, mas um conjunto de relações sociais, culturais e ambientais que nos constituem como seres humanos e não humanos. Ele nos proporciona alimento, abrigo, recursos naturais e, sobretudo, uma identidade. Assim, eu me vejo.

#### Corpo-território-sagrado

Andarilho de idas e voltas, paragens e percursos.

Nesse vai e vem olhares e conversas acontecem “naturalculturalmente”.

Dançador caminhante, senhor de rastros temporais.

Na dança, os pés, preferencialmente desnudos, convidam a poeira a bailar sob suas batidas cúmplices com o chão.

Assim me vejo dança e simplesmente, danço.<sup>23</sup>

(Rito Jesus, 2023)

E como falou o PJoteiro<sup>24</sup>, primo e amigo Elvirlan Santos, numa das conversas que tivemos pelo Instagram, “cada um tem seu roçado para cuidar” e é cuidando do roçado-vida que corpos em dança vão sendo cativados e alimentados, vão se conectando uns com os outros e gerando pluralidades.

**Figura 17** – Momentos de conviver com os não humanos.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Manoel Saldanha

Nesse passeio cotidiano com vida-dança-lugar-amigo, sento-me com Claudio Rôla e, escutando suas palavras por meio da escrita, acolho sua voz, seu jeito singelo de escrever, quando ele diz:

O nosso cotidiano tem enxadas de foices que capinam e roçam, manejadas pelas mãos calosas dos nossos trabalhadores, numa agricultura ainda do tempo de ontem. Labuta diária que principia com o cantar do galo e encerra com a zurrar do jumento, saudando o final da tarde que se instala, na despedida de mais um dia que se finda”. E sem perceber, eu acolho e faço fecundar/dançar as coisas do cotidiano. Do meu passado/presente eu carrego uma bagagem repleta de saberes que trilham com as

<sup>23</sup> Poema *Andarilho* - texto escrito durante as aulas da disciplina de Ateliê de Criação, uma partilha feita pela professora Deisimer Gorzevski, no ano de 2023.

<sup>24</sup> A palavra PJoteiro(a) é um título concedido aos jovens que participam da PJ (Pastoral da Juventude), uma organização de jovens católicos com foco em evangelização. Assim, a identidade pjoteira tem a ver com a vivência de uma espiritualidade libertadora e do cotidiano.

coisas do meu fazer no presente e que são coreografadas no/com meu corpo preto. (2021, p. 17).

Essa conexão com as pessoas humanas e não humanas, e com os lugares que marcaram minha vida transborda nestas palavras, tecendo em mim um retrato comovente da experiência humana que resolvi aqui compartilhar. O cotidiano, permeado por labuta, resiliência e laços comunitários, me ajudou a ter uma visão mais sensível de minha presença no mundo.

Minha sensibilidade aguçada reflete a profunda empatia nutrida por aqueles e aquelas que me cercam, testemunhando as realidades cruas da vida, os sacrifícios feitos e as batalhas travadas. Essa consciência me faz despertar um profundo senso de compaixão e um apreço imenso pela capacidade do ser humano que persisto ser. Os ecos das lutas e triunfos da comunidade servem como um lembrete constante dos fazeres das ações coletivas e da importância de lutar por uma sociedade mais justa, fraterna e esperançosa.

**Figura 18** – Momentos de conviver com os não humanos.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Manoel Saldanha

Ao inscrever em mim as histórias da minha comunidade, vou também promovendo mudança. Essas experiências me ajudaram na compreensão e na empatia necessárias para defender aqueles e aquelas que muitas vezes são marginalizados/as/es ou ignorados/as/es, me fazendo lembrar que sou um observador de suas vidas, uma parte integral da narrativa compartilhada, me fazendo abraçar o profundo impacto comunitário, e, observando esse fazer, acabo vendo neles e nelas pedaços de mim.

### 3.5 As estradas percorridas e minha descoberta como ser comunitário-dançante.

Meu passado dança com minha arte no momento presente. Posso dizer que a minha dança é como uma saia de renda de “birro”/bilro feita pelas mãos de minha mãe, que se envolve pelas experiências e emoções do meu passado-presente que hoje são entendidas como “terremos de memórias”, com a espontaneidade e fluidez dos acontecimentos do dia a dia e se entrelaça no espetáculo *CorpoMar*.

Nessa sintonia, vou lembrando da infância e das cambalhotas despreocupadas durante as brincadeiras no quintal de minha casa, dos pulinhos de alegria na hora das refeições, das passadas debaixo dos arameres para pegar pitomba, araticum e murici no mato, das manhãs e das tardes dedicadas ao plantio de batata, feijão e milho, da leveza vivida na infância e da raiva sentida quando tinha que ir trabalhar no cercadinho que ficava bem longe de nossa casa.

Nessa ciranda, danço com o pensamento de Ana Luiza Menezes, quando ela diz:

Meu estar na aldeia permitiu-me perceber os movimentos de agachar, caminhar, subir nas árvores, jogar bola, dançar, passar pelas cercas, tomar banho no rio, fazer o fogo, como aprendizado sobre a corporeidade, entendendo o corpo como primeiro lugar de elaboração cultural” (2026, p. 120).

Lembro também dos outros terrenos de memórias que experienciei da juventude à fase adulta. No serviço junto a Pastoral da Juventude na Paróquia São José em Canaan e na Diocese de Itapipoca, dos anos dedicados ao ensino médio na EEM Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, do Grupo Junino Grandes Canaviais, formado por pessoas de Canaan e o Grupo Junino da comunidade de Caraúbas, das casas e dos clubes de forrós onde eu madrugava dançando, do grupo de dança Toque Movimento da Canaan Cia de Dança, da monitoria em arte na Pastoral do Menor e no programa do governo ProJovem Urbano, do trabalho como professor de Educação Física e Arte nas escolas Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, Engenheiro Ageu Romero e na EEEP José Ribeiro Damasceno.

Todas essas lembranças se reavivam no momento presente enquanto danço, sobretudo, no espetáculo *CorpoMar*, quando nas cenas me vejo brincando como uma criança a beirar, rolando no chão e dançando forro, atividade brincadas no período da infância. Assim, a memória me transporta para um instante no passado e, dessa forma, vou dançando no presente a partir de todos esses acontecimentos, alegrias, tristezas e raivas, onde cada sentimento se traduz em um passo, um movimento, uma expressão e um giro.

Hoje, no momento em que danço, vou lembrando daqueles e daquelas pessoas que me inspiraram e das dificuldades dançantes que tive no passado. Posso dizer, que minha dança é fruto das sementes brincadas no passado e do contato com as pessoas e espaços por onde passei,

pois através delas, vou compartilhando histórias e emoções com as pessoas humanas e não humanas e em/com seus territórios.

Nessa relação com passado, que conversa com o momento presente e nos leva para o exercício futuro, trago a fala de Menezes (2006, p. 216), quando ela diz, “(...) a dança é viva enquanto possibilitar a elaboração de um sentido que é mais do que passado, ultrapassa o tempo, perpassa a objetividade da ação e alcança uma dimensão de eternidade, que se configura no sentimento.”

Assim, entendo que a minha paixão pela dança pode inspirar outras pessoas a seguirem seus sonhos e descobrirem a relação com seu dançar, contribuindo para a diversidade cultural e dançante do mundo e fazendo de todas essas coisas, um lugar mais harmonioso por meio da dança que se faz presente em todos os espaços, crenças, pessoas e ambientes.

Nesse momento, ao caminhar pelas ruas da minha comunidade, sou lembrado por vestígios sensíveis do passado. As poucas casas de taipas que resistem o tempo, as crianças que ainda brincam nas ruas soltando pipa e jogando futebol de travinha, os jumentos que caminham nos quintais e as senhoras lavando roupa nos córregos, são sussurros de histórias de outras épocas em mim, experiências que estão presentes nos trabalhos de danças criados por mim.

As vozes das mães em suas casas ecoando por seus filhos e filhas erguem-se como sentinelas do tempo lembrando de quando eu criança nunca estava só, haviam sempre olhares a me cuidar. Esses acontecimentos são testemunhos sutis do que hoje lembramos com carinho e saudade desses momentos ilustres do passado, lembranças do tempo que estão presentes até hoje no meu cotidiano.

### **3.5.1 O grupo de jovens e a Pastoral da Juventude e o Rito PeJoteiro.**

Meus “terrenos de memórias” se expandem na juventude quando cheguei no território religioso. Participei e coordenei o grupo JAC - Jovens Amigos de Cristo na comunidade de Canaan, o que mais tarde, me levou participar/coordenar o setor diocesano da Pastoral da Juventude<sup>25</sup>. Na Diocese de Itapipoca, as expressões artísticas, como a dança, o teatro, a música

---

<sup>25</sup> A Pastoral da Juventude é organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo o seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos. Somos jovens felizes, apaixonados, ternos e motivados pela fé. Encaramos a vida com potencial criativo muito grande, valorizando a arte (dança, poesia, música...), o lazer, o corpo, o símbolo, a cultura, com ardor, sonhos e amor pela causa do Reino de Deus. Somos jovens das diversas realidades regionais do país, na maioria empobrecida e, a exemplo de Jesus Cristo e da Igreja da América Latina, fazemos opção pelos pobres e jovens. Encontramo-nos em grupos para partilhar e celebrar a vida, as lutas, os

e a poesia faziam parte do processo de formação e evangelização das juventudes. Nesse lugar, sempre busquei entrelaçar a formação com os fazeres artísticos, conectados com a nossa ancestralidade - natureza, elementos e símbolos.

Foi no contato com as coisas religiosas junto a pastoral da juventude que minha vida artística ganhou maior significado. O canto popular presente nas procissões católicas, a romaria da juventude, o contato com a natureza e sua ancestralidade presente nos ambientes preparados para os encontros com a juventude, a cantoria mariana e a dança litúrgica presentes nos serviços comunitários me levaram a criar diversas apresentações artísticas nesse chão religioso.

**Figura 19** - Apresentação do grupo de jovens, paróquia São José, Canaan



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Pascom Paroquial

A arte pastoral-comunitária rompe com as tradições formativas que atravessavam anos na diocese. No grupo de jovens, as coreográficas criadas ganhava espaço no final da missa dominical, encontro semanal, na celebração do Dia Nacional da Juventude - DNJ e na assembleia paroquial. Foi o início de uma construção artística que, ao longo do tempo, foi ganhando corpo.

---

sofrimentos e cultivar a amizade baseada em uma formação integral e mística próprias. Somos grupos de jovens motivados pela fé, atuando dentro das comunidades eclesiais, a serviço da sua organização e animação. (Pastoral da Juventude, 2012, p. 8).

**Figura 20** - Apresentação no encontro diocesano da Pastoral da Juventude.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Pascom Diocesana

Essas coreografias eram criadas com base nas letras das músicas selecionadas pelo grupo, que na maioria das vezes, eram canções cristãs. No encontro do grupo de jovens, aos sábados, agendávamos os ensaios que geralmente eram realizados duas vezes na semana. Durante a montagem da coreografia, o processo era iniciado a partir dos passos que eu montava em casa e apresentava ao grupo. Após a apresentação desses passos nós sentávamos e íamos ouvindo a letra da música, frase por frase e, em seguida, as frases musicais se transformavam em dança, criada separadamente, através de duplas ou trios e, posteriormente, levadas ao grupo.

Com a finalização da coreografia, o grupo continuava com os ensaios, porém de forma mais intensa. Em seguida, a gente se sentava para escolher os figurinos da apresentação, encontrados dentre nossas próprias roupas e, quando a gente não tinha, saíamos pedindo emprestados. E, apesar, de nossas carências técnicas e financeiras da época, os resultados obtidos no grupo eram reconhecidos e bem acolhidos pela comunidade.

Nos encontros a dança circulava na mística, nos shows culturais, nas rezas, nas caminhadas matinais, nas brincadeiras aleatórias nas praças, nos cantos e nas cantigas recitadas livremente. Lembro-me que nesse período em que vivi o serviço da pastoral da juventude, o sentar-se no chão para rezar, cantar as cantigas de roda, o dançar quadrilha junina, cantar nas

procissões religiosas eram as fontes de inspiração, desses encontros, de onde nasciam as coreografias que estavam em sintonia com os movimentos da vida cotidiana e que estão guardados neste corpo pastoral e, que até hoje, é acessado em minha memória e no meu fazer artístico.

Todas essas experiências me motivaram a continuar junto a coletivos culturais, educacionais e esportivos no território de Trairi e outros espaços, na tentativa de semear redes coletivas e colaborativas, ações oriundas das coisas comuns da vida cotidiana nascida e fortalecida nos movimentos comunitários de onde surgiu minha noção do fazer coletivo.

### 3.5.2 O ensino médio e o Rito aluno-artista.

Na escola nunca tive uma boa afinidade com os modos de ensinar e aprender propostos, porém exerci um protagonismo nas atividades extracurriculares como na gincana estudantil, feira cultural e nas atividades da disciplina de arte. Ir para as aulas na Escola Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, no Distrito de Canaan<sup>26</sup>, sempre foi muito desafiador. Meu corpo resistia à fome, à distância (de casa até a escola) e ao cansaço das atividades cotidianas como capinar de enxada, pegar água na cacimba e cuidar dos animais (cabras, porcos, jumentos e cavalos).

Da escola, lembro-me, mais precisamente, da gincana de 2006, quando uma das provas era uma dublagem de um grupo internacional e de um cantor de forró brasileiro. Como escolha desse repertório, eu e meus colegas de turma coreografamos e dançamos a música *Everybody*, dos *Backstreet Boys* e eu dublei a *Dança do Striptease*, do cantor Felipão<sup>27</sup> do Forró Moral. Foi uma experiência incrível, onde pude mostrar uma das heranças ancestrais que movia meu corpo durante o ensino médio, a arte e a dança.

### 3.5.3 O Grupo junino *Grandes Canaviais* e o Rito quadrilheiro.

Durante o período do ensino médio, também entrei no mundo das Quadrilhas Juninas participando do *Grupo Junino Grandes Canaviais*. De início, tive dificuldades de aceitação, pois no grupo havia uma identidade particular e uma competitividade que dificultada a entrada de novos brincantes.

**Figura 21** – Grupo junino infantil - comunidade de Canaan.

<sup>26</sup> Canaan, é distrito do município de Trairi/CE. Um território conhecido como a terra da renda de bilro e da rapadura, tendo como fonte de renda a agricultura e o comércio.

<sup>27</sup> Felipão é um cantor de forró que alcançou sucesso como vocalista da banda Forró Moral, ficando conhecido como o Felipão do Forró Moral.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Israel Santos

Para sermos aceitos, era preciso dançar seguindo os moldes de exigências técnicas entendidas pelo grupo para apresentar uma postura corporal que obedecesse ao repertório de movimentos esperados para uma quadrilha junina estilizada, uma concepção corporal muito diferente da quadrilha junina matuta que eu dançava nos anos anteriores na comunidade de Caraúbas, onde a liberdade e o prazer do brincar eram tão importantes quanto os movimentos dançados.

Precisei me adaptar às sequências coreográficas criadas em formato de fileiras. Sempre tive que dançar nas últimas filas da quadrilha, pois apresentava dificuldade de execução e memorização dos movimentos. Fui um brincante de quadrilha reprodutor de movimentos coreográficos, pois nunca me deram a oportunidade de apresentar as minhas sugestões, mesmo sabendo que era possível.

Devido a essa exigência e dificuldade, fui instigado e inspirado a me superar, tornando-me presente e muito participativo, o que me levou, com o tempo, a uma boa técnica e a uma ótima aceitação. Nesse contexto, me reunia com a menina que formava par comigo fora dos ensaios oficiais da quadrilha para ensaiarmos. Combinávamos com alguns casais para chegarmos 30 minutos antes do ensaio oficial para que pudéssemos ensaiar paralelamente. Tive que pedir ao coordenador, que também era corégrafo, para observar o processo de montagem coreográfica mais próximo dele, pois o método que ele utilizava para coreografar era visível para as pessoas que ocupavam as quatro primeiras filas, ficando praticamente invisível para a última fila, nesse caso, o local que eu ocupava.

A disposição em fileiras fixas durante os ensaios é uma prática comum, desde a entrada da quadrilha junina no salão até sua volta de agradecimento e saída. Porém, esse tipo de

procedimento pode restringir a livre movimentação e a expressão individual dos participantes, limitando a criatividade e a espontaneidade durante o processo de ensaio e nos momentos das apresentações, dando uma ênfase exagerada nas primeiras fileiras e negligenciando as últimas.

**Figura 22** - Grupo junino *Flor da Terra*, Itapipoca/CE.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Brício

De outro modo, a disposição linear dificulta a comunicação entre os/as/es participantes do grupo, especialmente entre aqueles e aquelas que estão em posições mais distantes, nas duas últimas filas, por exemplo, prejudicando a colaboração, a relação e o trabalho em equipe, o que pode ocasionar desinteresse ou até desistência das pessoas participantes por uma sensação de desimportância no grupo.

Em fileiras fixas, os/as/es participantes que ficam nas posições mais à frente podem ter mais oportunidades de serem notados e notadas pela coordenação e/ou direção artística, enquanto aqueles que ficam atrás, têm menos visibilidade e chances de participação ativa. A

rigidez da formação em fileiras não considera as individualidades e necessidades de cada participante do grupo, inadequada para diferentes tipos de atividades e estilos trabalhos em dança.

Nesse contexto, entendo que formações flexíveis podem explorar diferentes configurações espaciais durante os ensaios, como círculos, semicírculos ou grupos menores, para promover a interação, a comunicação e a criatividade entre os/as/es participantes. A movimentação livre e a improvisação, também incentiva a livre expressão e a improvisação durante os ensaios, dentro de um espaço seguro, permite que as pessoas participantes investiguem suas individualidades e expressividades. A prática de manter fileiras fixas durante os processos criativos de um grupo junino nem sempre é a mais adequada, necessária ou vantajosa. É importante que sempre se busque alternativas que promovam um processo de ensaio-compartilha mais dinâmico, engajador e que valorize a criatividade, a presença e a colaboração dos/das/des participantes. Assim, acredito a implementação de diferentes técnicas e procedimentos coreográficos, como jogos dançantes em círculo, dinâmicas de grupo, momento de escutar coletiva, atividades de improvisação, oficinas de canto, vivências nos lugares de onde se germinou a pesquisa, momento de silêncio, rodas de compartilhamentos de ideias podem estimular a criatividade, a colaboração e o engajamento no grupo junino.

Entendo que as formações em fileiras fixas são uma consequência da massificação e impessoalidade da análise exigida pelos critérios atualmente avaliados pelo júri nos festivais. Esse paradigma de nosso tempo retira dos/das/des brincantes a beleza de suas individualidades e o prazer de dançar, de fazer e estar, substituindo pela performance com expectativas apenas para o resultado. O que importa não é o ser, mas o parecer, conviver, acolher e abrir caminhos para se dançar de diferentes maneiras.

Após um ano dançando no Grupo Junino Grandes Canaviais, em 2007, dei início aos trabalhos coreográficos de outro grupo junino na comunidade de Caraúbas. Durante muito tempo, tivemos o reconhecimento como melhor grupo junino de quadrilha matuta, movidos pelos troféus e medalhas que a quadrilha recebia durante as apresentações feitas nos festivais promovidos pela Secretaria da Cultura, Escolas, Associações de Moradores Rurais e pela Igreja São José de Canaan, premiações essas ainda expostas na residência da senhora dona Marlene e seu Demazinho, na comunidade de Caraúbas, lugar onde a o movimento junino ganhou vida no meu corpo.

### 3.5.4 Os forrós e o Rito forrozeiro

A dança que pulsava/pulsa no meu corpo era/é o forró. Sinto-me à vontade para escrever sobre esse dançar forrozeiro porque é uma dança que guarda ancestralidade, afeto e generosidade no meu corpo dançador e fazedor. A força dessa dança forrozeira presente no meu corpo, me convidava/convida a dançar, um rito sempre vivenciado aos sábados e domingos durante minha juventude.

**Figura 23 - Encontro forrozeiro com Ritos Jesus.**



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Marcos Aurélio

Hoje danço forró com meus amigos/as/es na companhia de dança, nas celebrações familiares e no espetáculo de dança *CorpoMar*. Nesse caminhar forrozeiro, em 2024, criamos o “Encontro de Forró com Rito Jesus”. São momentos de aulas, farras forrozeiras, celebrações amigáveis, rodas de conversas, partilhas de aprendizados, reencontros, momentos com vinhos e comidinhas que acontecem semanalmente na Casa Chico Saldanha, em Trairi/CE. E como falou Kilvia Campos, uma das nossas queridas alunas, “o encontro de forró não é terapia, mas é terapêutico. (2024)

O forró vive e caminha comigo. Em 2023, criamos a videodança *rastros*, uma pesquisa sobre o forró de antigamente, realizada na comunidade de Canaan, Trairi/CE.

Te chamo pra dançar.  
 Danço. Danço só, aliás, danço com meus ancestrais, uma conexão entre o passado e o presente.  
 Te faço um cafuné!  
 T'olho! T'abraço! T'sinto! T'vejo!  
 Danço a terra canaense...  
 O forró mistura... O pé no chão...  
 A mão sobre mão... O corpo colado...  
 Os lábios formam o sorriso... Danço os lugares...  
 Danço o combinado e o descombinado.  
 Danço no quintal, na sala, no clube, danço.  
 Danço os passos dos/das *antigamente*<sup>28</sup>.  
 Danço, apenas você e eu.  
 Danço a celebração, a festa, o encontro, a pessoa, a paixão, o sentimento e a canção.  
 Danço o casal de namorados, o sábado e o domingo.  
 Danço a história. Lembro-me do passado.  
 Me conecto a dança dos anos 60, 70 e 80.  
 Danço dona Mariinha, seu corpo vivo e dançante.  
 Danço o forró, dançado por ela e por tantos outros e outras.  
 Danço a narrativa que dá significado ao corpo-dançador.  
 Danço a *ancestralidade* forrozeira, a herança antiga, o presente que herdei dos meus ancestrais.  
 Danço o forró que sempre esteve comigo.  
 Meu corpo mostra meu pai e minha mãe que também dançaram.  
 O forró incita... O forro conecta ao passado...  
 O forró faz lembrar uma história familiar...  
 O forró, ato íntimo e *ancestral* no corpo de quem dança.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Referência ao conceito utilizado por Maria Toinha no Livro *A Mística dos Encantados* (2020).

<sup>29</sup> *Rastros: uma dança de antigamente*, de Rito Jesus (2021) – Livro: Antologia – 70 anos do município de Trairi.

**Figura 24 - Videodança: *Rastros***



Com toda essa vivência e experiência forrozeira, em 2008, fui trabalhar como monitor-professor de dança, conduzindo aulas de forró na Escola Municipal de Artes, na sede da cidade de Trairi/CE, dando início ao meu trajeto, agora profissional, em dança. Foi nessa nova fase que comecei a participar da *Arreios Cia de Dança Contemporânea*, a qual me influenciou na criação, ainda em 2008, do grupo de dança *Toque Movimento*, em Canaan, convertida, em 2013, para *Canaan Cia de Dança*, movimentando trabalhos artísticos, culturais e sociais até os dias atuais.

Sem conhecimento prático, teórico, vivências e experiências, fui convidado pela coordenação da escola para conduzir as aulas de dança de rua, hip hop e dança contemporânea na Escola Municipal de Artes, o que pra mim chegou-foi como um grande desafio. No entanto, mesmo não tendo a liberdade criativa que eu necessitava, retirava meus motivos, na época, da criatividade, iniciativa e disposição para aprender o que vinha desenvolvendo-envolvendo até então.

Sem formação em dança reconhecida pelo sistema dominante das artes, sem práticas de ensino e, tampouco formação acadêmica em arte, tive que me “desdobrar” para ensinar as danças de rua, hip hop e dança contemporânea. Lembro-me que passava horas assistindo a vídeos de dança, copiando coreografias da internet e reproduzindo, na sala de aula, passos e movimentos que aprendia nesses vídeos.

Mas para além das novas necessidades técnicas em dança, aos poucos fui conseguindo fazer uma articulação com os repertórios que já compunham o meu corpo, busquei entrelaçar o novo com o já existente em meu repertório dançante. E para desvendar os segredos e as

necessidades dessa fusão dançante, convido você a mergulhar em um mar de experiências vívidas, onde trago as diversas maneiras pelas quais teci e continuo a tecer essa rica tapeçaria de movimentos em dança.

Inicialmente, procurei fazer diálogos diferentes com outros gêneros de dança, incorporando elementos do forró. Criei relação entre o fazer contemporâneo e o tradicional, permitindo que a sensualidade do forró se entrelaçasse com a expressividade da dança contemporânea, gerando uma explosão de emoções e significados. Busquei ressignificar os passos de forró, implementando novas interpretações e movimentos, gerando uma ruptura estética intrigante, convidando o público a refletir sobre diferentes fazeres, épocas e culturas. Também trouxe para a dança materialidades do cotidiano que se tornam elementos coreográficos, abrindo um universo de possibilidades expressivas e de movimentos.

Nesse caminhar com a arte, a comunidade e com a dança, busquei inspiração na natureza e nos fazeres comunitários e praianos, trazendo a fluidez das ondas do mar para criar coreografias sinuosas, ondulantes e circulares, conectadas aos fazeres cotidianos presente na vida comunitária. Fui experimentando movimentos rápidos, fortes, leves, livres, agregando ao nosso dançar estados de alegria e festividade, contagiando o público com sua positividade dançante e com as narrativas dançantes comunitários.

Sem dúvida, o forró faz parte da minha vida dançante, posso até chamar essa minha experiência com o forró, de dança mãe. Nesse período de minha vida, o meu envolvimento com outros espaços dançantes, a Escola de Artes por exemplo, tive que me distanciar do meu corpo-dança-terreno-memória, precisei ir atrás de outros repertórios de dança para suprir as exigências e necessidades apresentadas nesses outros lugares.

### **3.5.5 O grupo de dança *Toque Movimento* e a *Canaan Cia de Dança*.**

No grupo de dança *Toque Movimento*, as dançarinas, Mirla Santos, Danila Sales e Josy Martins que, além de dançarem incrivelmente, também colaboravam com a montagem coreográfica e a escolha das músicas, mas, a decisão final costumava ser do diretor do grupo, no caso, minha. Cabe ressaltar que a colaboração e envolvimento das dançarinas nesse processo de criação não se dava pelo fato do entendimento colaborativo, mas pela minha pouca experiência como coreógrafo em dança contemporânea. Caso eu tivesse total domínio coreográfico, com certeza, as dançarinas poderiam se tornar apenas reprodutoras de sequências coreográficas.

Durante a existência do grupo de dança *Toque Movimento*, em Canaan, convertida, em 2013, para *Canaan Cia de Dança*, essas foram as pessoas que passaram pelo grupo/companhia: Josy Martins, Danila Sales, Mirla Santos, Orlenia Castro, Darlane Santos, Máira Paulo, Mirella Paulo, Maira Paulo, Valnesia Santos, Darlene Santos, Camila Holanda, Sinara Matias, Agda Martins, Felipe Farias, Marcos Rodrigues, Patrick Viana, Rodrigo e Igor Freitas.

Dançar em um grupo é, de fato, uma experiência que marca a vida de muitas pessoas. As amizades, os desafios superados juntos, as alegrias e as emoções... tudo isso se junta para criar memórias inesquecíveis. Assim, são as lembranças que tenho dessas meninas-dançarinas. Foram elas que me impulsionaram a coreografar, mesmo com tantas dificuldades, a gente enfrentava o cansaço do dia a dia e sempre encontrava um tempo para dançar.

No meu trabalho dessa época, a coautoria entre mim e as participantes não era algo explícito. Havia, sim, um processo de colaboração, mas a percepção da autoria conjunta não era plenamente reconhecida. Acredito que as dançarinas Mirla Santos, Danila Sales e Josy Martins se sentiam co-coreógrafas no processo de criação em dança da época, mas devido ao entendimento centralizador, de que as funções (coreografar, coordenar, dirigir) artísticas se materializam na pessoa do diretor, as dançarinas sempre foram vistas como meras reproduzidas de sequências coreográficas.

O tempo e a experiência vão ensinando outros modos de se fazer e dançar. Se as dançarinas Mirla Santos, Danila Sales e Josy Martins estivessem dançando comigo no momento presente, eu certamente abriria um espaço consciente para a coautoria. Acredito que essa mudança de postura é fundamental por diversos motivos, principalmente pelo reconhecimento da autonomia e da visão individual, valorizando as ideias, experiências e perspectivas de todas as pessoas evidenciadas, afinal, essas coisas contribuem para um processo de criação mais rico, onde cada pessoa se sente parte integral da obra.

Se estivesse trabalhando dança nos dias atuais com as dançarinas da *Canaan Cia de Dança*, com certeza, teríamos um diálogo aberto e transformador acerca do processo de criação, buscaria criar um ambiente propício para a troca de ideias, onde o debate construtivo e o aprendizado mútuo, o crescimento e empoderamento coletivo seriam pilares para se promover o crescimento e o empoderamento das participantes, pois todas essas experiências contribuem para fortalecer o senso de comunidade.

Ao refletir sobre o passado e reconhecer a necessidade de mudança, trago um compromisso com a evolução contínua da minha abordagem em/com dança. Essa postura é fundamental para o meu crescimento como artista e pesquisador. Desse modo, ao transparecer

sobre o meu processo criativo e reconhecer a importância da coautoria, construo uma relação de honestidade e respeito com as/os/es participantes. Essa base é essencial para o desenvolvimento de projetos colaborativos e coletivos de sucesso.

**Figura 25** - Grupo de dança *Toque Movimento*, Canaan, Trairi/CE.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Marcos Aurélio

Ao revisitar o passado com um olhar crítico e propositivo, abro caminho para a construção de um presente mais justo e equitativo nas relações interpessoais em dança. Essa reflexão me permite aprender com os erros e acertos do passado, me inspira a buscar novas formas de colaboração que valorizem a multiplicidade de vozes e de corpos.

Nesse contexto, acredito que a coautoria não se limita apenas à criação artística, ela representa uma filosofia de vida que busca o reconhecimento da interdependência e da colaboração como pilares para o desenvolvimento individual e coletivo. Assim, ao abrir espaço para a coautoria, podemos construir um futuro mais justo, equitativo e humano.

Assim,

Eu gosto das pessoas, das falas, das danças e das escritas plurais...

Dos abraços e beijos coletivos...

Eu gosto dos barulhos dos olhos piscando...

Dos sorrisos, das gargalhadas e do repensar das coisas...

Gosto da pluralidade dos acontecimentos....

Gosto e desgosto porque sei que não devo me apegar.<sup>30</sup>

(Rito Jesus, 2024)

Falar dessa experiência, carregada de pessoas humanas e não humanas, torna-se necessária, pois é uma vivência tão magnífica, onde posso dançar e relatar os meus Terrenos de Memórias que são ativados pelas sensações do contato com terra ou das relações pelos encontros. Saliento e reforço que nunca se pode descrever com plenitude uma experiência, que por mais detalhada que seja, são necessários todos os sentidos para dar sentido ao que se guarda na memória e no coração.

aqui,

ainda se guardam vários

terrenos e

memórias.

(Rito Jesus, 2024)

---

<sup>30</sup> Poema “*pluralidade*” (Rito Jesus 2023) - texto escrito durante as aulas da disciplina de Ateliê de Criação, uma compartilha feita pela professora Deisimer Gorczewski, no curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará (UFC).

#### 4 SOBRE OUTROS TERRENOS DE MEMÓRIAS E/EM/COM DANÇAS: O FAZER COLETIVO E AS SEMEADURAS CRIATIVAS DO ESPETÁCULO *CORPOMAR*.

“O espetáculo *CorpoMar* tem as cores de quem dança.”

(Manoel Saldanha, 2024)

##### 4.1 As estradas que levaram ao *CorpoMar*

Querido/a/e leitor/a/e, iremos escrever este texto utilizando da fala, expressões e características dos pescadores trairienses. Nessa abordagem, nos propomos falar um corpo que muitas das vezes é largado à beira-mar e que ganha espaço, voz e um novo barco para pescar nessa dançaescritaria. Para garantir o lado certo das informações, o texto que aqui será mostrado propõe uma escrita coletiva como os falatórios dos pescadores quando chegam do mar. A ideia é reunir diferentes pensamentos sobre o espetáculo *CorpoMar*, através de textos escritos por artistas da dança que compõem o trabalho cênico-comunitário, bem como relatos de pescadores e por observadores externos.

A proposta de escrever coletivamente traz um frescor para a pesquisa acadêmica, permitindo uma abordagem mais dinâmica e detalhada do que/quem está sendo investigado, do que move a pesquisa. A participação de dançarinos, coreógrafos, ensaiadores, pescadores e observadores demonstra um afeto com a pesquisa e valoriza o conhecimento prático e experiencial, trazendo para a cena os corpos e as histórias dos pescadores do município de Trairi.

**Figura 26** - Praia da Emboaca, Trairi/CE, um encontro de mata, duna e água.



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves

É das terras coloridas, das matas verdes que conversam com as dunas, das ondas do mar que se misturam com as areias à beira-mar e das águas salgadas que criam caminhos, levando e trazendo o pescador nesse imenso mar trairiense que vamos descansar para contar as histórias do espetáculo *CorpoMar*. Nessa sementeira de palavras acolheremos as vozes dos pescadores trairienses que nos ajudaram nessa dançaescritaria. Pegue seu barco, sua jangada e vamos bem ali na casa dos pescadores, o mar.

Nessa escrita tecida por um fazer coletivo, gostaria de apresentar os/as/es artistas e os artistas-pescadores que, de maneira singela, fazem parte da sementeira de criação do espetáculo *CorpoMar*, são eles: Thiago Soares, Manoel Saldanha, Karine Sousa, Antônio Alves, Juscelino Santos, Celio Alves, Luiz Fernando Bongiovanni, Sávio Santos, Érick Dias e eu, bem como os pescadores Sr. João Cristina e o Sr. Antônio Militão, pessoas conhecidas e queridas da cidade de Trairi.

O *CorpoMar* é uma experiência do que estou chamando dançaescritaria, cujo pescador é elemento artístico, poético e dramático. Os pensamentos e os modos de fazer desse trabalho tiveram seu começo na residência artística Movimento Cênico, promovida pela Rede de Dança do Ceará e ministrada pelo professor-coreógrafo Luiz Fernando Bongiovanni em 2021, em conjunto com as experiências pesqueiras e cotidianas dos dançarinos, bem como seu contato com os pescadores no território pesqueiro trairiense.

Nesse espetáculo, o pescador como símbolo histórico e fonte de sabedoria presente num corpo ancestral, corpo esse que habita todos os dias as comunidades praianas, movimentando o comércio, o artesanato, as famílias e as tradições. Nesse lugar, o ato de pescar reacende as esperanças comunitárias.

**Figura 27** – Pescador na praia da Emboaca.



Fonte: Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves

Nessa obra, o pescador é símbolo de resistência e insistência, bem expressas na sinopse do *CorpoMar* escrita por Manoel Saldanha (2024):

O Espetáculo *CorpoMar*, dançado por artistas filhos de pescadores e agricultores trairienses traz o mar, fonte de sustento e contemplação, na perspectiva do pescador. Protagonista de sua história, símbolo da tradição, da resistência e sabedoria presente nesse corpo ancestral das comunidades praieiras. Homem de corpo marcado pelo sol e o mar, ainda encontra espaço pra tradição e o sagrado, arrastando em suas redes um mundo de sustento e esperança.

*CorpoMar* é um barco poético guiado pela vida dos pescadores trairienses e de suas comunidades, onde, também, a dança do coco de lagoa do Mestre Moisés e o forró ancestral germinam sua composição cênica, que ao mesmo tempo, celebra os territórios onde foram realizadas pesquisas para sua concepção artística. Nesse diálogo com o forró ancestral, volto a dançar forró e acolho o que bem expressa Éder Soares (2025):

Forró Ancestral é uma corporalidade dos donos e das donas da terra que prepararam todo o chão. É herança nativa, uma memória dos corpos nômades que carregavam em si saberes, tecnologias corporais e da floresta, conhecimentos botânicos, e também práticas curativas ancestrais. No forró ancestral o Ritmo é o mecanismo de acesso, a chave, o marcador detalhante no mapa da existência consciencial. O ritmo faz, provoca e promove encontro, ele anda com a demanda do encontrar, é a tecnologia do juntar, do realizar somas, da ação que conduz o giro do retorno. É o Eu e Tu, Tu e Eu que faz o ElesEu. ElesEu é quem conduz o nós para a perda do/da indivíduo/a, me levando a ganhar os/as outre's. O ganho de memórias que vai além do fazer individual, é a construção de subjetivações. ElesEu é o eu que compõe um além-nós, um eles que faz o eu perder as opressões que constituíram essa vida. ElesEu é quem me regata do eu ideal, gerando memórias de meus e minhas ancestrais em contato com as suas.

Nesse espetáculo, o forró ancestral gera uma festividade dançante e aconchegante, um dançar que faz parte da vida do homem pescador no litoral trairiense. É um trabalho que leva o pescador como elemento dramatúrgico e poético gerando vínculos afetivos entre os dançarinos e as comunidades, através de uma rede de compartilhamentos de saberes. Essa obra revisita alguns dos meus “terrenos de memórias” e reacende no pescador recordações que trazem novos significados a seu modo de vida, através da cena em dança.

#### **4.2 A criação cotidiana e a poética da videodança *CorpoMar*.**

Na peleja com os dramas da pandemia da COVID-19, Rito Jesus, Sávio Santos e Erick Dias se mandaram pra cidade de Paracuru, no estado do Ceará, para participar de uma residência de dança. Foi nessa semana que nasceram as primeiras palavras-movimentos de criação do espetáculo *CorpoMar*.

Um dos pedidos feitos pela coordenação da residência artística, foi que cada companhia participante levasse uma obra artística ou uma proposta em processo de criação para ser estudada durante o período da residência. Após os primeiros dias, decidimos que o pescador seria o nosso caminho a ser apresentado como uma proposta em processo de criação. O que nos levou a decidir dançar o pescador partiu das conversas que tivemos durante toda a viagem e das reflexões apresentadas pelo professor Fernando Bongiovanni, durante a realização da residência.

**Figura 28** - Residência Artística com Fernando Bongiovanni, Cidade de Paracuru/CE.



Fonte: Acervo pessoal / Foto: Erick Dias

Nesse falatório se percebeu uma coisa em comum entres os três viajantes-dançarinos, Rito Jesus, eu sou filho de comprador e vendedor de peixe; Sávio Santos é filho de pescador; e o pai de Erick Dias, é morador praiano, o que significava que Erick também carrega o mar na sua história de vida. Essa relação foi a martelada final para que os três dançarinos decidissem dançar a vida do pescador trairiense. Assim, nasce um cardume que deseja dançar as próprias histórias, o povo pescador, o território praiano trairiense e as narrativas que compõem seus legados como trabalhador do mar.

A partir desse momento apareceram várias questões e preocupações. Como dançar o pescador? Como levá-lo pra cena? Qual seria o figurino, calça comprida e blusa “manga” longa? Que músicas a gente utilizaria? Quais seriam os objetos que a gente iria levar pra cena?

Como base no método apresentado por Fernando Bongiovanni, eu, Sávio Santos e Erick Dias, nos colocamos para o exercício escrito e corporal. Bem cedo, os dançarinos fizeram uma escrita da proposta trazendo o MAR como referência da pesquisa e fazendo conexão com as

partes corporais como: púbis, pés, cotovelos, joelhos, ombros, orelhas, mão e joelho, seguida com o tipo de textura para o movimento: tocar, aproximar, carimbar e apontar. Feito o exercício escrito, partimos para a prática e, aos poucos as sequências de movimentos foram aparecendo no pensamento-corpo.

**Figura 29** - Residência Artística com Fernando Bongiovanni, Paracuru/CE.



Além das direções, envolve os níveis espaciais como: nível alto, nível médio e nível baixo. A técnica, como um rio, deságua em uma combinação de três elementos para compor o movimento: com uma locação (combinação de direção e nível, acima mencionados); parte do corpo que será utilizada na composição e tipo de textura (qual é o argumento ou qualidade do movimento). Deste rio surge o movimento que pode ser interligado às demais combinações, sendo caminho prático de proposição de movimento

Essas perguntas surgiram como as primeiras pisadas na areia da praia e ganharam significados no processo criativo. Foram por esses rastros que Fernando Bongiovanni, nos convidou para avistar um dos seus modos de criar coreografias, o que ele chama de “técnica da abordagem de pontos” como um caminho para a improvisação e composição em dança. É um saber que trabalha no espaço as referências do corpo com suas respectivas direções: central, frontal, anterior, direita, esquerda, diagonal direita frontal, diagonal esquerda frontal, diagonal direita anterior e diagonal esquerda anterior.

Figura 30 – Exercício teórico com Fernando Bongiovanni.



Localção Cubo	Parte Corporal	Tipo de abordagem
C - NA	mão	TOCAR
DEA - NB	Pé	APROXIMAR
DDF - NM	Pé	PASSAR POR
DEF - NB	cotovelo	TOCAR
D - NA	olhos	CARIMBAR
E - NM	ombro	APROXIMAR E AFASTAR
A - NA	orelha	APONTAR
DDA - NM	mão	CARIMBAR
F - NA	olhos	TOCAR

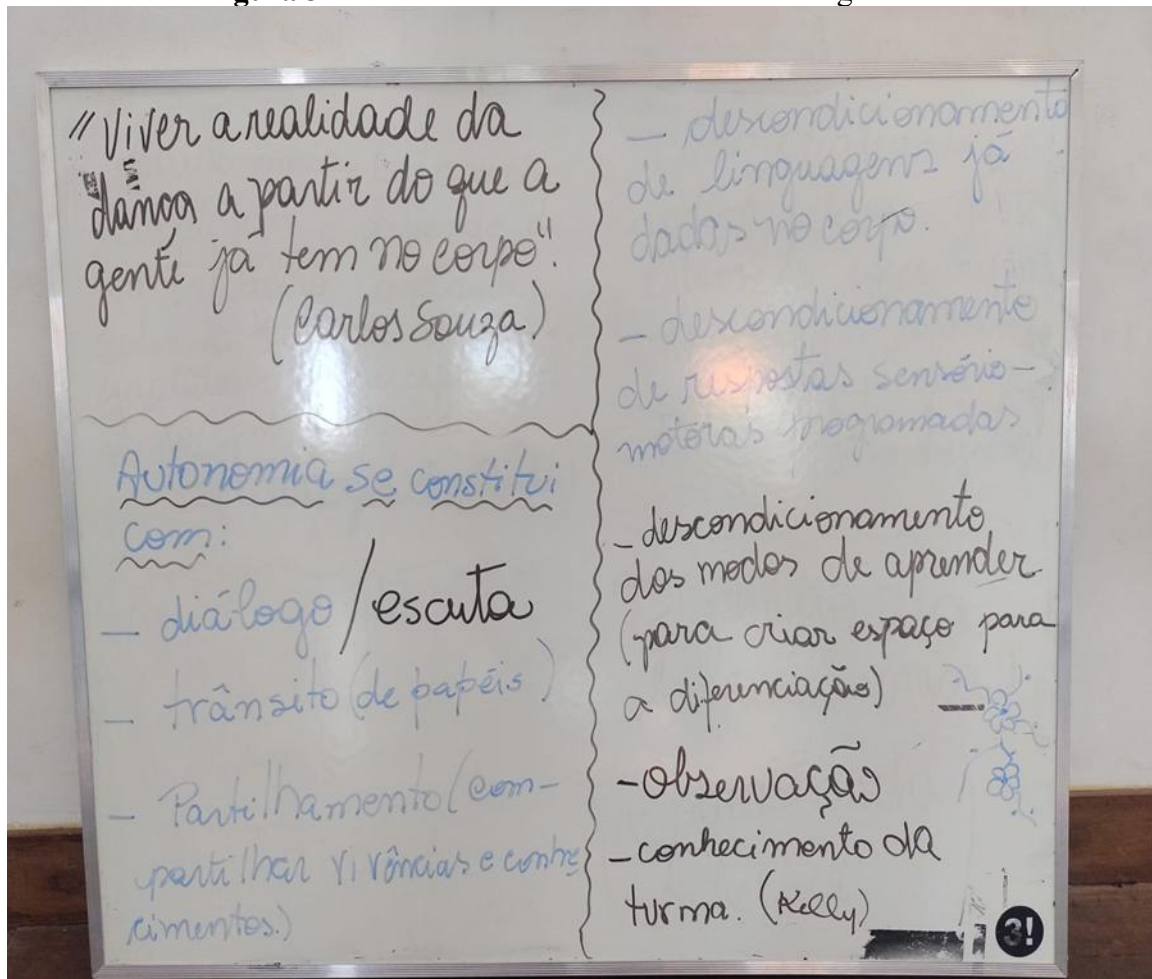
Abordagens:  
Aproximar e afastar  
Tocar  
Apontar



Fonte: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

Em mais uma direção, Fernando Bongiovanni nos aponta outra técnica, outro rio, a linguagem, que também deságua na combinação entre os seguintes elementos: forma (podendo, por exemplo, ser letra cursiva ou de forma - letra maiúscula ou minúscula); tamanho (pequeno, médio ou grande); plano de inscrição (horizontal, vertical ou diagonal); parte 1 (parte do corpo); parte 2 (parte do corpo) e os sentidos.

**Figura 31** - Exercício teórico com Fernando Bongiovanni.

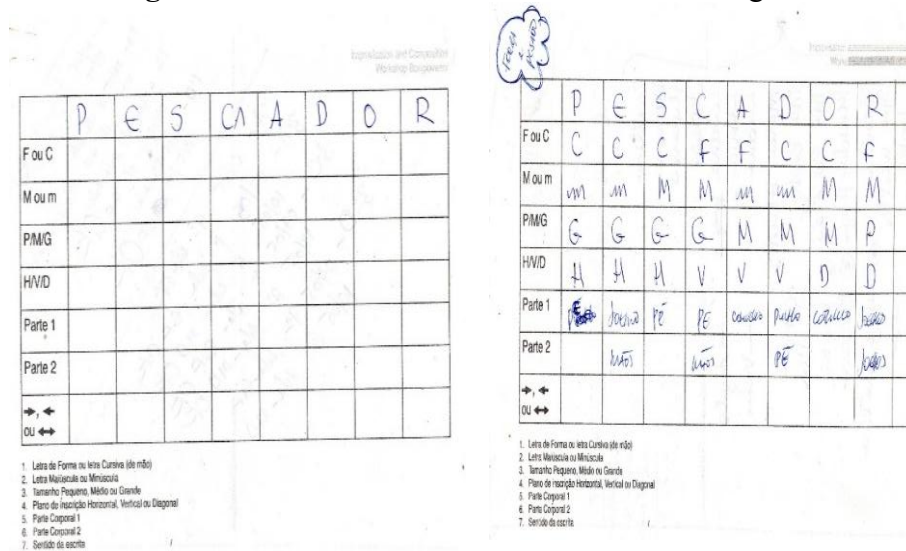


Fonte: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

Nessa direção utilizamos a palavra PESCADOR como estudo da Linguagem Universal, o outro rio. Como está visivelmente apresentado na imagem, na parte superior da folha foi escrita a palavra com as letras maiúsculas. Nisso, fomos criando as combinações utilizando partes do corpo: os joelhos, as mãos, os pés e os cotovelos. Neste rio, descobrimos em cardume outros modos de compor.

A residência segue, e em certa noite, quando Sávio Santos, Erick Dias e eu, deitados sobre o gramado da casa onde eles estavam abrigados, ali sobre a claridade da lua, nasceu a primeira sequência coreográfica do espetáculo *CorpoMar*, uma proposta para ser apresentada no dia seguinte ao coletivo de artistas participantes da residência e ao professor Fernando Bongiovanni.

**Figura 32 - Exercício teórico com Fernando Bongiovanni.**



Fonte: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

A partir daí, nasce a confluência, germinando em um compartilhamento que rende; e assim a maré vai enchendo. Nesses encontros de rios e mares, trago para conversar com a gente, Antônio Bispo, com seu texto *Somos da Terra*, onde ele escreve:

Confluência foi um conceito muito fácil de elaborar porque foi só observar o movimento das águas pelos rios, pela terra. Transfluência demorou um pouco mais porque tive que observar o movimento das águas pelo céu. Para entender como um rio que está no Brasil conflui com um rio que está na África eu demorei muito tempo. E percebi que ele faz isso pela chuva, pelas nuvens. Pelos rios do céu. Então, se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil. (2018, p. 07).

Quando apresentamos o pensamento de dançar a vida do pescador para Fernando, percebemos que ele ficou maravilhado com a vista. Até aqui tudo bem! Em roda de muitas prosas, percebemos nesta visão outros caminhos de pensar e compor a dança e os movimentos, as nossas ondas. Uma experiência de criação circular. Assim o cardume experimenta suas ondas – criamos em coletivo as movências.

Chegando da residência artística, a gente tinha como desafio, montar uma espécie de apresentação para a mostra de dança virtual *Movimento Cênico*. No cardume/coletivo, decidimos montar uma videodança. Assim, seguimos com a criação da obra, já brevemente iniciada na residência artística em Paracuru, sempre levando em consideração os rios compartilhados por Fernando. Agora, na praia trairiense, por meio de conversas via Whatsapp, fui motivando Savio Santos e Erick Dias a se conectarem cada vez mais com o universo e a vida do pescador.

**Figura 33** - Residência Artística - exercício de chão.



Fonte: Arreios Cia de Dança / Foto: Savio Santos

O processo de criação da videodança *CorpoMar* não tinha intervalo de tempo durante as 24 horas do dia. As conversas sobre a criação das cenas aconteciam diariamente via Whatsapp. Em nossas casas, mesmo diante das nossas diversas atividades, o *CorpoMar* caminhava no pensamento e ia misturando-se com as outras coisas do dia a dia.

**Figura 34** – Gravação da videodança nas dunas e na praia Emboaca, Trairi/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Célio Alves

Em 2021, por meio dos Editais da Lei Paulo Gustavo, conheci e me tornei amigo, acompanhante e projetista do pescador, tocador, cantor e compositor Antônio Militão. Dessa amizade, surgiram as conversas sobre pescaria e a vida em alto mar. Além de sua linda e desafiadora história de vida, Seu Militão, também compartilha comigo suas canções e tantas outras histórias de vida. Após semanas de convivência com seu Militão, estando eu nesse embalo criativo, em conjunto com Savio Santos e Erick Dias, decidimos compor a trilha sonora da videodança, trazendo as histórias da vida pesqueira do mestre Antônio Militão.

Nessa primeira etapa do trabalho, as cenas para a montagem da videodança eram pensadas coletivamente, em conversas pelo whatsapp, e cada dançarino ficava responsável por criar cenas separadamente em suas casas. O sábado era o dia em que nos reuníamos na Associação de Dança Arreios, para repassar as coreografias criadas individualmente, fazer análise coletiva e dar continuidade ao processo de criação.

...

seu coração fica a mil  
 é bom demais pescaria  
 cansei de encher os urus de peixes  
 é bom demais pescaria  
 (Seu João Cristina, 2021)

Como já foi escrito, na sua primeira versão, em 2021, *CorpoMar* foi criado pelos dançarinos Savio Santos, Erick Dias e por mim. Foi apresentado ao público por meio de uma videodança gravada nas dunas e nas águas da praia da comunidade de Emboaca, Trairi/CE. O título *CorpoMar*, foi uma decisão conjunta (em cardume).

Em uma das cenas, os dançarinos traziam como terreno de movimentos a caminhada sobre as dunas, com olhares mirando o horizonte, sequencias de lançar e puxar os braços e com rotações bruscas dos ombros, fazendo uma narração do cotidiano da vida dos pescadores, baseadas nas sequências coreográficas semeadas no estradar criativo.

**Figura 35** – Gravação da videodança nas dunas e na praia Emboaca, Trairi/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Célio Alves

Noutra cena construída, os dançarinos se direcionam e dançam à beira-mar, ali pertinho dos corais, junto aos barcos, as canoas e as pisadas deixadas pelos pecadores que outrora caminharam em direção ao mar. Os movimentos de rolamento conjuntamente sincronizados se

caracterizam pela pescaria coletiva, descrevendo corporalmente o desejo pesqueiro de ir ao mar em busca de alimento para saciar a esperança do viver.

Em outras cenas, os pescadores vão e voltam do mar, brincam, dançam e se banham com a água salgada, rolam junto com o chão. A trilha sonora foi produzida por meio de uma colheita com histórias narradas pelo Sr. João Cristina (pescador), pela Sra. Dona Maria Toinha – (Escritora e Mestre da Cultura) e pelo Sr. Antônio Militão (pescador, compositor, tocador e cantor).

**Figura 36** - Mostra de Dança Virtual Movimento Cênico: a criação em dança no meio digital



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Movimento Cênico.

A composição da videodança foi exibida na Mostra de Dança Virtual Movimento Cênico: a criação em dança no meio digital, promovida pela Rede de Dança do Ceará, em parceria com a *Arreios Cia de Dança*. Desta partilha, emerge a confluência com a pesquisa, que assim vai se espalhando no território traieense, gerando encontros, sensações, relações, sonhos e desejos.

**Figura 37:** Videodança: *CorpoMar* - publicado no dia 17/05/2021



**Figura 38 -** Mostra Movimento Cênico: a criação em dança no meio digital – realizada em no dia 14/052021.



O *Movimento Cênico* é resultado da ação da Lei Aldir Blanc no estado do Ceará. Conta com a realização da Associação de Dança Arreios de Trairi - ADAT; correalização da Rede de Dança do Ceará, Escola de Dança de Paracuru em parceria com a Quitanda Soluções Criativas e do Instituto BR; produção executiva da Cinco Elementos Produções, produção da Marco Zero.

O projeto conta com o apoio da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará por meio da Lei Aldir Blanc, Ministério do Turismo, Secretaria Especial de Cultura, Governo Federal.

#### 4.3 A criação cotidiana e a poética do espetáculo *CorpoMar*: 1º Semeadura Criativa

Após a montagem, edição e a apresentação da videodança, iniciamos a 1ª Semeadura Criativa, em contraponto ao termo “laboratórios de criação” que, inclusive foi utilizado anteriormente nesta escrita. A partir de agora, trago nessa escrita, as pesquisas realizadas, os encontros, as conversas, as famílias, os momentos, as ocasiões, os pescadores, os cheiros, as areias e os trajetos de criação desse do espetáculo *CorpoMar* no território de Trairi.

Todas as cenas do *CorpoMar* foram construídas por uma direção coletiva, como um encontro afetivo-dançante, uma festança que celebra, uma dança construída a partir dos corpos de muitos, dos dançarinos pesquisadores da *Arreios Cia de Dança*, dançarinos convidados, pescadores, cantores e tocadores traيريenses.

**Figura 39** - Anotação da Semeadura Criativa *CorpoMar*.

Expression and Composition  
Workshop Bongiovanni

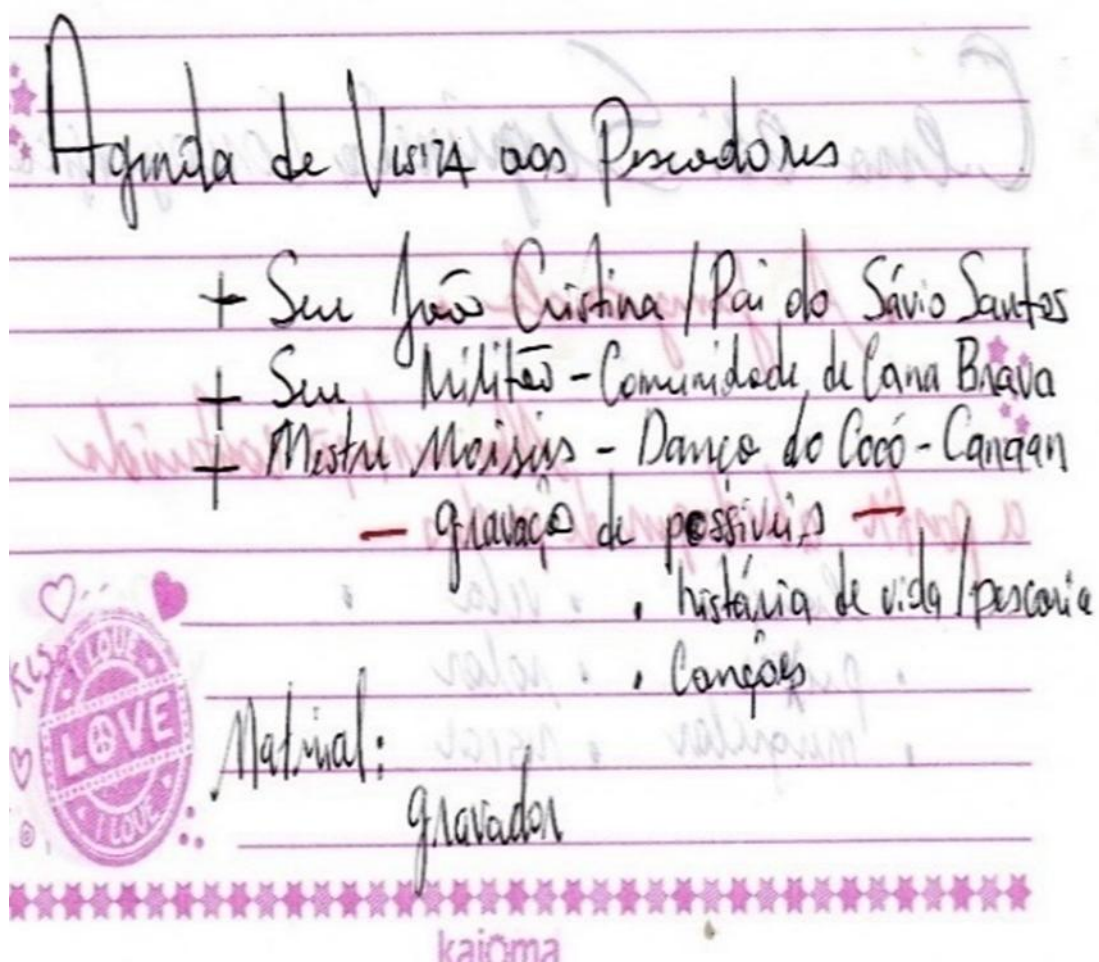
	P	E	S	C	A	D	O	R
F ou C								
M ou m								
P/M/G								
H/V/D								
Parte 1								
Parte 2								
↔, ↔ OU ↔↔								

1. Letra de Forma ou letra Cursiva (de mão)
2. Letra Maiúscula ou Minúscula
3. Tamanho Pequeno, Médio ou Grande
4. Plano de inscrição Horizontal, Vertical ou Diagonal
5. Parte Corporal 1
6. Parte Corporal 2
7. Sentido da escrita

Arquivo: *Arreios Cia de Dança* / Foto: Rito Jesus

As conversas para as criações das cenas, continuavam acontecendo via whatsapp. Após alguns meses, reuniões e proposta de montagem coreográfica também passaram acontecer pelo Google Meet. Nesse trajeto, começamos a perceber que os contatos e as vivências que os dançarinos tinham com o pescador e a vida praiana, já não eram mais suficientes para finalizar o espetáculo. Isso nos fez entender que era preciso retomar as conversas com os pescadores. Seu João Cristina – pai de Savio Santos, seu Antônio Militão e o Mestre e pescador Moises Cardoso, trouxeram suas passagens para colaborar com a Semeadura Criativa.

**Figura 40** - Anotação da Semeadura Criativa *CorpoMar*.

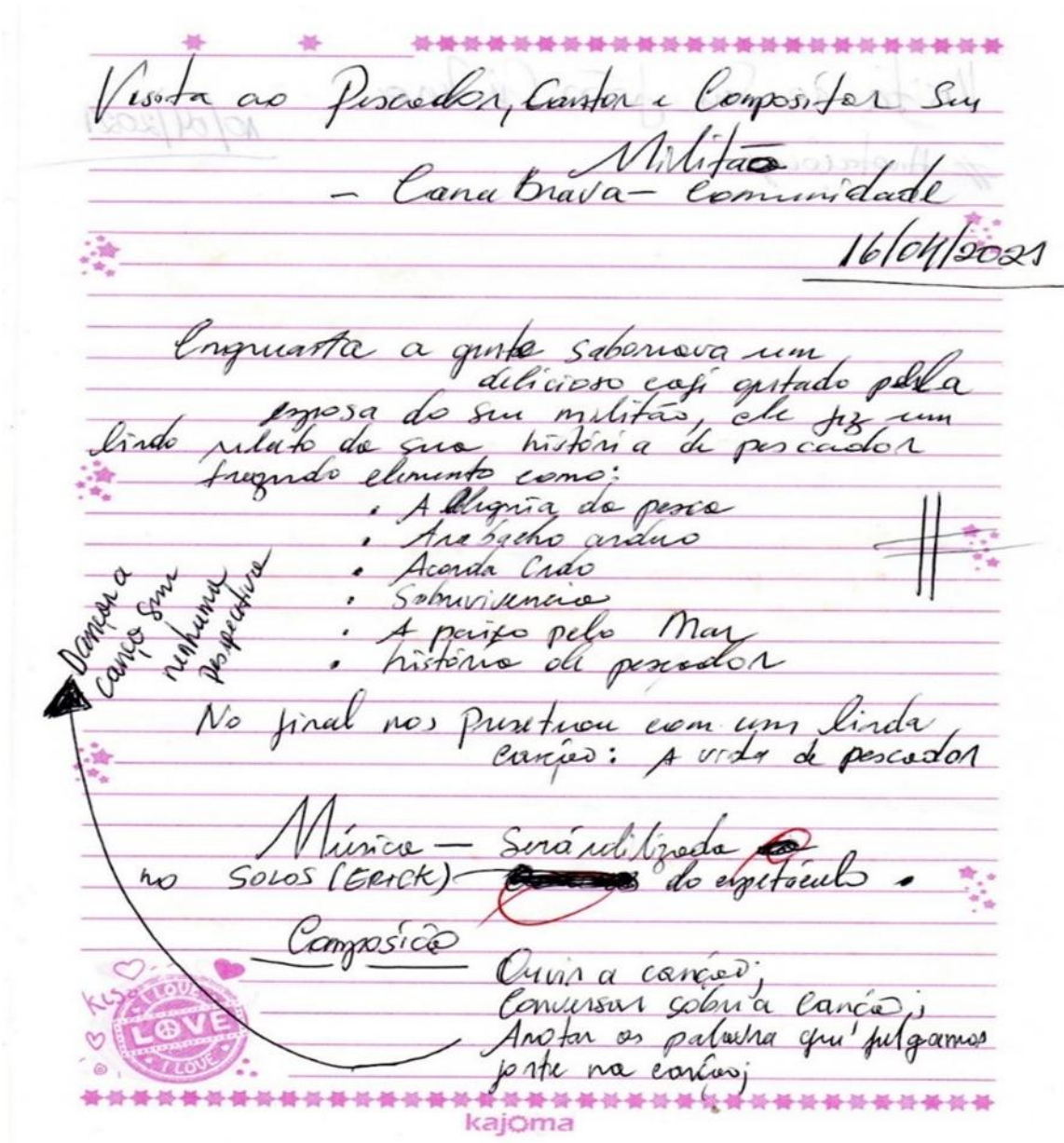


Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus.

As conversas com os pescadores aconteciam naturalmente. Em sua casa, o pescador Militão falou de suas músicas autorais e das histórias vividas nesse trabalho com o mar. Seu Militão, com um sorriso de criança no rosto contou um bocado de histórias: a alegria de pescar, a prática de acordar cedo, o perigo em alto mar e os desafios para sobreviver a fome, o calor e

o frio. Todas essas caminhadas foram cuidadosamente anotadas e semeadas em cardume (em coletivo).

**Figura 41** - Anotação da Semeadura Criativa *CorpoMar*



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus.

Seu Militão, como é conhecido na comunidade de Cana Brava, já compôs músicas para personalidades como Messias Holanda (Forró em Quatro Cores). Neste pequeno relato, Militão conta um pouco da sua trajetória de vida e seu amor pela natureza trairiense, suas praias, mangues e animais.

**Figura 42** - Momento Conversante com os pescadores da praia de Cana Brava



**Figura 43** – Momento Conversante com seu Militão de Cana Brava.



Durante o diálogo, seu Antônio Militão autorizou para que uma de suas músicas, a canção: *o pescador*, fosse envolvida no trabalho, a pedido da coletividade. Seu Militão, muito disponível, trouxe aquele sorriso, admirado com o pedido, e disse, “e serve pra alguma coisa?”. Ele sorriu novamente e falou, “pode sim, vocês podem usar, eu fico é feliz com isso.

**Figura 44** – Seu Antônio Militão.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa.

Eu sofri, seu moço, eu sofri<sup>31</sup>  
 Eu sofri pra meus filhos criar  
 Passando noite de sono  
 Molhado com frio dentro do mar (2X)  
 Em cima de uma embarcação  
 Vendo a hora acontecer  
 Um naufrágio qualquer  
 Minha vida eu perder  
 Mas de joelhos, implorei tanto a Deus, e Ele atendeu  
 Os pedidos meus  
 Agora tudo se modificou  
 Não sou mais um pescador

---

<sup>31</sup> Canção, *o pescador* de Antônio Militão, Cantor, tocador, compositor e morador da praia de Cana Brava, município de Trairi/CE.

Remando contra maré  
Graças a Deus  
O povo mesmo é que diz  
Que me verem tão feliz  
Do lado dos filhos e de minha mulher.

Na Semeadura Criativa a música foi caprichadamente estudada, fizemos anotações das palavras fortes presentes na música, como: sofri, frio, naufrágio e implorei tanto a Deus, que serviu de pedaços musicais para a composição do solo dançado por Erick Dias.

Savio Santos, ao conversar com seu pai João Cristina, gravava as conversas e compartilhava no grupo do whatsapp. Nessas gravações, seu pai compartilhava suas andanças, alegrias e os desafios como trabalhador do mar. Seu João Cristina, sempre esteve muito disponível para falar de sua vida enquanto pescador.

**Figura 45** – Seu João Cristina pescador

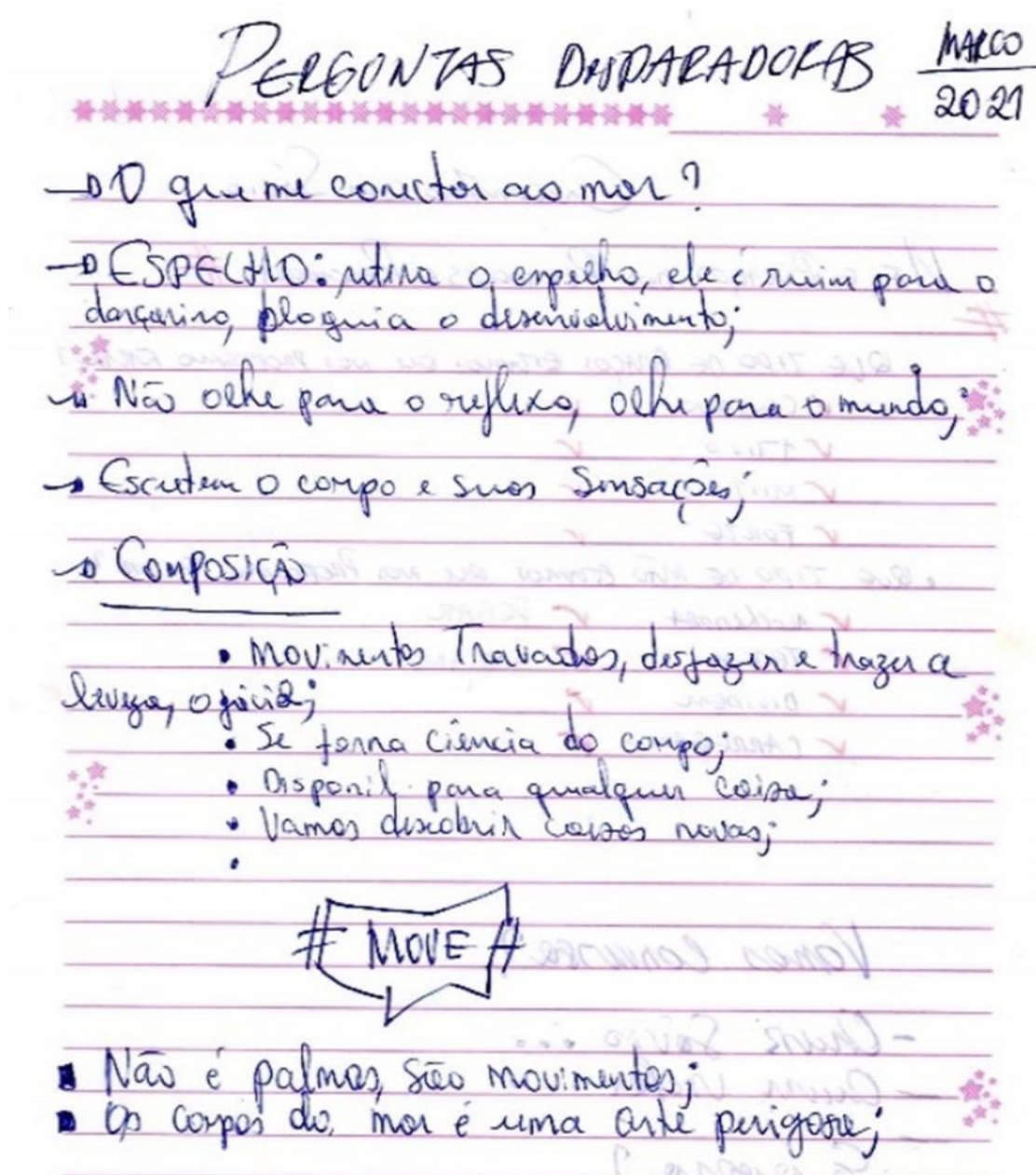


Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa

No momento em que esses áudios eram compartilhados no grupo, as inspirações para gerar cena aconteciam naturalmente. Para não perder os estalos da criatividade, geralmente eu fazia minhas anotações em um caderno e nos encontros presenciais compartilhava com o coletivo. As anotações feitas por mim eram como passo de partida nos encontros presenciais.

Nem sempre era possível reunir os três dançarinos presencialmente, às vezes os encontros aconteciam somente entre duas pessoas, como registra a imagem.

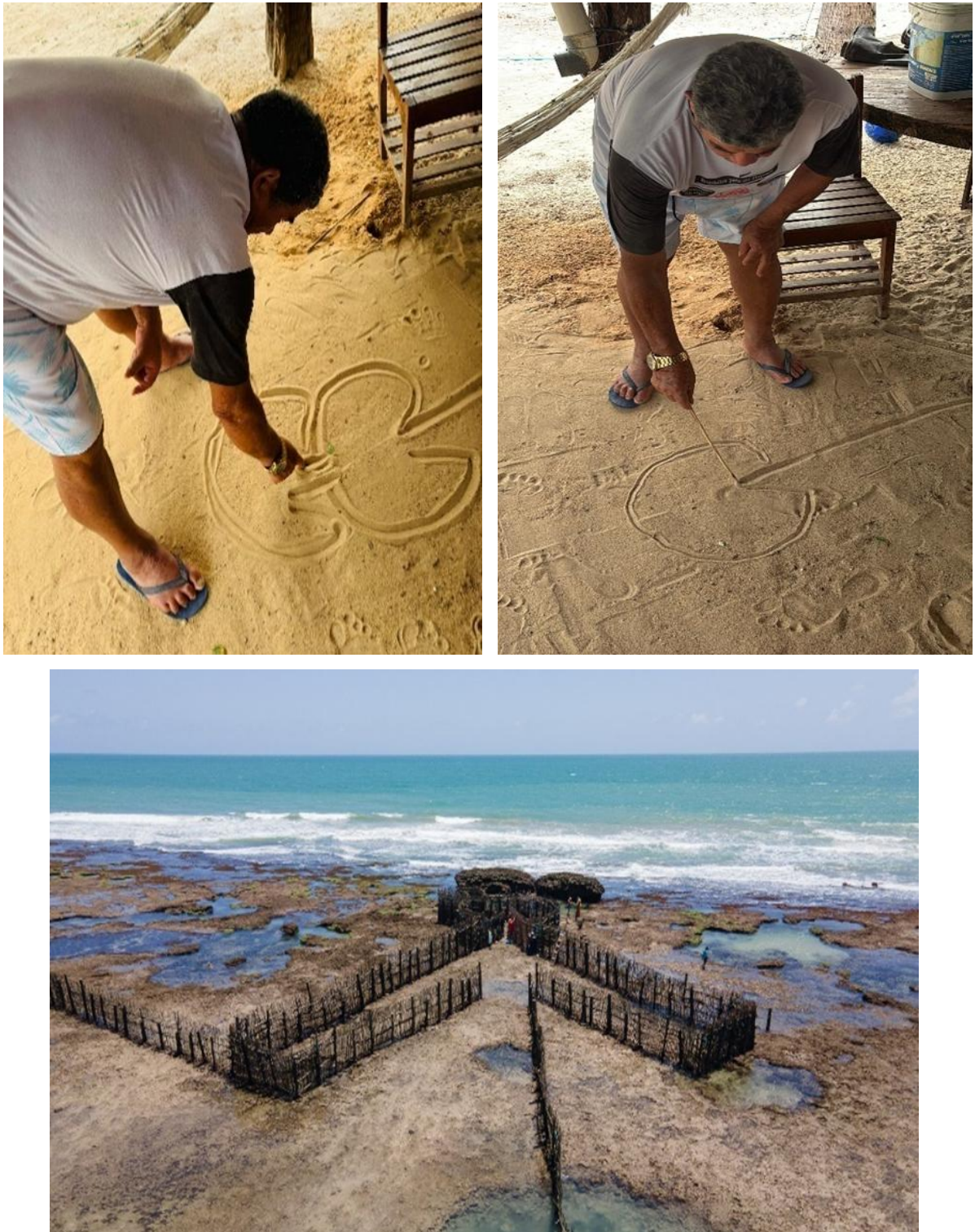
**Figura 46** - Anotação da Sementeira Criativa *CorpoMar*.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

A criação do solo de Savio Santos, nasceu dos passeios que ele fazia com as dunas de sua comunidade e durante as rodas de conversas com seu pai, seja nas horas dos lanches, dos almoços e nos tempos livres, assim, como nos diversos cantos de sua casa. Isso reforça que o fazer artístico também se dá no cotidiano, no contato com as coisas, as pessoas e os ambientes.

**Figura 47** – Roda de saberes com seu João Cristina sobre os currais pesqueiros.



Arquivo: Acervo pessoal e Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves e Savio Santos.

A dança no espetáculo *CorpoMar* vem das relações, das incertezas dos corações, das caronas com o homem pescador e dos sonhos projetados. E como disse Savio Santos (2024), *CorpoMar* é um trabalho feito o tempo todo e que fala da nossa própria história. Fala da gente pra gente mesmo!

Certo dia, no quintal da casa da família de Savio, no chão da velha casa de barro, o *CorpoMar* ganhava outro horizonte. Savio, relatou que costumava passar o dia inteiro perguntando ao seu pai, que amorosamente ele chama de paizim, os nomes das “coisas” de pescador. Em uma dessas conversas, o Sr. João Cristina, desenhou no chão da casa de barro, local onde a família morava anteriormente, bem perto da bomba de puxar água, os currais do mar e explicou como os peixes entravam e não conseguiam sair, foi nesse dia que realmente entendi como funcionava.

No solo de Savio, a dança acontece por meio de movimentos leves e ondulados que fluem suavemente como o vento e as ondas das águas. Na cena, os braços se abrem e se movimentam representando a vela da jangada em alto mar. Com toda essa cumbuca de informações sobre o pescador, Savio Santos, na camarinha de sua casa, pensava na criação do solo, montava as sequências coreografias possíveis, fazia suas anotações sobre as dúvidas que surgiam e nos encontros presenciais ele compartilhava conosco.

Foi mais uma das coisas que eu aprendi com o paizim sobre a sua vida de pescador. Eu me emocionei, porque eu sentia que era o jeito dele de dar atenção, e ao mesmo tempo, falar sobre sua paixão que é pescar. Era o jeito dele aproveitar o tempo perdido com a família, devido a sua ausência por causa da pesca”, relata Savio Santos.

Nas rodas de encontros presenciais, tudo que era criado em casa, seja de minha parte, de Savio ou de Erick, era calmamente apresentado e repetido por diversas vezes. O que fosse possível permanecer, ficava, aquilo, que cenicamente não falava com a obra, era mudado, na medida do possível.

Savio dança a leveza do mar e da vida do pescador, traz movimentos de um mar calmo, que vive a vida sem as pressas do cotidiano, o que também reflete o repensar dos corres do dia a dia. Embalado com a canção “o vento” de Dorival Caymmi, o dançarino se envolve com o vento que ajuda levar o barco e a vela para o mar, com os assovios que poetizam as vozes dos pescadores. Dança na maré baixa, tocando levemente nas areias e nas águas que assistem o menino dançar.

**Figura 48** – Confluência de saberes e ambientes: o encontro da vida cotidiana com a arte.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa

O pescador quando quer contar suas histórias geralmente usa a terra para fazer suas anotações. Esse exercício foi percebido na conversa com seu João Cristina e com seu Militão. As anotações do espetáculo CorpoMar eram feitas em vários cantos, cadernos, grupo whatsapp, pedaço de papel, notebook e outros. Registrar algumas cenas fazia parte dos processos.

**Figura 49** – Momento Conversante com os pescadores de Cana Brava, Trairi/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Célio Alves e Icaro Soares.

Essa herança da fala também é um presente ancestral vista na oralidade dos pais/mães, avôs/avós e senhores/senhoras pescadores/as que relatam muito bem os acontecimentos aos seus frutos de geração. A escrita da Semeadura Criativa do *CorpoMar* não se germinou de um modo regulamentado, técnico ou esquematizado por um único modo. Essa queda com as palavras simboliza a relação com o que acontecia em cada encontro com os dançarinos, os pescadores, as chegadas no mar, a caminhada com as dunas, com as cantigas, com os barcos, velas, formas e feições.

Figura 50 - Anotação da Sementeira Criativa CorpoMar

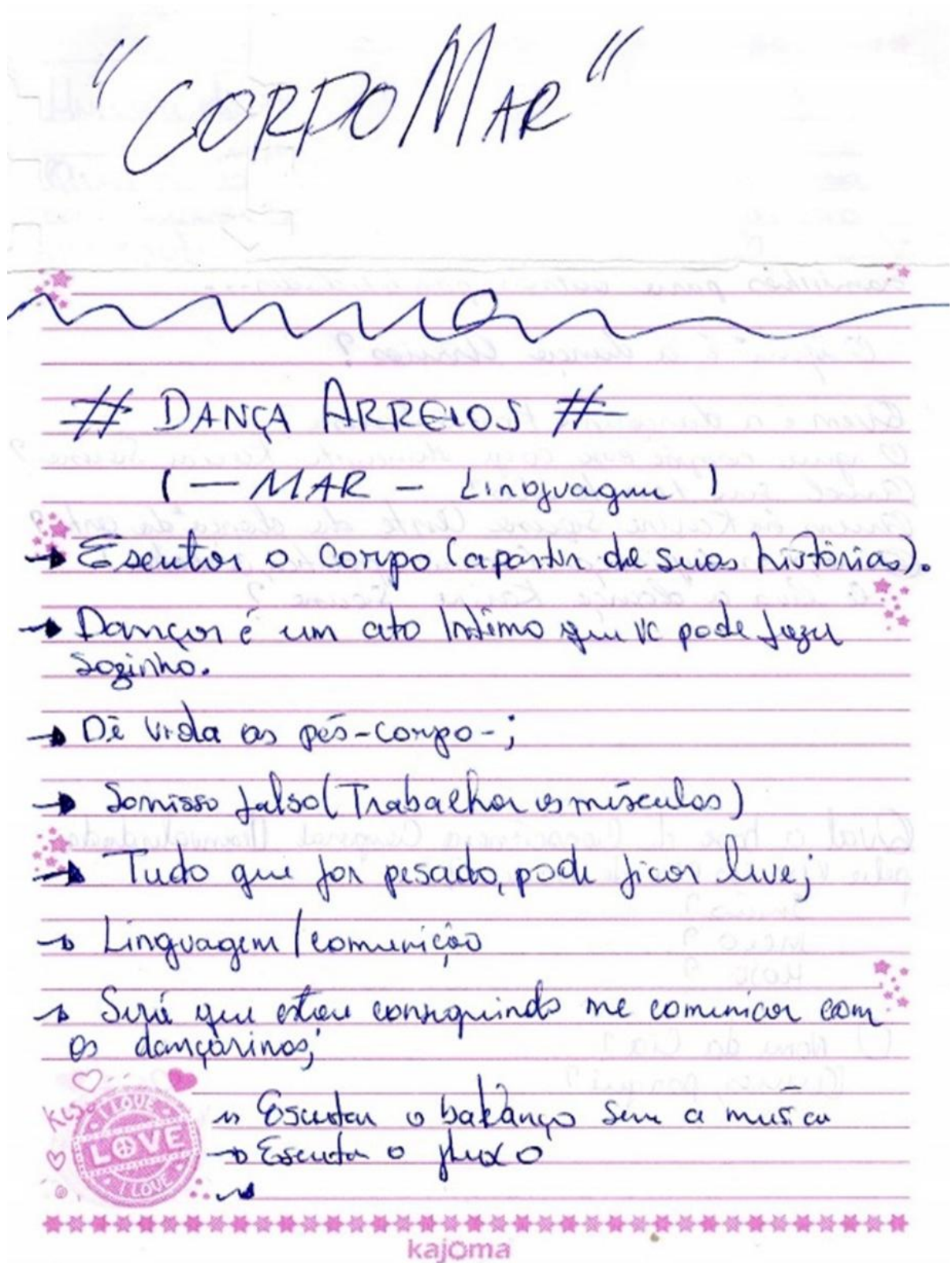
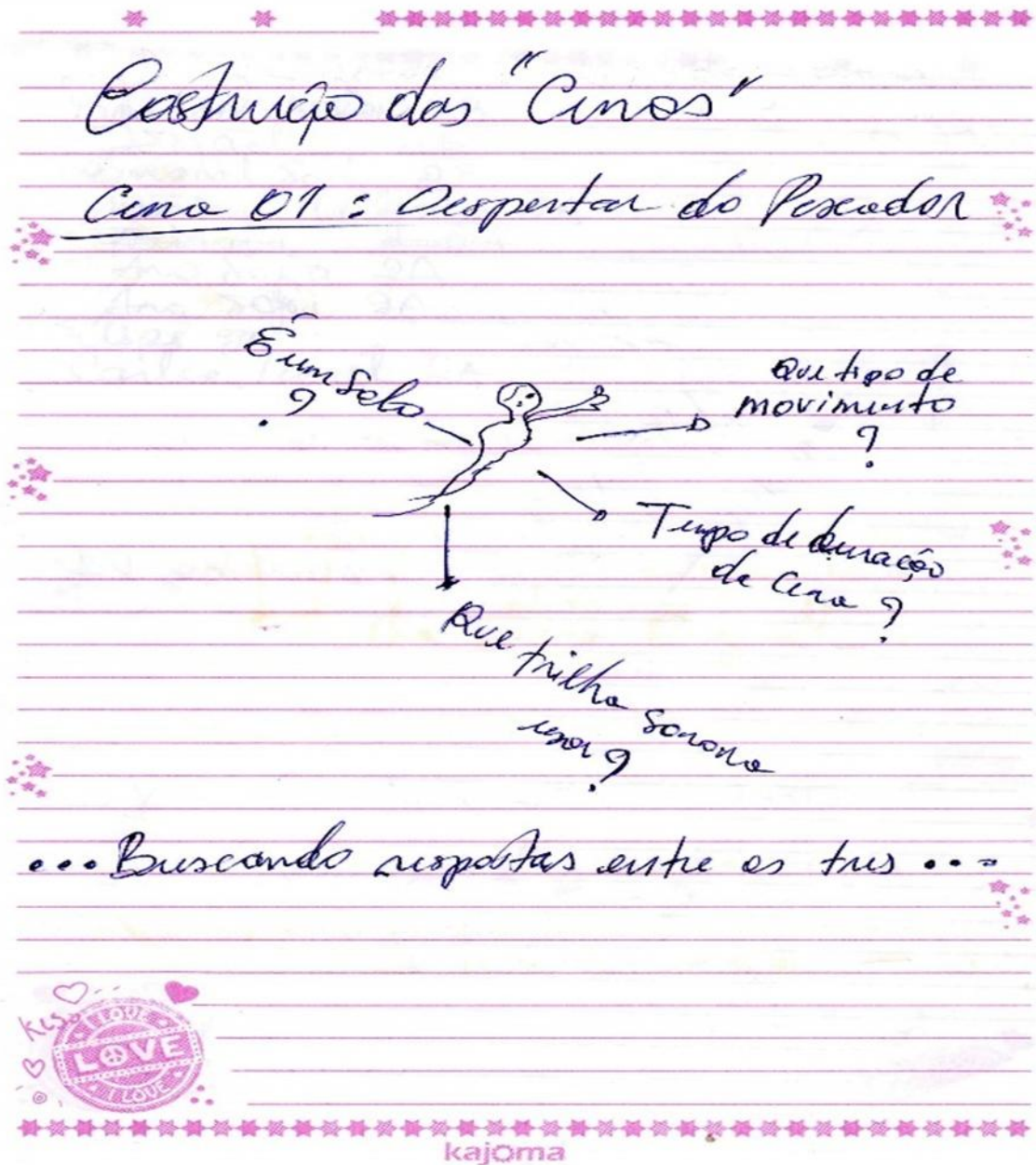


Figura 51 - Anotação da Sementeira Criativa *CorpoMar*



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

O solo dançado por mim narra o acordar do pescador. Dramaturgicamente, o solo foi semeado a partir dos momentos de conversas que tive com minha mãe, Dona Sebastiana. Nessas conversas, busquei compreender o ritual que meu pai fazia praticamente todas as madrugadas, o ato de acordar, se preparar, tomar um chá de capim santo com uma mucheia<sup>32</sup> de farinha, montar a cangaia e os caçuás no jumento e sair para a praia de Mundaú em busca de peixe.

<sup>32</sup> Mucêia é uma palavra interiorana que significa colocar um bocadinho de comida na boca, encher a mão de feijão, arroz e comer devagarinho ou às pressas.

Segundo Dona Sebastiana, seu Fransquinho, geralmente acordava às 4 horas da madrugada para ir comprar peixe no mar. Esse serviço acontecia de duas a três vezes durante a semana. Quando seu Fransquinho chegava com o peixe, a família se reunia para tratar, salgar, vender para a vizinhança e se alimentar.

**Figura 52** – Encontro da caminhada: sementeira e apresentação.

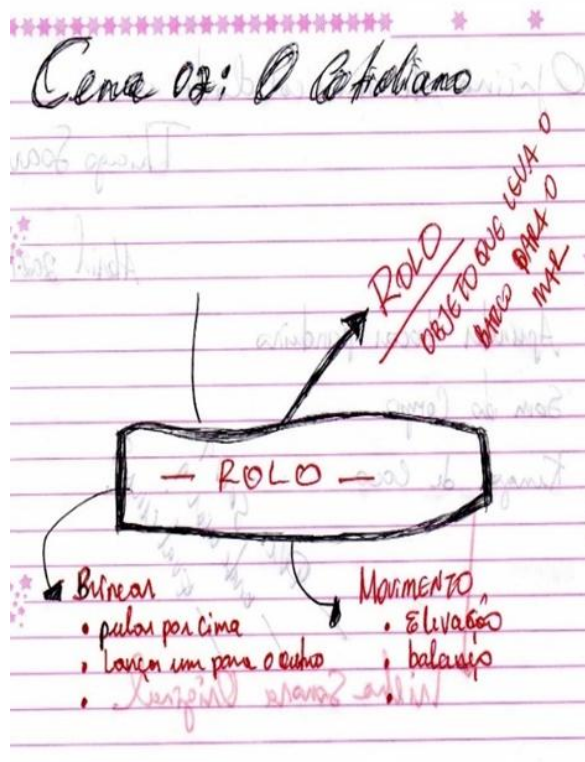


Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto Savio Santos

O solo foi construído utilizando os três níveis espaciais: baixo, médio e alto. No nível baixo, corpo deitado com elevação de cintura escapular, cabeça fica no chão e realizo duas

repetições de movimentos ondulados. No nível médio, utilizo o joelho como apoio para gerar movências de um ritual – lavar o rosto, pedir a bênção às forças ancestrais e ao sagrado. No nível médio - alto executo movimentos circulares com os braços apontados para o chão, envolvendo-me com um ritual de preparação para o ofício da pesca, é o primeiro contato com o quintal de objetos antes de partir para o mar, caminhando pelo despertar dos sentidos que organicamente me orientam. Na Semente Criativa, o percurso da cena foi tomando rumo com as referências sensíveis às percepções de imagens, ações e trajetórias do pescador.

**Figura 53** – Encontro da caminhada: semente e apresentação.



Arquivo: Arreios Cia de Dança, Rizoma BioEducom / Foto: Célio Alves, Adalberto Feitosa e Rito Jesus

O coqueiral é um outro bem natural muito presente do território trairiense, é uma planta alta que nos presenteia sua água doce e uma "carne" deliciosa para saborear. Os caminhos abertos com as dunas trairienses são floridos pelos coqueirais, que ornamentam os trajetos do pescador. Nesse caminhar, escuto Antônio Bispo (2023) falando de suas experiências. Mandacaru, xiquexique, coroa-de-frade e quipá, macambira, unha-de-gato, jurema e caroá, a beleza dos espinhos ornamentam os caminhos onde eu gosto de andar.

Nesse passeio, o coco, fruto dessa árvore, “mata” a sede e por muitas vezes a fome desse homem pescador. Na floresta baixa, o coqueiro é uma planta que marcava a vida dos povos indígenas que viviam próximos às dunas de Trairi. Das palhas são feitos os artesanatos e da madeira grossa, seu caule, era usado para a construção de suas casas, a água do coco e a "carne" era consumida como alimento.

O pescador, na hora da construção de seu barco, ou sua canoa, precisa de um rolo de madeira que leve o seu transporte de trabalho, do local onde fica estacionado à beira-mar seguindo para as águas do mar. Segundo o pescador João Cristina, o rolo que leva e traz o barco e a jangada são feitos da madeira do coqueiro.

No espetáculo *CorpoMar*, o rolo ganha espaço na cena e, com bastante cuidado, os dançarinos brincam com esse elemento, lançando de um lado para outro, pulando por cima, enfiando no chão e dançam ao seu redor, fazendo memória à dinâmica dos percursos deste elemento no mar e aos povos indígenas que habitam nas praias trairienses.

Na Semeadura Criativa a cena foi criada observando a atividade realizada pelos pescadores da praia de Emboaca, as crianças pulando sobre os rolos quando estão passeando na praia com seus pais e quando os jovens usam esse pedaço de madeira para fazer as travinhas do campinho para jogar bola na beira do mar. Essas percepções da vida cotidiana nos levam a compor cena e no espetáculo *CorpoMar* essas atividades ganham espaços, aplausos e proteção.

Erick Dias, semeador de uma das cenas do espetáculo, compartilhou uma proposta que envolve a jangada, o curral e o sentir do pescador. Para essa composição da cena, realizou vários momentos de conversa com seu pai sobre as narrativas da pesca realizada na praia de Guajiru e por seus familiares. Nessas conversas, seu pai fez relatos de quando o seu avô pescava e dos desafios enfrentados por ele. A cena foi construída a partir dessas conversas e do contato do dançarino com o território praiano e sua família, trazendo por meio dos movimentos a jangada, curral dos peixes e outros elementos que compõem o cenário praiano.

**Figura 54** - Encontro da caminhada: sementeira e apresentação com Erick Dias.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Ilton Sousa e Savio Santos

...

mergulhar

mares

marés

lagoas

vidas

...

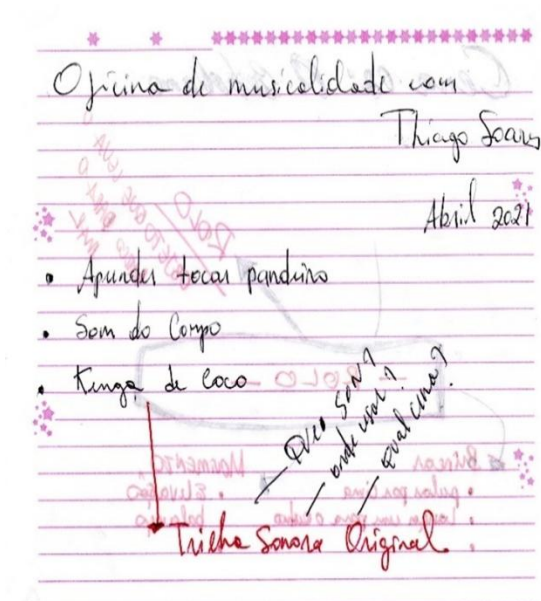
**Figura 55** -Apresentação do Espetáculo CorpoMar



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa

A Semeadura Criativa se deu com a percepção e observação de formas e estruturas no ambiente pesqueiro/praiano, abordando ainda outras movências do pescar e do ofício. O balanço, deslocamento com a percepção dos pesos e as imagens foram caminhos para a concepção cênica, repetindo a movimentação com o chão coberto por linóleo, com o chão batido e a areia da praia. Um conjunto de movimentos que, ao atravessar estes espaços, foi se construindo e percebendo mais formas de propor. Em cardume, o solo é visto e acolhido, conversado e proposto com base na pesquisa.

**Figura 56** - Estudo musical com o artista Thiago Patricio.

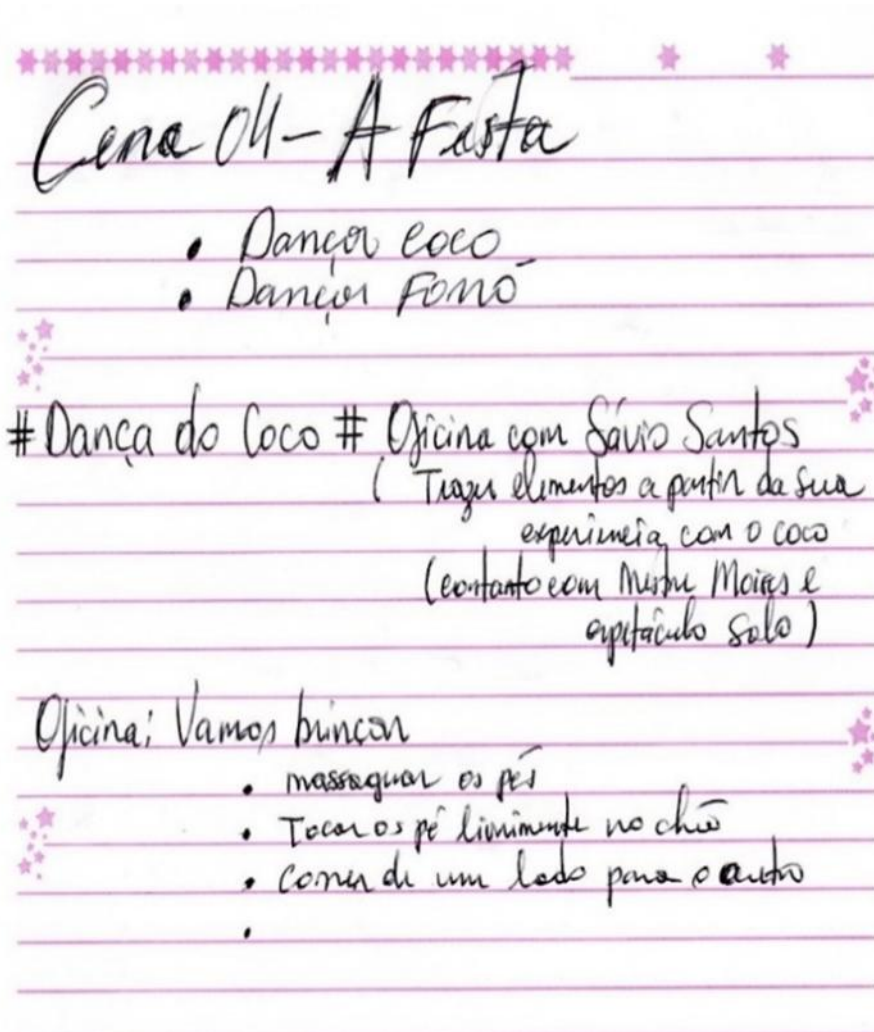


Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Savio Santos e Erick Dias

Durante as conversas, o dançarino relatou os desafios na execução do solo, especialmente com a dramaturgia, pois teve seu primeiro contato com as danças cênicas na *Residência Movimento Cênico*. Desta forma, o dançarino parecia não estar satisfeito com seu próprio processo semeado, quando perguntamos: “você está feliz com o seu solo?”

Nesse faz isso e faz aquilo, foram encontradas outras necessidades do trabalho, dessa vez, ligadas à música do espetáculo. Para fazer a montagem da trilha sonora do espetáculo *CorpoMar*, foi realizado um estudo musical. Assim, Thiago Patricio, artista da dança e da música de Trairi compartilhou seus saberes musicais com o cardume/coletivo.

Figura 57 - Encontro da caminhada: sementeira e apresentação.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Rito Jesus

Nesses encontros, mergulhamos na experimentação sonora, explorando as sonoridades e estruturas do pandeiro, das quengas de coco e dos sons corporais. As quengas de coco, com seus sons rurais, nos fazem lembrar uma diversidade de atividades que são realizadas na vida interiorana, como: o som do coco nas casas de fazer rapadura, o quebra-quebra nas casas familiares na hora do preparo para fazer um baião de dois ou colocar um peixe pra cozinhar. E os sons corporais, desde as batidas de pés até os sussurros, completaram o fazer sonoro, criando uma experiência única e transformadora feita por Thiago Soares.

Na Sementeira Criativa da cena-brincadeira-festa, a dança do coco de lagoa se manifesta, arrastando a dança comunitária do Mestre Moisés, da comunidade de Alagadiço, Canaan, Trairi/CE. Nessa cena-brincadeira-festa, o forro ancestral é outro elemento imaterial que nasce, cresce e se mistura, gerando uma dramaturgia festiva presente nesse ato comunitário.

Para compor a cena-brincadeira-festa, Savio Santos, a partir de suas vivências com o coco, compartilhou com o cardume/coletivo, várias sementeiras/exercícios do coco, como: massagear os pés; tocar os pés no chão e fazer caminho de um lado para outro. O cardume/dançarino Savio Santos, traz o coco, que se empolga e se envolve com a dança *CorpoMar*. A lembrança de ter dançado os cocos, quando criança, que ainda ferve em seu corpo, hoje carregado de histórias e saberes dos/das antigos, se compõe vivamente na cena-brincadeira-festa.

A dança do coco grita na cena-brincadeira-festa e, Savio Santos, se deixa levar por esse bailado. No toque do pandeiro, seu corpo busca conversar com a musicalidade que paira no ar. Nesse encontro, o dançarino se deixa envolver com as batidas musicais e, de pouco a pouco, seu corpo se lança pra dança comunitária. Nesse brincar, seus pés permanecem numa dinâmica de contato com chão e o friviado de corpo cresce suavemente. Nesse embalo, Savio Santos, chama Erick Dias e eu pra esse dançar comunitário. Nós, dançarinos brincamos com os passos tradicionais que compõem a dança do coco, que são: o sapateado, o mata barata, a umbigada, o sapinho e a grande roda, que chega junto, criando uma ciranda comunitária de passos, risos, envolvimento e tradição.

No *CorpoMar* o friviado de corpo é um dos modos presentes do estado *CorpoMar*, uma permissão/pausa pra dar vazão a inquietude do corpomente que acolhe expressões antes de focar no dançar. É um dançar desprezioso de significado e propósito, uma liberdade que remonta à infância, onde o brincar já era em si começo-meio-fim. Nesse friviado não importa os erros, consideramos a participação e o envolvimento no ato de dançar.

Não se avalia técnica, o que importa é a instigação "insultosa" que chama as pessoas pro desafio de quem frivia mais. É onde todos os movimentos são redesenhados e ressignificados pra um estado livre e propositalmente caricato, criando um aquecimento pra o estado *CorpoMar* onde o dançar de olhos fechados é a ponte para reconectar o corpomente em um só momento em sua inteireza.

A festa continua com o forró, a comunidade e o mar que também nos assisti e dança conosco. As gaiatices-passos-movimentos forrozeiros que desenvolvi para compor a cena-brincadeira-festa, nasceram-vieram da videodança "rastros", uma pesquisa realizada no distrito de Canaan, no ano de 2021. Nessa Sementeira Coletiva, o videodança foi um achado dançante importante e necessário para essa criação. Desse material, as falas dos senhores e das senhoras, os movimentos dançantes e os locais de gravações foram acolhidos, dessas oralidades e outras preposições, nasceu a composição desse forró *CorpoMar*.

**Figura 58** – Apresentação do espetáculo *CorpoMar* na Comunidade Cana Brava.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa

Na cena-brincadeira-festa, os cardumes/dançarinos convidam as pessoas que no ambiente estão e, nesse ato fraterno e corajoso, as comunidades dançam, “acham graças” e dão

gargalhadas. Nesse instante, o forró comunitário é manifestado dando corpo, voz, chão, vez, ambiente e envolvendo todas as pessoas convidadas.

“No forró, meu bem, não se fica só”.  
 No coco, meu bem, não se dança só.  
 Na dançaescritaria, meu bem, não se brincar só.  
 Dança comigo! Dança contigo!  
 Nesse forró interiorano todo mundo vai dançar.  
 E nessa confluência queremos bailar.  
 (Rito Jesus, 2025)

**“O sertão vai virar mar.”**

(Beato Antônio Conselheiro, 1833)

Como já foi citado nas estradas dessa dançaescritaria, os chãos maternais que receberam a Arreios Cia de Dança foram os territórios praianos e os sertanejos de Trairi. Esses ambientes são lugares de partilhas, acolhimentos e aconchegos que deram casa e colo para a Cia na cidade durante essa trajetória de 25 anos de atuação artística no município de Trairi. O sonho do cardume/coletivo após a criação do espetáculo *CorpoMar*, na sua 1º Semeadura Coletiva foi seguir nos rumos de uma circulação do trabalho nos territórios praianos e sertanejos do estado do Ceará. E o sonho foi realizado! O espetáculo dançou com serra, com sertão e com mar deste vasto Ceará.

Erick Dias, após o nascimento do espetáculo *CorpoMar* sempre nos motivou a procurar lugares para apresentações da obra. Inicialmente fomos convidados pela direção do “Festival Trairi das Culturas”, coordenado pela Secretaria da Cultura, do município de Trairi/CE.

Foi no Festival Trairi das Culturas que doamos a estreia do espetáculo *CorpoMar*. Foi uma apresentação carregada de nervosismo e muitas gotas de esperança. A comunidade acolheu carinhosamente o trabalho e nos encheu de esperança e muitos aplausos. Nesta noite entendemos que criar um trabalho que dialogue com a realidade do nosso povo, nutre profundamente boas relações, sensações e comunicações. A comunidade se convida a dançar e se sente parte do espetáculo, a dança acontece e se faz em comunidade.

**Figura 59** - 1º Semeadura Coletiva do Espetáculo *CorpoMar* - na Bienal de Dança do Ceará, cidade de Trairi/CE.



**Figura 60** - Festival Trairi das Culturas, Trairi/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Juscelino Santos

Essa sensação comunitária caminha conosco até o momento atual e acreditamos que terá vida longa na trajetória dançante com o trabalho *CorpoMar*. Assim, entendemos que o espetáculo, é o lugar por onde podemos reviver as histórias, as pessoas, os lugares memoráveis e o presente com todas as suas danças.

**Figura 61** – Temporada de Arte Cearense / Casa Antônio Conselheiro, Quixeramobim/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto Alan Avelino

12 anos  
 mar, vida, pescaria  
 sozinho  
 com rede  
 com a jangada  
 com o barco  
 com o calor do sol  
 com a chuva

mar agitado, calmo  
mar amigo  
mar de peixe, águas e aventuras  
foi trabalhando no mar que criei minha família  
cansei com esse ofício de pescador  
14 filhos-filhas  
conversar com o vento e acolher suas vozes  
sentir medo  
senti frio  
esperançar o peixe  
trazer peixe pra casa  
familiar alegre  
peixe na mesa pra comer  
alimento, alegria e compaixão  
(Seu Militão, 2021)

A TAC - Temporada de Arte Cearense<sup>33</sup> nos levou para o sertão desse estado, na cidade de Quixeramobim, no Ceará, um sonho brotado em Erick Dias e que ganhou raízes também no coletivo/cardume por inteiro. A Casa de Cultura Antônio Conselheiro nos recebeu maravilhosamente. Alan Avelino, um dos agentes responsáveis pelo lugar, foi uma pessoa atenciosa e cuidadosa. Nessa cidade, foram compartilhadas três doações, a primeira na EEMTI Assis Bezerra; a 2º na EEEP Dr. José Alves da Silveira e a 3º na Casa de Antônio Conselheiro.

---

<sup>33</sup> É um programa de ocupação artística dos equipamentos da Secult Ceará geridos em parceria com o Instituto Dragão do Mar (IDM) e tem o propósito de estimular o potencial criativo dos artistas e valorizar a qualidade das produções cearenses. A cada dois anos é lançado um edital para convocar artistas cearenses que queiram participar da programação dos equipamentos.

**Figura 62** – Temporada de Arte Cearense, apresentação na EEEP Dr. José Alves da Silveira Quixeramobim/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Ala Avelino

Uma das cenas que fez uma conexão festiva com a comunidade de Quixeramobim, foi a cena da festa, momento em que dançamos o forró. Com certeza devido à forte presença do forró no território cearense. Onde tem forró, tem conexão, memória, cheiro no cangote e pessoas pra dançar!

**Figura 63** – Festival Escola Criativa, Jijoca/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Ilton Sousa

O pensamento filosófico "o sertão vai virar mar" de Antônio Conselheiro, representava uma crença de que, em um momento futuro, a situação miserável do sertão seria revertida, e as terras inférteis se tornariam férteis e os sertanejos poderiam plantar e colher em abundância, superando a miséria do sertão e a desigualdade social. Nessa confluência com o pensamento de Antônio Conselheiro, dizemos que, a dança *CorpoMar* gerou um encontro abundante entre o MAR e o SERTÃO na cidade de Quixeramobim. Foram momentos abundantes de sorrisos, encantos, acolhimento, arte e dança.

Das dunas de Trairi, e a convite da Rede de Dança do Ceará, caminhamos para as terras de Jijoca, no Ceará, para doarmos dança no Festival Escola Criativa. O palco do teatro foi literalmente lotado por estudantes de escolas públicas da cidade. No palco a dança acontecia e na plateia os risos, as "graças" e aquelas velhas vaias cearenses surgiram durante a apresentação.

No momento do forró os/as estudantes gritavam desesperadamente, afinal de contas, a energia forrozeira conecta as pessoas das diversas gerações. Encerrando a apresentação muitos gritos, aplausos e fotos. Manhã festiva para o *CorpoMar*.

No balanço do forró, corpos embalam-se no salão.  
Sobre o corpo de quem dança, roupas saltitam.  
Na roda do dançar, a poeira se manifesta e se junta com os movimentos dançados.  
Vou dançando vida, história e tradição!  
(Rito Jesus, 2025)

**Figura 64** – XVI Bienal Internacional de Dança do Ceará



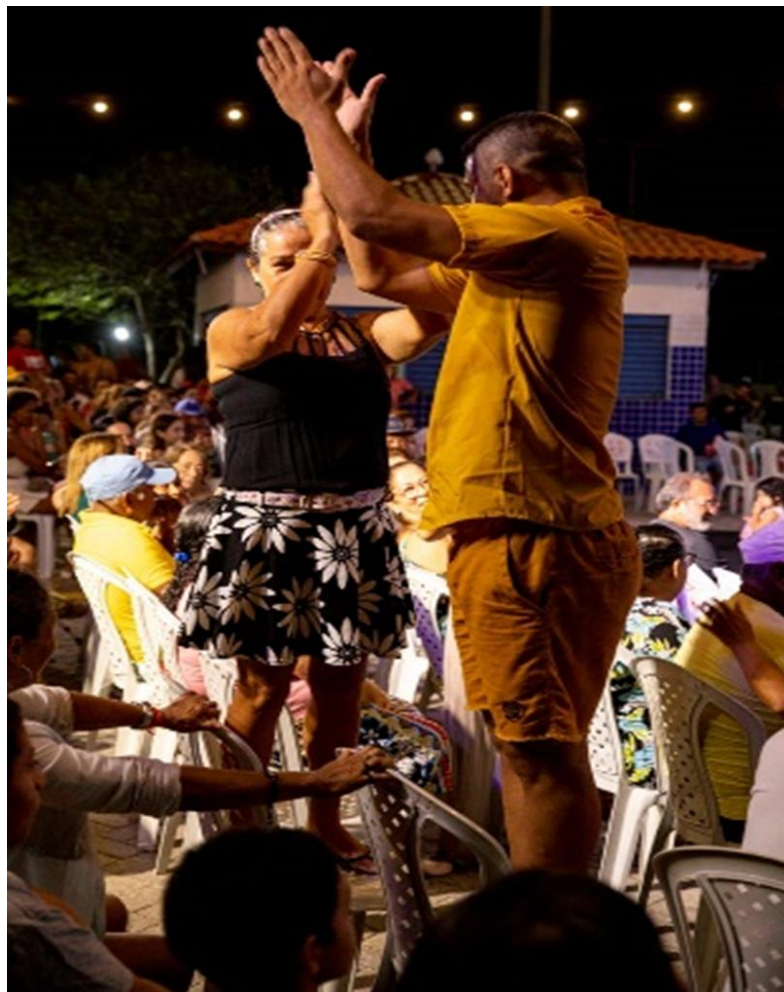
Arquivo: Arreios Cia de Dança

Das terras de Jijoca, voltamos para nossas casas e quem nos recebeu foi o palco da Bienal de Dança do Ceará<sup>34</sup>. A nossa casa é a nossa gente! Mais uma vez o espetáculo foi

<sup>34</sup> A Bienal Internacional de Dança do Ceará é um evento que acontece a cada dois anos, apresentando dança, música, oficinas, palestras e residências artísticas. A Bienal foi criada em 1997 e é apresentada pelo Ministério da

acolhido com muito afeto e carinho. A comunidade bem pertinho de nós! Ali estavam nossos familiares, nossos amigos/as/es e os pescadores. Dançar em casa sempre é muito especial para o *CorpoMar*. É como se a comunidade estivesse dançando conosco! A energia dançante é outra! A dança se conecta com a dança das pessoas que estão conosco, formando uma ciranda dançante e cheia de significados cotidianos.

**Figura 65** - Festival Praieira, comunidade da Baleia, município de Itapipoca/CE.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto:

Do chão da Bienal de Dança do Ceará fomos para o Festival Praieira, na comunidade de Baleia, município de Itapipoca/CE. Nesse dia dançamos no tablado baixinho que estava exposto em frente ao palco principal do festival. Antes de finalizarmos a passagem de palco

---

Cultura, Governo do Estado do Ceará, Enel Distribuição Ceará e Petrobras. A programação da Bienal de Dança do Ceará acontece em várias cidades do estado, como Fortaleza, Paracuru, Pacatuba, Itapipoca e Trairi. A Bienal de Dança do Ceará conta com uma versão diferenciada, a Bienal Internacional de Dança do Ceará – De Par Em Par, que acontece nos anos pares. A programação da Bienal de Dança do Ceará é gratuita, mas respeita a classificação indicativa dos espetáculos e a capacidade de público dos equipamentos.

fomos percebendo uns senhores chegando perto da gente e com um olhar bem curioso. Tínhamos certeza de que aqueles homens que timidamente nos observavam sabiam que estávamos dançando sua história de vida. Seus olhares respondiam muito bem.

Nesse dia percebemos que a passagem da vela no espetáculo, a brincadeira com o rolo, o coco e o forró foram as cenas que encantaram os olhos do público. Um terreiro à beira-mar cheio crianças, jovens, adultos, senhores e senhoras. Nessa apresentação, o forró foi dançando envolvendo as pessoas. Dancei com uma senhora que me ofereceu um sorriso vibrante. As outras pessoas aplaudiram de uma forma muito especial e caridosa. Dançamos com eles e com elas! A dança nos conectou, gerando uma relação de arte -vida.

Tudo isso, falado e dançado, foi nossa ciranda de apresentações no interior do Ceará. Nossa Semeadura Criativa ganhou outros terrenos, outras memórias e outras danças. Nesse rumo dançante diversas foram as alegrias e as conversas, gerando novas histórias e novos sonhos para nós do *CorpoMar*.

#### **4.4 A criação cotidiana e poética do espetáculo *CorpoMar*: 2ª Semeadura Criativa**

A 2ª Semeadura Coletiva (laboratório de criação) do espetáculo *CorpoMar* se gerou a partir do Mestrado em Artes, onde percebemos que nos caminhos que nos levaram ao espetáculo existiam veredas que mereciam um pouco mais de atenção, uma semeadura observada por mim, durante o primeiro semestre do ano de 2024.

Com o passar dos anos, fomos sentindo a necessidade da presença de outros dançarinos na obra, pois, aos poucos, fomos percebendo que algumas cenas do trabalho teriam outros caminhos com inclusão de mais um corpo. Assim, em 2024, ano em que realizamos a 2ª Semeadura Criativa (laboratório de criação) do *CorpoMar*, convidamos o artista e dançarino Manoel Saldanha, também filho de pescador, para dançar a terceira versão do espetáculo. Para ele:

*O CorpoMar* é um trabalho que acolhe naturalmente os corpos que o compõem. Esses corpos têm suas histórias e trajetórias distintas uma das outras, mas que sempre tiveram garantido o espaço necessário pra que cada um, a seu modo, pudesse expressar, sem concessões, seus solos. É uma interação permeável, viva e acolhedora que emana de todos. Os ensaios, nessa versão, após minha entrada no trabalho, são realizados no Centro Flex de Arte e Cultura de Trairi, sede da Cia Flex de Dança, a qual faço parte com o Thiago Patrício, e dos grupos de cultura popular do Reisado Boi Trairi e o Coco de Caretas. É um espaço que já tem em seu “DNA” a proposta de acolhimento aos mais diversos fazeres artísticos trairienses. É um espaço voltado ao possível e ao desejável, que cada um leva consigo. (Manoel Saldanha, 2024 - Extraído do texto em anexo)

Convidar Manoel Saldanha para dançar o espetáculo *CorpoMar* foi de um esperar emocionante, pois além de ser um grande amigo nosso, ele já tinha feito uma reflexão coreográfica do trabalho após sua estreia no Festival Trairi das Culturas. Para Erick Dias:

A entrada de Manoel foi muito positiva para nós e muito significativa para a obra inteira. Algo que obedeceu a regra da proporcionalidade, sendo até mais do que isso, fazendo o processo fluir de uma maneira mais cuidadosa. Essa readaptação no espetáculo tornou-se muito positiva ao ponto de gerarmos novas conclusões e inquietudes. (Para Erick Dias, 2024 - Extraído do texto em anexo)

Com esse novo jeito, os trabalhos ganharam um novo fluxo interativo e de criatividade, com mais preenchimentos coreográficos. Com a chegada de Manoel Saldanha, o grupo fluiu com sua predisposição já existente em todos para a colaboração, somando mais um para o cardume/coletivo. O dinamismo presente nesse novo cardume tornou a criação e recriação das cenas e de sua dramaturgia um processo ligeiro e criativo, tornando possível um volume maior de análise e observações em um menor espaço de tempo. A autonomia de cada integrante, com seus conhecimentos territoriais particulares, foi significativamente ampliada e reforçada. A dinâmica desse processo, também foi percebida pelo amigo, artista local e colaborador Thiago Patrício, quando ele diz:

O trabalho realizado durante os encontros para ensaios e experimentações do espetáculo *Corpomar*, da Arreios Cia de Dança, são regados a escuta e acolhimento, tanto de proposições de reelaboração, ampliação e ressignificação das poéticas já estabelecidas, quanto das questões e conflitos oriundos dos contextos de cada integrante. É perceptível a descentralização da condução dos processos. Isso acontece devido a predisposição dos integrantes no guiamento de ações socioculturais em suas próprias comunidades, o que, em minha análise, só enriquece a obra. Visto que traz e injeta na composição e concepção do espetáculo a coragem e o comprometimento de indivíduos testados pela vida; histórica e socialmente excluídos e invisibilizados por questões geográficas, econômicas e de gênero, e que também por isso tornaram-se artistas tão potentes e genuínos. (Thiago Patrício, 2024 - Extraído do texto em anexo)

Nesse segundo momento, a Semeadura Coletiva foi plantada no que vamos chamar Terrenos, ficando assim semeado: terreno praia: momentos conversantes com o espetáculo *CorpoMar*; terreno mar: recriação das cenas e suas dramaturgias; terreno sertão: encontros para ensaios e cafés coletivos; terreno comunitário: roda de apresentações nas comunidades praianas de Trairi. Os momentos conversantes (terreno praia) aconteceram no Chão Virtual e na Casa de Cultura Chico Saldanha. Nesse terreno conversávamos sobre as ondas coreográficas, os territórios dramaturgicos, os caminhos possíveis para recriar as cenas e sobre a poética de criação do figurino.

**Figura 66** – Momento Conversante na Casa de Cultura Chico Saldanha.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa.

As recriações das ondas coreográficas, no terreno mar dessa Semeadura Coletiva, foram os caminhos mais longos dessa trajetória. Os solos e as cenas foram recriados, levando em consideração os tempos e os desafios de movimentos de cada dançarino. Nesse trajeto, enquanto um dançarino executava as ondas/coreografias (solo), os outros dançarinos (em cardume)

observavam, colaboravam e recriavam os movimentos possíveis. As ondas coreográficas coletivas aconteciam de modo criativo, enquanto três dançarinos dançavam em cardume, um dançarino ficava observando. Após horas de repetições, os quatro dançarinos, em coletivo, dançavam.

**Figura 67** – Encontro da caminhada: sementeira e apresentação.



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Celio Alves e Adalberto Feitosa.

Nessa Sementeira Criativa, incluímos a cena do caçua, que lembra a força, a colheita, o artesanato e o homem pescador. O caçua é uma cesta feita de cipó, que o comprador e pescador geralmente usa para transportar o peixe da praia para sua casa.

Na cena trazemos dois caçuas que, enquanto dois cardumes/dançarinos brincam com esses elementos, os demais desenvolvem movimentos circulares de um lado para outro, assim, formando um curral de pescaria. Durante a Sementeira de Criativa, diversos estudos com os

caçuás foram semeados, na busca de uma movimentação simples e carregada de significância praieira.

**Figura 68** – CorpoMar na Comunidade de Emboaca, Trairi/CE.



*Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa*

No terreno comunitário (roda de apresentações) foram realizados três encontros, o primeiro na comunidade de Emboaca, o segundo na comunidade de Cana Brava e o terceiro na inauguração do Centro Cultural de Trairi. Cada lugar, uma acolhida especial, um jeito singular de fazer e conviver com as pessoas, um sorriso vibrante em cada onda coreográfica e um agradecimento muito especial.

**Figura 69** - *CorpoMar* na Comunidade de Cana Brava, Trairi/CE.



*Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa*

Nessas comunidades, os locais nos apresentam desafios que exigem uma maior atenção de nossa parte, que nos convida a fazer adaptações que dialoguem com o ambiente em que iremos apresentar a nossa Semeadura. Mesmo assim, entendemos o palco como uma extensão mais atenta de nossos ensaios, levando para a cena a mesma leveza e brincadeira, quando necessárias, que fazemos entre nós. Essa leveza, que sobe aos ambientes, torna os erros não determinantes de nossas qualidades, entendemos que possíveis erros falam mais sobre as circunstâncias do momento do que sobre nós.

É possível ocorrerem momentos com as coisas não humanas, como já aconteceu, durante o terreno comunitário do espetáculo *CorpoMar* nas comunidades praieiras de Emboaca e Cana Brava. Em um momento de comunhão comunitária, nos sentimos aplaudidos antes mesmo da apresentação terminar, quando a chuva, que dessa vez quis entrar em cena, modificou a paisagem sonora e física daquele encontro, mas que todos os presentes, a seu modo e como podiam, se abrigaram nos alpendres, de baixo das árvores, com as cadeiras como guarda-chuva e outros totalmente desprotegidos, ao encontraram razão maior em ficar na chuva e presenciar aquele trabalho ao invés de voltarem pra a proteção e aconchego de suas casas.

Surge uma sensação de entrega, onde as certezas se desfaziam ao saber que tudo o que foi ensaiado seria, naquele momento, totalmente imprevisível. Com o chão molhado exigindo uma atenção redobrada e todos os dançarinos, com olhos atentos entre si, deu lugar à uma experiência maravilhosa e única. Cana Brava e Emboaca, um território sagrado para o *CorpoMar!*

Para mim, *CorpoMar* é daquelas obras de dança que reúne facilmente todas as pessoas nas calçadas pra assistir e depois todo mundo sabe falar alguma coisa. *CorpoMar* é uma dança acessível, democrática, rural e acolhe todas as gerações. Essa obra nos trouxe entendimento de um fazer em dança que transbordou minhas percepções como pesquisador, coreógrafo e dançarino.

Esses avanços fizeram-me perceber, com um melhor entendimento, do que eu levava pra cena e do que a cena pedia de transformação em mim. E, nesse processo de autoconhecimento, transformação pessoal e artística, encontrei no coletivo um espaço acolhedor, seguro e fértil para as descobertas que nasciam desses encontros. Os pescadores de Cana Brava, trouxeram o mar pra pertinho do *CorpoMar*. Essa delicadeza e gentileza ficou registrada na nossa memória. A jangada e a vela são carregadas cuidadosamente, espalhados no terreiro da comunidade criando um diálogo pesqueiro e territorial com o espetáculo, uma atitude

carinhosa que significou muito pra nós que fazendo do *CorpoMar* um pedaço das casas das pessoas.

**Figura 70** – Pescadores da Comunidade de Cana Brava e apresentação do Espetáculo *CorpoMar*.



*Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa*

Desse fazer coletivo que acolhe e multiplica os fazeres e suas inspirações, surge uma nova perspectiva de ser e estar nos processos criativos em cena e no coletivo. Um estado suave de felicidade em uma festividade dançante, o que Manoel Saldanha chama de “Estado *CorpoMar*”:

Os ensaios são momentos incrivelmente livres e suaves. Entramos sabendo que existe um trabalho a ser feito e experimentado em todos os seus detalhes, mas nesse tempo, a qualquer momento, sem aviso prévio ou provocação, sempre surge uma brincadeira, uma interação, um intervalo no espaço e no tempo que nos joga ao brincar. Um brincar livre, onde o sorriso que se espalha por todo o corpo sempre encontra eco nos outros corpos. (Manoel Saldanha, 2024 - Extraído do texto em anexo).

Após essa súbita licença e relação com o fazer, esse desmanchar no momento, essa escuta cotidiana, esse mergulhar na vida peculiar do outro, voltamos, ainda com o sorriso insistindo em permanecer, às experimentações coreográficas. Esse estado de liberdade social, física e poética, esse momento desprendido de resultado algum, apenas por ser e estar imerso

ao momento dissociado do tempo do relógio, das várias outras preocupações da vida e das realidades pesadas da semana, surge o que eu chamo de “Estado *CorpoMar*”.

**Figura 71** – Semeadura Criativa do *CorpoMar*



Arquivo: Arreios Cia de Dança / Foto: Adalberto Feitosa

É um brincar perdido no adulto, mas tão real na criança quanto a própria brincadeira, que é revisitado por esses corpos cheios de obrigações, mas que nesse momento, por um breve, mas suficiente, esse espaço tempo-corporal brota e ganha vida livre através dos presentes e suas relações. Após iniciado, é preciso aguardar até que todos os corpos se sintam saciados, que voltemos dessa infância adulta pra nosso adulto não tão adulto assim.

O “estado *CorpoMar*” presente na Semeadura Criativa, são as frescuras, os momentos de risos, as brincadeiras das rainhas dos paredões<sup>35</sup> iniciadas por Savio Santos e Erick Dias, os lanches compartilhados, os abraços divididos, as gritarias que surgem aleatoriamente, as fofocas e as histórias engraçadas do cotidiano, ditas por todos do cardume.

Essas mesmas percepções são sentidas por Erick Dias que descreve:

<sup>35</sup> Rainhas dos paredões são as pausas que surgem durante os processos de criação e recriação das cenas, momento que trazendo para o chão do *CorpoMar*, as vivências das festas que aconteceram nos clubes durante os finais semana. É nessas festas que marcamos o nosso território, dançando livremente e balançando o bumbum até o chão.

Um dos pontos altos de toda essa trajetória é a interação e sua vivência no processo. A brincadeira é um dos elementos primordiais para essas vivências que surgem despreziosamente. *CORPOMAR*, além de tudo o que foi supracitado, nos envolve num lugar onde podemos SER em nossa integridade ao mesmo tempo em que criamos e geramos nossos processos. (Erick Dias, 2024 - Extraído do texto em anexo)

À medida que nos entregamos a todas as Semeaduras Criativas, cotidianas, cênicas e poéticas do *CorpoMar*, percebo o quanto essa liberdade de ser acolhedor e sem julgamento cultiva os modos de fazer e pensar dança entre esse cardume dançador. Trazem uma perspectiva libertadora que considero fundamental como resposta aos desafios da arte e da vida, incorporando, em mim, uma nova forma de ser, fazer e estar no mundo. Agora, esse novo fazer coletivo me leva a um recriar na minha vida acadêmica, docente, comunitária, social, artística e pessoal buscando encontrar esse Estado *CorpoMar*.

A leveza e o frescor dos processos, coletivos, do *CorpoMar* marcaram em mim significâncias que estão sendo preservadas por meio desse terreno coletivo, partilhado entre mim e meus colegas-amigos, se alimentando através dos afetos construídos em cada encontro, fazendo dele um importantíssimo e vivo terreno de memória pra cada um de nós. A partir daí, o *CorpoMar* vem se configurando em um estudo de caso dos “Terrenos de Memórias”,

A partir de todo esse conhecimento prático adquirido e dessa experiência emocional, os modos de ser e fazer que se semearam nos processos coletivos do *CorpoMar*, tornam-se horizontes para todas as minhas relações em coletividade que já tenho em andamento e todas as que virão no futuro.

#### **4.5 *CorpoMar*: as materialidades presentes nos figurinos.**

O exercício dramaturgico pensado para a criação do figuro do *CorpoMar*, propõe uma aticadora relação entre a materialidade praiana e a construção dos figurinos, explorando a poética dos elementos naturais como a areia, a onda, o pescador, a vegetação e o mar. A divisão de acolher-vestir entre os cardumes demonstra uma imersão profunda na essência de cada elemento, buscando incorporar suas características e nuances aos figurinos.

Nessa criação do figurino, a areia com sua cor, textura e movimento é traduzido em leveza e fluidez, com tons terrosos e detalhes que remetam à sua essência. Onda com sua força, a espuma, a fluidez são compostas por cores e movimentos que simulem o ondular do mar. O pescador e sua rusticidade, a força, a experiência e a ligação com o mar são expressas em tecidos resistentes e confortáveis, com cores que remetam ao trabalho e ao ambiente marítimo. A vegetação com sua diversidade, a beleza e a importância no chão litorânea podem ser traduzidas por tecidos texturizados, com estampas e formas que remetam à flora local. O mar e a sua

vastidão, a profundidade, a força e o mistério são expressos em fluidez, com tons de azul e verde que simulem a imensidão oceânica.

**Figura 72** – Figurino do espetáculo *CorpoMar*



*Arquivo: Arreios Cia de Dança.*

#### **4.6 *CorpoMar*, um jeito de ser e de fazer: o pulsar da vida que chama**

Como em qualquer coletivo, eventualmente podemos disponibilizar de muitos ou poucos integrantes, no entanto, é sabido que nem sempre a presença significa disponibilidade. Como artista da vida, procuro me cercar de pessoas que comunguem de semelhanças daquilo que considero importante para se viver um fazer artístico que encontra eco no próprio viver em comunidade. Nessa caminhada, mesmo pertencendo a uma companhia de dança há 16 anos, levei alguns tempos para perceber minhas confluências, e atualmente, ter uma liberdade de criação artística que me permite propor e compor trabalhos com pessoas que tenho uma afinidade um fazer coletivo.

Durante muito tempo não tive escolha e escuta que me permitissem contribuir para um trabalho que conversasse com a cena e a vida, de forma que não distanciasse o palco de meu ser e fazer no mundo. Essas condições subtraíam de mim a inspiração e a completude de meu ser, me deixando mais próximo de um dançarino que apenas obedecia a comandos do que de

um dançarino-artista que vive e cria o que dança. Essa necessidade latente e pulsante foi cunhando em mim um propósito, o de, assim que possível, convidar pessoas que tivessem como princípio o acolhimento, a escuta e o fazer em coletividade como modo do trabalhar.

Desta forma, surgiu um coletivo dentro da *Cia Arreios de Dança*, onde tenho liberdade para dirigir em coletividade/cardume trabalhos com quem possuo mais afinidade nesse sentido, enquanto existem trabalhos na Cia com outros processos metodológicos. Não se trata de uma ruptura, mas de fazeres autônomos e feituas distintas, o que, de certo modo, contribui para o fortalecimento e diversidade das atividades, pensamentos, comprometimentos e as relações criadas na Cia/Coletivo.

As inspirações de meus trabalhos emergem das problemáticas sociais, das calmarias e belezas e levezas do fazer comum, do dia a dia em comunidade, das verdades simples da vida, dos heróis e heroínas que não usam capas, mas que dão significado a tudo aquilo que considero essencial no mundo. Essas inspirações são levadas ao coletivo como propostas para que ouçam e sintam, de modo que nesse processo de escuta possa surgir verdades de seus contextos individuais que agora são apresentados em conjunto, formando uma praia (lugar de várias coisas) daquilo que o coletivo entende e percebe dessa investigação.

#### **4.7 *CorpoMar*, um jeito de ser e de fazer: o corpo em coletividade**

Após a definição inicial dos territórios e fazeres culturais para dar continuidade aos trabalhos, se iniciam as Semeaduras de Movimentos nascidas dos olhares que cada pessoa tem mais aconchego. Esse primeiro compartilhamento de trabalhos voltada à fisicalidade do movimento dinamiza o processo, pois cada dançarino já carrega consigo sua dançaescritaria de onde dará início aos experimentos em si, e só após, apresentará ao coletivo que sempre acolhe com muito aconchego, ternura e sabedoria. A coletividade é um ato sagrado no *CorpoMar*.

A dinâmica desse processo coletivo faz parte das experimentações que eu realizo com a finalidade de envolver um modo que consiga, juntamente, acolher as pessoas-sementes que formam o coletivo/cardume, envolvendo as oralidades e outras partituras do corpo. Pessoalmente, entendo que esse processo de acolhimento é indispensável para que cada dançarino possa criar em coletivo, sem distinção prévia ou julgamento. Desse modo, todos podem compartilhar suas ideias ao coletivo. Assim, quando acolho o corpo e as territorialidades que já fazem parte de seu repertório, partindo das vivências que são apresentadas pelos dançarinos.

Após uma reflexão do que é apresentado, pelo coletivo ao coletivo, sobre as territorialidades e vivências corporais e dramatúrgicas, consigo ter um olhar mais preciso dos anseios que posso abordar ao longo do tempo. Assim, posso trabalhar em diálogo com um processo contínuo de aprendizagem partindo do acolhimento das marés de cada corpo, pensando caminhos para a Semeadura própria daquele coletivo/cardume.

Os modos de brincar e propor dançaescritaria ao coletivo visam uma mistura de conhecimentos, onde uma pessoa assume uma determinada tarefa, a exemplo de um alongamento ou aquecimento, onde ela traz suas vivências já germinadas e tidos bons frutos, em sua trajetória até ali, compartilhando um saber que anima ao outro/a/e chegar até aquela proposta.

Após essa fase de Semeaduras de movimentos, como frutos dos jogos propostos, são criadas frases coreográficas por cada integrante e, após o tempo necessário de saborear em seu próprio corpo, são compartilhadas ao coletivo, que por sua vez, são semeadas em seus próprios corpos passando muitas vezes por adaptações que dialogam com o percurso criativo.

Nas criações dos solos, os dançarinos têm liberdade para criar e atizar qualquer proposta que acharem interessante e alinhadas à pesquisa da proposta coletiva. Esses solos são criados, treinados e ensaiados em diversos ambientes e períodos até serem compartilhados ao coletivo. Por sua vez, o coletivo, como cardume observador desse processo, envolve suas percepções acolhendo a proposta com uma escuta atenta e acolhedora, tendo igual liberdade para sugerir adaptações que são testadas pelo criador do solo. Nesse pedaço de caminho, essa onda coreográfica (sequência) final tem uma autoria coletiva, mesmo que tenha tido um início individualmente proposto.

Essas ondas coletivas, que podem ou não serem sincronizadas, são propostas e testadas igualmente por todos, sempre levando em consideração a corporeidade e a dramaturgia particular de cada dançarino. Nos casos em que alguém propõe uma onda coreográfica que, no momento, o coletivo não consegue fluir satisfatoriamente, essa onda coreográfica não se perde, pois é desfrutada pelo seu criador em simultâneo ao coletivo.

Mesmo totalmente imersos em todo os processos, o coletivo/cardume busca envolver convidados(as) que compartilhem suas vivências, percepções e observações ao coletivo/cardume, confluindo com a Semeadura Criativa. Essas pessoas partilham olhares acolhedores que seguem na paisagem do *CorpoMar*.

#### **4.8 *CorpoMar*, um jeito de ser e de fazer: quando a leveza sobe aos ambientes dançantes.**

*No CorpoMar a gente vive de pedaços de dançaescritaria.  
Uma dançaescritaria carregada de matutasses interioranas.  
Uma dançaescritaria que se baila em coletividade.  
Uma dançaescritaria que mexe com as normas estruturais.  
(Rito Jesus, 2025)*

Finalizado todo o processo de Semeadura Criativa e combinadas as abordagens, ondas e paisagens do trabalho, bem como já tendo sido ensaiado, revisto, estamos no rumo para apresentá-lo. Em nossa realidade interiorana, as carências de equipamentos culturais adequados às necessidades, em especial da dança, são bem evidentes, mas isso não impede a circularidade do espetáculo.

No entanto, não trabalhamos voltados apenas em busca das condições ideais para apresentar, pois somos sensíveis às nossas comunidades com suas particularidades de modos de ser e perceber o mundo, incluindo sua exposição a um trabalho cênico, trabalhando com o que é possível e disponível na comunidade e acolhendo suas percepções acerca do que é apresentado.

Essa forma de lidar e trabalhar com a diversidade de desafios, nos fortalece enquanto coletivo/cardume, sendo um terreno fértil para cultivar os saberes, as ações e as relações. Quando dançamos nas comunidades praieiras, somos confluídos/as/es a uma vivência que é possível dialogar de uma forma divertida, leve e dançante. O que nos proporciona um estado de presença de cena que tem a areia, a calçada e a praça como um ambiente de celebração e acolhimento. Essas apresentações são partilhadas com experiências e saberes dessas comunidades, cultivando outras Semeaduras tanto pra nós que vamos até elas, como para as pessoas que gentilmente nos acolhem.

Durante todo esse trajeto, que vai do convite ao encontro, da teórica até a prática, da chegada ao ensaio até a finalização das ondas coreográficas, das viagens, da apresentação à comemoração e retorno pra casa, todos esses momentos são momentos de pausa, pausa para um brincar, “achar graça” e “frescar” livre de julgamentos e de certezas, apenas com uma vontade da vida que exige se manifestar.

Tudo isso, apresentado acima, é nossa forma de ser e fazer interiorana, nossa Semeadura, onde fazemos da falta um terreno criador e coletivo, um espaço de escuta e acolhimento, uma desculpa para tá junto na vida e na arte. Nesse rumo d’agua apresento esse modo de ser e fazer como uma inspiração possível para todos os trabalhos artísticos ou não,

para todas as construções de relações ou não, mas que desejam um coletivo saudável e acolhedor.

#### **4.9 *CorpoMar*: tecendo dramaturgias dos corpos e das cenas.**

A dramaturgia do espetáculo *CorpoMar* está presente na produção de um sentido sensível e envolvente, que se baseia pelo seu estradar na área do mar, nas dunas, nas águas salgadas, nas marés, nos barcos e canoas, nas velas, nos caçuaás, na pesca e nas histórias de vida faladas pelos pescadores. *CorpoMar* é puramente desarmônico, não no sentido pejorativo ou negativo, mas em um sentido sensível de ser desarmônico porque não segue uma cronologia de início, meio e fim, nem tampouco algumas vestimentas eurocentradas impostas historicamente.

A cronologia cultivada e as temporalidades dentro dos percursos dramatúrgicos do espetáculo *CorpoMar* são circulares e confluentes, espelhadas pelos olhares para si, acolhendo os ambientes naturais, para os fazeres das comunidades, para os ofícios pesqueiros do homem pescador e trabalhador do mar, para os cardumes e as suas territorialidades, são autorreferenciações.

Nesse semeado de sensações, desejos, danças, realidades, materialidades, coisas e fazeres, a partir da Semeadura Criativa nasce um modo de fazer e de cultivar contra hegemônico, teimoso, desarrumando, estranho, feio, desnudo e engraçado. Brota a desarmonia e a teimosia como um dos principais elementos e rumos para a construção de uma poética que abrace as matutisses das vidas cotidianas interioranas presentes no território de Trairi. Nessa tecitura dramatúrgica conversamos com Thiago Mota, Andrei Bessa e Thereza Rocha, no texto *Memórias forjadas: um documentário dramatúrgico*, trago suas palavras quando eles/ela dizem:

Desabar. Tinha alguma coisa sobre desabamento no texto, do qual, trago algumas. Não lembro. Um corpo em queda, um percurso do desabamento, um processo de derribamento. Reorganizar o corpo que escreve, desorganizar o corpo ao escrever. Abandonar o peso ao chão (TORRES, Thiago Mota; BESSA, Andrei; ROCHA, Thereza, 2020, p. 2).

No *CorpoMar* também acontece uma espécie de desabamento na semeadura dramatúrgica do espetáculo. Nessa dança puramente desarmônica e desorganizada, o fazer comunitário e festeiro ganha uma textura corporal livre das estruturas cênicas estabelecidas, uma dramaturgia que acolhe as realidades interioranas ambientais, pesqueiras e corporais.

Sob este olhar, é importante fazer memória dos locais onde a obra é apresentada, a textura coreográfica, as comunidades, os terreiros e os elementos cênicos envolvidos no percurso. O caçuaá e o rolo de madeira trabalhado na cena do cardume gera imagens e sensações

que fogem de sua estrutura comum, um corpo que se permite cair e rolar no chão, germinando outras reações e sensações.

A festança coqueiral e forrozeira celebrada em uma das cenas, é um convite dramaturgo que nos leva a reviver as alegrias familiares e comunitárias. Nesse ato dramático, as alegrias se manifestam e contam acontecimentos íntimos e das pessoas. Assim, corroboramos com Thiago Mota, Andrei Bessa e Thereza Rocha, quando falam que dramaturgia “é uma ação de sentido(s), que ao mesmo tempo em que está dentro também está fora da ‘obra’, ou da ‘coisa’ se preferirmos chamar assim. E, assim, o dentrofora da ‘coisa’ nos faz perceber que o enquadramento dramático também é um enquadramento social” (2020, p. 3). Nesse rebolado, as coisas vão se germinando e ganhando espaços poucos visitados e ocupados.

## 5 AS SEMEADURAS CRIATIVAS QUE SEGUEM - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa jornada no mestrado de Artes da Universidade Federal do Ceará não me avistei como uma pessoa estranha, mas como parte necessária de uma rede que esteja próxima das comunidades interioranas. Durante todo esse percurso entendi que ambos os territórios e compartilhamentos caminham conjuntamente, cultivando nessa trajetória um conjunto de saberes, poéticas e materialidades. Desse rumo d'água nasce a escritaria como solo fértil que alimenta muitos seres, viveres e caminhos.

Nessa caminhada os estudos, as pesquisas, os momentos conversantes, as relações com os seres humanos e não humanos, as vivências nos ambientes rurais e urbanos, as reflexões geradas com diversas pessoas acerca dessa pesquisa, as apresentações do espetáculo *CorpoMar* realizadas nas comunidades pesqueiras trairienses e em vários outros municípios interioranos, as vivências com os/as/es estudantes da turma de mestrado e os fazeres em coletividade nos levaram para uma recriação do trabalho. E, como resultado dessa trajetória transformadora, apresentamos nessa escrita, a Sementeira Criativa, a terceira versão do espetáculo *CorpoMar*.

Desse solo fértil nasce a Casa de Barro Dona Sebastiana, na comunidade de Caraúbas, Canaan, Trairi/CE. É um ambiente localizado no terreiro de minha mãe, cercado por árvores nativas do lugar, visitado por seres que cantam e se alimentam da natureza que faz desse chão sagrado uma percepção sensível da escritaria. A Casa de Barro Dona Sebastiana é um “terreno de memórias” que convida a universidade para sentir seu chão batido e sua ancestralidade, se tornando uma estrada circular de compartilhamentos. Essa casa de barro é um espaço sagrado, onde as histórias da minha família, da comunidade e da dança se confluem. Cada parede simboliza uma memória, uma emoção e um novo saber. É aqui que encontro abrigo e inspiração para continuar construindo minha arte.

Essa dançaescritaria nos convida para um horizonte onde é possível mirar em diversos frutos que vão velejando mar adentro. O espetáculo *CorpoMar*, que leva consigo seu cardume e suas sementeiras criativas, atravessando espaços e temporalidades poéticas, políticas e sensíveis. A Casa de Barro Dona Sebastiana, levantada na comunidade para a comunidade tendo seu chão um espaço acolhedor para instituições, academias e pessoas diversas.

Frutos que já estão em caminhos novos. A escritaria hoje pesquisa o forró ancestral trairiense, que com a Cia Arreios de Dança vem semeando o espetáculo *Rastros*. Agradeço, então, aos mestres do Forró Trairiense onde posso ser acolhido e abraçado por seus relatos que dançam junto a esta pesquisa. Esta confluência que se faz presente nos meus fazeres comunitário-dançantes.

A escritaria que germina em outras ações. Celebro o projeto *memórias ancestrais: em busca de meus "eus" antepassados*, contemplado nos recursos de fomento à cultura trairiense, com o qual estarei em circulação formativa nas áreas periféricas do município, abordando nossas ancestralidades com a dançaescritaria. Desfruto então deste caminhar que, em movência ou não, me faz sentir o areal sob a planta dos meus pés, que me faz balançar para onde sempre o fruto irá brotar, onde se será semeada a escritaria. Assim, esta é uma Semeadura que não para e que não obedece ao tempo e nem à cronologia enraizada. A escritaria segue os corais e os rumos dos ventos circulares, é em sua essência espiralar.

## REFERÊNCIAS

- BENITES, Sandra. **Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/862934.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- BIENAL INTERNACIONAL DE DANÇA DO CEARÁ (Brasil), [site], 2024. Disponível em: <https://www.bienaldedanca.com> Acesso em: 10 de jan. 2025.
- BRUSSI, Júlia Dias Escobar. **“Batendo Bilros”**: Rendeiras e rendas em Canaan (Trairi–Ce). 2015. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento De Antropologia, Universidade De Brasília, Brasília–DF. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/91142690/4525e39f7d93148c725b9d7e3c52284e06calibre.pdf?1663358432=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DBatendo\\_bilros\\_redeiras\\_e\\_rendas\\_em\\_Can.pdf&Expires=1763342939&Signature=CzkR16g6ojrOhYj0fGhhm7QEJMSD49F8qYRzFVPu0VPr-GdsIPFt1wB09m3ClQAGWPOhAAMkGbpnrYpZIEgefi9SGTLprVHwxQVIYAFQrS55NXb5e1t~IW4gmD~9KRCcfnO7fbhcxY1JCDj8c3IhrNo41equg9nfiZGwXo6bVZQvzdpEiJH5mUHqn7tW~IDHWKM~Y4KzdyIHdOETbzNtJ0y7LsYWQDe5ocK4hRWsX8phUM5R6H170vmMx1XLyDqdIhh0jQpPsloLHc3NKMF~Yp1bzd-jXX4yeWCzMXdkeNPKehHJq7nJ~kOUxTVTarBVkmbXlWpv7DeTc0V9mBASg\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/91142690/4525e39f7d93148c725b9d7e3c52284e06calibre.pdf?1663358432=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DBatendo_bilros_redeiras_e_rendas_em_Can.pdf&Expires=1763342939&Signature=CzkR16g6ojrOhYj0fGhhm7QEJMSD49F8qYRzFVPu0VPr-GdsIPFt1wB09m3ClQAGWPOhAAMkGbpnrYpZIEgefi9SGTLprVHwxQVIYAFQrS55NXb5e1t~IW4gmD~9KRCcfnO7fbhcxY1JCDj8c3IhrNo41equg9nfiZGwXo6bVZQvzdpEiJH5mUHqn7tW~IDHWKM~Y4KzdyIHdOETbzNtJ0y7LsYWQDe5ocK4hRWsX8phUM5R6H170vmMx1XLyDqdIhh0jQpPsloLHc3NKMF~Yp1bzd-jXX4yeWCzMXdkeNPKehHJq7nJ~kOUxTVTarBVkmbXlWpv7DeTc0V9mBASg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 15 nov. 2024.
- CHAVES, Márcio Caires. **Pedagogia Griô e o encantado do griô aprendiz**: caminhada de iniciação de um educador, contador de histórias e mediador político. (Brasil) 2021. 138 f.; il. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), do Departamento de Ciências Exatas, da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IltQUx6ZQQHjF5FtgNigmOA4YcT79S7K/view>. Acesso em 11 dez. 2024.
- DALTRO, Emyle. **Corporrelacionalidades e Coletivo na Composição e Aprendizagem Inventivas em Dança**. 2014. 233f. Tese (Doutorado em Arte)- Departamento de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade Federal de Brasília, Brasília/DF.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OJNIDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Becos+da+mem%C3%B3ria+&ots=pp0sCQve1V&sig=SAc0LsUWTE32\\_ChFvTvqGdWfsHk&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Becos%20da%20mem%C3%B3ria&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OJNIDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Becos+da+mem%C3%B3ria+&ots=pp0sCQve1V&sig=SAc0LsUWTE32_ChFvTvqGdWfsHk&redir_esc=y#v=onepage&q=Becos%20da%20mem%C3%B3ria&f=false). Acesso em: 10 jan. 2025.
- FERREIRA, Jakson W. M. **[poesia]**. PENSADOR, 2024. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzAwMjcwMw/>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2ixQEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=Performances+do+tempo+espiralar:+po%C3%A9ticas+do+corpo-tela.+&ots=VUBFSp-U6R&sig=5bz26kbhRUX->

BLStRDUrWNsfLaE&redir\_esc=y#v=onepage&q=Performances%20do%20tempo%20espiralar%3A%20po%3A%9ticas%20do%20corpo-tela.&f=false. Acesso em: 11 out. 2024.

MORENO, Gerson (Org.) – **Dança Balé Baião: 20 anos em companhia.** – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo Davi de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/OLICAN-2>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PIZANI, Juliana; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 1, p. 115-126, 2010.

REDE DE DANÇA DO CEARÁ. Fortaleza – Ceará, 2023. Disponível em: <https://www.redededanca.org/> Acesso em: 10 de jan. 2025.

REVISTA DEVIRES POÉTICOS. Trairi/Itapipoca, Ceará, v. 1, n. 1, jan/jun. de 2021. Disponível em: [https://mapacultural.itapipoca.ce.gov.br/files/agent/43570/1.\\_revista\\_devires\\_poeticos\\_\\_volume\\_1\\_\\_numero\\_1\\_oficial.pdf](https://mapacultural.itapipoca.ce.gov.br/files/agent/43570/1._revista_devires_poeticos__volume_1__numero_1_oficial.pdf). Acesso em: 6 out. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod\\_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf). Acesso em: 11 de novembro de 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. In: GUERRA, Andréa Maris Campos; MOREIRA, Jacqueline De Oliveira; BISPO, Fábio Santos; SIQUEIRA, Fídias Gomes (orgs.). **Cicatrices da escravidão.** Somos da terra. [recurso eletrônico]: psicanálise em diálogo – Vitória, ES: Edufes, 2023.400 p. ; il. (Coleção Pesquisa Ufes ; 40). Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Bispo-3/publication/371447969\\_Livro\\_40\\_Colecao\\_Pesquisa\\_Ufes\\_-\\_Cicatrices\\_da\\_escravizacao/links/6483e07b79a72237651b3838/Livro-40-Colecao-Pesquisa-Ufes-Cicatrices-da-escravizacao.pdf#page=22](https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Bispo-3/publication/371447969_Livro_40_Colecao_Pesquisa_Ufes_-_Cicatrices_da_escravizacao/links/6483e07b79a72237651b3838/Livro-40-Colecao-Pesquisa-Ufes-Cicatrices-da-escravizacao.pdf#page=22). Acesso em: 23 out. 2024.

SANTOS, Marcos Andrade Alves dos. (org.). **Antologia – 70 anos do município de Trairi.** 1 ed. Trairi/CE: Editora Edições e Publicações, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/juuscelino%20santos/Downloads/crisleme,+11-ribeiro.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio, **O que te assombra?**, [s.l.], [site], 2022. Disponível em: <https://olugar.org/o-que-te-assombra-por-luiz-antonio-simas/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SOARES, Éder. **Forró Ancestral.** [s.l.], [site], 2024. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/6730/>. Acesso em: 01 mar. 2025.

TAC: Temporada de Arte Cearense, [site], 2024. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/projeto/918/>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

TORRES, Thiago Mota; BESSA, Andrei; ROCHA, Thereza. *In*: TORRES, Thiago Mota; BESSA, Andrei; ROCHA, Thereza. **Memórias forjadas**: um documentário dramatúrgico. **REVISTA IAÇÁ**: Artes da Cena, Amapá, v. 3, n. 2, p. 270-283, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/70254/1/2020\\_art\\_tmtorres.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/70254/1/2020_art_tmtorres.pdf). Acesso em: 13 nov.2024.

XAKRIABÁ, Célia. *In*: XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **Revista Piseagrama.org**, Belo Horizonte, v. 14, p. 110-117, 2020. ISSN 2179-4421. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/>. Acesso em: 25 set.2024.

## APÊNDICE A - DE MIM'OLEQUEZA



*Eu-menino.*

*Nascido de parteira, senhora dona Bia.*

*Cria de Sebastiana e seu Fransquinho.*

*Irmão de mais 13.*

*Viveu uma criançada sem traquinagem e nos cuidados dos mais novos e das mais novas.*

*Casinha de barro, pequenos cômodos, redinha fraquinha e chão batido.*

*Comia sentado no chão em pratos sobre uma toalha de surrão.*

*Esconde, esconde, cair no poço e ciranda de roda, suas brincadeiras preferidas.*

*Francisco José Santos da Silva, nome dado.*

*Rito, presente recebido no batizado.*

*Victor, um acontecimento marcado.*

*Rito como aceitação e reconciliação com o passado,*

*um entre de afeto e cumplicidade.*

*Sou de lá! Caraúbas, Canaan, Trairi, Ceará.*

*Artista e pesquisador acadêmico.*

*Professor pulsante, alegre e do verbo “esperançar”.*

*Sou muitos, porque carrego em mim multidões*

*que a vida me presenteou na vida que vivo e na vida que sonho.*

(Rito Jesus, Trairi, 2023)

## APÊNDICE B - MERGULHANÇA ARTÍSTICA

*Caraúbas, Canaan, Trairi/CE, 26 de fevereiro de 2025.*

### **MOMENTO CHEGANÇA**

- Música com os artistas Gelmo Sousa, Thiago Patricio e Antônio Militão.
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.

### **MOMENTO CONVERSANTE I**

- Fala de defesa de mestrado com Rito Jesus.
- Fala da banca de defesa – Rosa Ana, Thereza Rocha e Emyle Daltro.
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.

### **RITO DO LAVA PÉS**

- Mística pés de Dona Sebastiana.
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.
- Mantra: mãe, mulher render com Gelmo Sousa e Thiago Patricio.

### **MOMENTO DANÇAR I**

- Apresentação do espetáculo *CorpoMar* com Sávio Santos e Manoel Saldanha.
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.

### **MOMENTO CONVERSANTE COM OS PESCADORES**

- Fala dos pescadores Seu Militão e Seu João Cristina.
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.

### **MOMENTO DANÇAR II**

- Apresentação do espetáculo *CorpoMar* com Rito Jesus (solo).
- Chão de acolhida: casa de barro Dona Sebastiana.

### **RITO DE PLANTAÇÃO DAS CARAÚBAS**

- Chão de acolhida: terreno da casa de barro.
- Canto com Gelmo Sousa e Thiago Patricio (plantadeira - Isadora Canto)

### **RITO DE AMASSAR O BARRO**

- Lugar de acolhida: quintal da casa de barro.
- Canto com Gelmo Sousa e Thiago Patricio (o barro – Rito Jesus)

### **RITO DE ALIMENTAÇÃO E DESPEDIDA**

- Lugar de acolhida: debaixo do "pé" de pitombeira.

**APÊNDICE C - MERGULHANÇA ARTÍSTICA: MOMENTOS, VIVÊNCIAS, RITO  
DE LAVAS PÉS, ALIMENTAÇÃO, PLANTAÇÃO E DESPEDIDA.**



































“

Eu vim do corpo da minha mãe

Ela me deu semente boa

Nutre meu corpo

Se espalha em bênçãos

Sou plantadeira de semente boa

“

(Canção Plantadeira - Isadora Canto)











